

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

MARIANA DINIZ MENDES

Diários de Maria Isabel Silveira (1880-1965):

Vestígio e inscrição de uma voz comedida

Versão Resumida

São Paulo

2021

MARIANA DINIZ MENDES

Diários de Maria Isabel Silveira (1880-1965):

Vestígio e inscrição de uma voz comedida

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes

Versão Resumida

São Paulo

2021

MENDES, Mariana Diniz. **Diários de Maria Isabel Silveira (1880-1965)**: Vestígio e inscrição de uma voz comedida. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: 29/09/2021

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcos Antonio Moraes (orientador)

Instituição: IEB - USP

Prof.(a). Dr. Fabio Cesar Alves

Instituição: FFLCH - USP

Prof.(a). Dr(a). Maria Helena Pereira Toledo Machado

Instituição: FFLCH - USP

Prof.(a). Dr(a). Eurídice Figueiredo

Instituição: Externo

Ao meu pai, José Milton Benetti Mendes (1946-2000)

e

Às mulheres que pesquisam mulheres

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Ao meu orientador e professor, desde a graduação, Marcos Antonio de Moraes, pela atenção, precisão e generosidade com que vem me guiando. Aprendo com você sobre a necessidade do rigor e da humanidade na pesquisa;

À Elisabete Marins Ribas, Bete querida, por me amadrinhar no maravilhoso mundo dos arquivos pessoais;

Aos professores e mestres que me auxiliaram: José Geraldo Vinci de Moraes, Maria Helena Machado e Fabio Cesar Alves;

Ao Eduardo Marinho, pela revisão atenta;

À Carolina Pulici, inspiração constante;

Aos familiares, amigas e amigos: Alai Garcia Diniz (mãe), João Pedro Spinelli (irmão), Pedro Bennaton (irmão), Carolina Freitas da Cunha (sócia e amiga improvável), Elisa Larroudé (amiga de longa data e dona do melhor colo) e Carlos Rogério Duarte Barreiros (companheiro e guia da caminhada mais importante que escolhi trilhar desde 2018). Graças a vocês não sofri a solidão da pesquisa;

Ao André Rosemberg, pelo apoio constante.

Ao Jorge M. Rosemberg, pela admirável capacidade de compreender a mãe que tem.

RESUMO

MENDES, Mariana Diniz. **Diários de Maria Isabel Silveira (1880-1965):** Vestígio e inscrição de uma voz comedida. 2021. 209 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

A dissertação aborda a gênese dos diários de Maria Isabel Silveira (1880-1965), autora de *Isabel quis Valdomiro* (1962), casada com o escritor e político Valdomiro Silveira (1873–1941), cujo acervo pessoal foi doado ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), em 2006. Em meio aos documentos do arquivo, atualmente sob a guarda da instituição, destaca-se o conjunto de 62 cadernos que pertenceram a Maria Isabel, entre os quais 44 volumes (1925-1965) que acolheram a sua escrita diarística, como registro do cotidiano de sua família, especialmente de seus filhos e, posteriormente, de seu dia a dia, considerando suas leituras literárias. O trabalho focaliza os diários, colocando em pauta a questão da escrita feminina e o memorialismo de mulheres. Maria Isabel Silveira, com rigor e disciplina, escreveu sobre si e, conseqüentemente, sobre sua época. A transcrição fidedigna e a análise do primeiro diário, correspondente a 1925, iluminam a posição social, a ideologia dominante e os papéis esperados de uma mulher de sua classe social – a burguesia que emerge na virada do século XIX para o XX, em cidades como São Paulo e Santos, marcadas pela crescente urbanização e pelos novos hábitos de consumo.

Palavras-chave: Maria Isabel Silveira. Diário. Memória. Narrativas. História das mulheres. Escrita feminina.

ABSTRACT

MENDES, Mariana Diniz. **Diários de Maria Isabel Silveira (1880-1965):** Vestígio e inscrição de uma voz comedida. 2021. 209 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021

The dissertation addresses the genesis of the diaries of Maria Isabel Silveira (1880-1965), author of *Isabel quis Valdomiro* (1962), married to the writer and politician Valdomiro Silveira (1873-1941), whose personal collection was donated to the Instituto de Estudos Brasileiros at Universidade de São Paulo (IEB-USP), in 2006. Among the documents in the archive, currently kept in that institution, is a set of 62 notebooks that belonged to Maria Isabel, including 44 volumes (1925-1965) that contain her diary writing, as a record of her family's daily life, especially of her children and, later, of her daily life, considering her literary readings. The work focuses on diaries, putting in focus the issue of female writing and women's memorialism. Maria Isabel Silveira, with rigor and discipline, wrote about herself and, consequently, about her time. The word-for-word transcription and analysis of the first diary, corresponding to 1925, illuminate the social position, the dominant ideology, and the roles expected of a woman of her social class – the bourgeoisie that emerges at the turn of the 19th to the 20th century, in cities such as São Paulo and Santos, marked by growing urbanization and new consumption habits.

Keywords: Maria Isabel Silveira. Diary. Memory. Narratives. History of women. Female writing.

SUMÁRIO

A ESCRITA COMO LUGAR INTERDITO	9
1. A ESCRITA DE MARIA DA GLÓRIA QUARTIM DE MORAES: ADENTRANDO NO UNIVERSO INTELECTUAL DE MARIA ISABEL SILVEIRA.....	14
1.1. <i>Reminiscências de uma velha</i>	17
1.2. Os anos de formação intelectual e a crítica ao catolicismo	20
1.3. <i>Corpus</i> analisado: aspectos gerais	26
1.3.1. <i>Memórias incontornáveis: vida conjugal</i>	33
1.3.2. <i>Política e engajamento</i>	37
2. OS “DIÁRIOS DOS FILHOS”: BASE DA AUTENTICIDADE DE ISABEL QUIS VALDOMIRO	42
2.1. Apresentando <i>Isabel quis Valdomiro</i>	43
2.2. Apresentando os “Diários dos filhos”	46
2.3. Gênero & Classe	48
2.4. Diário (prática) & Memórias (obra)	50
3. ESTUDO DO DIÁRIO 1 (D-1).....	58
3.1. Análise do Diário 1 (1925): a voz comedida	59
3.1.1. <i>Percurso: do laboratório até a consolidação</i>	60
3.1.2. <i>A novidade: mola propulsora do Diário 1</i>	62
3.1.3. <i>“Mulher leitora” se torna “Mulher consumidora”</i>	66
3.1.4. <i>Diário íntimo x Diário pessoal</i>	70
3.1.5. <i>Espaço inviolável</i>	73
3.1.6. <i>Maria Isabel leitora</i>	75
4. TECENDO COM OS FIOS DA MEMÓRIA.....	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

A ESCRITA COMO LUGAR INTERDITO

Em agosto de 2006, o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP) recebeu documentação do acervo pessoal de Valdomiro Silveira (1873-1941). Nomeado como Fundo Valdomiro Silveira, o acervo reúne manuscritos, cartas, fotografias e livros, que foram doados por Isabel Leal Góes e Ana Maria Leal Góes de Mello, neta e bisneta do autor paulista. Segundo de oito filhos do jurista João Baptista da Silveira e Cristina Alzamora da Silveira, sua biografia é extensa e multifacetada. Natural de Bom Jesus da Cachoeira, atualmente Cachoeira Paulista, Valdomiro muda-se com a família para Casa Branca, cidade que o desperta para os costumes caipiras. Em 1890 ingressa nas arcadas do Largo São Francisco, herdando do pai não apenas a profissão, como também a paixão pelas letras. No período de formação universitária dedica-se a ler os clássicos universais e, em 1894, publica seu primeiro conto regionalista, “Rabicho” no *Diário Popular* de São Paulo. Além de exercer a advocacia, Valdomiro publicou assiduamente na imprensa (seus contos regionalistas saíram nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Comércio de São Paulo* e em revistas, como *Revista do Brasil* e *A Bruxa*) e esteve à frente de cargos políticos – ele foi secretário da Educação do Estado de São Paulo, deputado estadual pelo mesmo estado e vice-presidente da Constituinte Paulista. Em 1909, passou a ocupar a 29ª cadeira da Academia Paulista de Letras. Como escritor, Valdomiro se dedicou a pesquisar o universo caipira. Publicou: *Os caboclos* (1920), *Nas serras e nas furnas* (1931), *Mixuangos* (1937) e *Leréias* (1945, publicado postumamente). Existe ainda um inédito do autor, *Mucufos*, organizado por Alexandre de Oliveira Barbosa em 2007¹. Para alguns estudiosos, como Afrânio Coutinho, Valdomiro é considerado o precursor do regionalismo, pois publicações esparsas de seus contos na imprensa paulista antecedem a obra *Pelo sertão* (1898), do mineiro Afonso Arinos.

Em meio aos documentos de Valdomiro Silveira, destaca-se um conjunto de cadernos de Maria Isabel Silveira (1880-1965), casada com o escritor. Neles, ouve-se a voz de uma mulher que tomou para si o projeto de registrar seu dia a dia regularmente, durante os vários anos de sua longa vida. Ao todo 62 diários seus se misturam à volumosa documentação do marido. No parecer que documenta a doação ao IEB-USP, a professora Telê Ancona Lopez registrou: “Agregado a esse conjunto, o diário de Isabel Silveira surge como um documento

1 BARBOSA, Alexandre de Oliveira. *Edição anotada de Mucufos, coletânea de contos inédita de Valdomiro Silveira*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007. A pesquisa foi orientada pela Profa. Dra. Telê Ancona Lopez.

relevante na esfera da história do cotidiano”². Dos cadernos, 54 acolheram a escrita de Maria Isabel, cobrindo 57 dos 85 anos vividos. Como escritora, Isabel publicou artigos humorísticos na imprensa sob o pseudônimo de “Baronesa de Itororó” e o livro de memórias *Isabel quis Valdomiro*, em 1962, pela editora Francisco Alves, que narra a história de seu casamento e da vida ao lado do marido.

Valdomiro e Isabel casam-se em 1905, em São Paulo, viajam para a lua de mel em Santos, lá se instalam e vivem pelos próximos 36 anos, até a morte dele, em 1941. A cidade é eleita por ser mais saudável ao escritor: “Valdomiro, que padecia terrivelmente de asma, começou a melhorar e a sentir-se mais forte. Ao fim de dois meses tinha melhorado tanto que resolveu abrir escritório em Santos.” (SILVEIRA, 1962, p. 24). Os cinco filhos do casal – Júnia (1906), Valdo (1907), Isa (1910), Belkiss (1912) e Miroel (1914) – passam boa parte da infância e mocidade na residência situada à rua Conselheiro Nébias, 816. A casa recebia com regularidade alguns dos escritores e poetas daquele tempo: Monteiro Lobato, Martins Fontes, Claudio de Souza, Ricardo Gonçalves, Vicente de Carvalho, Francisco Escobar, além de políticos, como Rui Barbosa, por exemplo. Em Santos, Isabel iniciará a escrita de seus inúmeros diários.

Maria Isabel, ao lado de Valdomiro, situa-se em uma rede intelectual no âmbito familiar: Maria da Glória Quartim, a mãe (1850-1937, memorialista), Isa Silveira Leal, filha (1910-1988, escritora e tradutora), Belkiss Silveira Barbuy, filha (1912-, filósofa), Miroel Silveira, filho (1914-1988, escritor, diretor e crítico de teatro), Yone Quartim de Moraes, sobrinha (1916-2000, escritora), Alarico Silveira, (1875-1943, jornalista), Dinah Silveira de Queiroz, sobrinha (1911-1982, romancista), Helena Silveira, sobrinha (1911-1984, cronista), Breno Silveira, cunhado (jornalista), Ênio Silveira, filho do enteado de Isabel (1925-1996, editor) – todos nomes de destaque da época em que viveram.

Os diários de Maria Isabel estão na contramão do diagnóstico mapeado pelas pesquisas acadêmicas que problematizam o escasso material documental (fontes historiográficas e sociológicas) sobre a mulher brasileira. Essa documentação, representando uma exceção nesse contexto, provoca imediatamente a pergunta: quanto do que as mulheres escreveram não terá se perdido? Em seu livro *Álbum de leitura*, Lilian de Lacerda traça o percurso de leitura e escrita de mulheres memorialistas investigando as práticas que cercavam essas atividades entre meados do século XIX e o início do século XX:

2 Memorando (MEMO.Dir/009/IEB/18.08.2006) de doação, presente no processo USP número: 2006.1.182.31.9.

Muitas das autoras não tinham intenção prévia de publicação, visto que, como afirmou Cecília Assis Brasil, a prática da escrita fazia parte de uma rotina de moças que guardavam em seus cadernos amores secretos. Se esse era o propósito, ou um dos propósitos da escrita íntima feminina, seu fim acabava sendo a fogueira, uma vez que os cadernos escondiam mistérios, sentimentos e desejos proibidos pela moral que regia a moça de boa família. (LACERDA, 2003, p. 50).

No âmbito da arquivística, um documento é preservado por ser considerado importante para a memória coletiva, o que torna os arquivos de instituições, públicas ou privadas, intrinsecamente relacionados às esferas de poder. São lugares de legitimação da cultura dominante. A escrita de mulheres representa uma pequena parcela dentro dos arquivos brasileiros. Se as mulheres escreveram muito, esses textos se perderam, e se não foram preservados é de se supor que refletem o silêncio e o silenciamento historicamente impostos ao gênero feminino. Esta questão demonstra o caráter interdisciplinar do presente trabalho por mobilizar um diálogo com diversos saberes – gênero, literatura, arquivística e história social.

Quarta dos nove filhos de Maria da Glória Quartim de Moraes e João Correa de Moraes, Maria Isabel cresceu em uma família em que mãe e pai escreviam. Este, uma figura ausente, cedo abandonou a casa, deixando a prole aos cuidados da mulher. Tal fato é corroborado pela pouca referência a ele nos diários. Se, por um lado, Isabel não teve formação que lhe propiciasse uma profissão formal, por outro teve rica vivência intelectual e cultural. Lia em espanhol, italiano e francês. Ela e os filhos recebiam aulas de canto e piano. Sendo dona casa, esposa e mãe – identidade feminina condizente com sua época, formação e classe social –, o ato de escrever em um diário tornou-se um projeto que ela exerceu com disciplina e constância.

Philippe Lejeune, no prefácio do livro de Françoise Simonet-Tenant, *Le journal intime: genre littéraire et écriture ordinaire*, afirma: “É tão difícil falar sobre o diário íntimo”. (SIMONET-TENANT, 2004, p. 7).³ A complexidade pressupõe enfrentamentos teóricos, críticos e interpretativos. Esta dissertação se consolida como uma primeira etapa de uma análise mais abrangente dos diários de Maria Isabel. A obra de Françoise Simonet-Tenant me guiou, ao discutir características formais do diário, as suas funções, as diferentes faturas do gênero; me apresentou aos clássicos e às fases de sua evolução ao longo do tempo e, sobretudo, me introduziu no seu aspecto multiforme. O diário abriga o paradoxo de resistir às definições precisas, sendo ele facilmente reconhecido pelo leitor quando se tem um em mãos: “[...] é preciso sem dúvida considerar o lugar do diário na fronteira entre literariedade e infra-

³ Todas as citações desta obra foram retiradas da edição *Le journal intime. Genre littéraire et écriture ordinaire*. Paris: Téraèdre, 2004. As traduções são minhas.

literariedade, e seu caráter ambíguo e de múltiplas formas que é onde se funda sua problemática” (SIMONET-TENANT, 2004, p. 12). O diário, enquanto manuscrito, possui um estatuto diverso daquele da de uma obra publicada: “[...] mesmo datilografado, existe apenas um exemplar único, cuja reprodução trai o *status* original.” (JORDANE, 1995, pp. 119-120 *apud* SIMONET-TENANT, 2004, p. 13).

A abundância de cadernos de Maria Isabel Silveira presentes no Fundo Valdomiro Silveira impõe uma delimitação na abordagem. O primeiro capítulo desta dissertação focaliza os escritos de Maria da Glória Quartim de Moraes, vistos na gênese da prática diarística de Maria Isabel. Da mesma maneira que é preciso apresentar Valdomiro para se chegar aos diários, Maria da Glória Quartim de Moraes é a segunda figura incontornável para se compreender a importância da escrita na vida de sua filha. Dos 62 cadernos que compõem o Fundo Valdomiro Silveira, oito não são de Isabel. Seis são de Maria da Glória, carinhosamente conhecida como Maricota⁴. Os cadernos da mãe e da filha, misturados, evidenciam a prática da escrita como parte importante da cultura familiar e o primeiro capítulo desta pesquisa apresentará uma breve análise dos principais temas contidos nos cadernos de Maria da Glória.

O segundo capítulo confronta os dez diários mais antigos encontrados no acervo – “diários dos filhos” – com o livro de memórias *Isabel quis Valdomiro*, pois a memorialista declara terem sido esses diários o alicerce para a obra. A análise apresenta os pontos de contato e as distinções entre o diário (gênero aberto) e as memórias (obra fechada). Em *Isabel quis Valdomiro*, a memorialista conforma sua escrita aos papéis de esposa, mãe e dona de casa, mas se autorrepresenta como protagonista quando se refere a estratégias para vencer a monotonia e conquistar a tão desejada casa própria.

O terceiro capítulo apresenta o estudo do Diário 1, datado de 1925, quando Isabel se concentra exclusivamente em escrever sobre si. A análise mostra o percurso de uma atividade memorialística pelo gênero diarístico até 1925, enfatiza as características que o filiam a uma prática e a uma conduta de vida, destaca os principais aspectos do diário nesse ano – como a contenção, o decoro, a ausência de sentimentalismos ou emoção –, e a construção bem-sucedida de Isabel em transformar o diário em um espaço inviolável. O espectro de leitura, os autores citados e as preferências literárias da diarista são estudados neste capítulo.

A transcrição integral do Diário 1, na parte final da dissertação, ilumina a problemática dos diários femininos. Críticos do gênero concordam que há propensão das mulheres para essa

4 Dois são atribuídos a Isabel (a neta que assinou a doação do acervo ao IEB-USP) e um último, a Júnia, a primogênita do casal, com a finalidade de contar a história da família.

escrita (DIDIER, 1976, pp. 40-41), mas as diaristas femininas ocupam um lugar à sombra. O Diário 1 ratifica a ideia do diário feminino como relacional e familiar, enquanto o masculino é egocêntrico (SIMONET-TENANT, 2004, p. 72). Quando Maria Isabel se apropria da escrita, escolhe um gênero modesto, considerado fácil, que evidencia o conflito inerente à escrita praticada por mulheres como um espaço negado. Conforma-se ao diário como se não quisesse chamar atenção ou ocupar um lugar central de escritora. O Diário 1 é escrito sem que a diarista pareça ter a intenção publicá-lo, sua função é abrigar o cotidiano, registrar o seu dia a dia e o de sua casa. É um diário movido pelos acontecimentos e pelas ações de Maria Isabel. A voz que ecoa das páginas de 1925 é comedida, controlada e se atém a documentar mais a dinâmica familiar do que movimentos internos, de sua alma.

Nos anexos desta dissertação, apresento, em tabelas, o mapeamento dos códigos utilizados por Maria Isabel em seu diário e expressões ligadas a seu humor. Esses dados constituíram matéria para que se pudéssemos compreender a formalização da voz comedida da diarista. As reproduções fotográficas corporificam os diários em imagens.

1. A ESCRITA DE MARIA DA GLÓRIA QUARTIM DE MORAES: ADENTRANDO NO UNIVERSO INTELECTUAL DE MARIA ISABEL SILVEIRA

Entre os 62 cadernos inicialmente atribuídos a Maria Isabel Silveira, seis pertenceram a sua mãe, Maria da Glória Quartim de Moraes (1850-1937), autoria atestada pela caligrafia. Esses diários permitiram uma investigação sobre os paradigmas escriturais de Maria Isabel. A questão, a princípio, concentrou-se em indagar se a escrita da matriarca se configurara como um exemplo para a filha. Em um segundo momento (e com base no material localizado pela pesquisa), Maria da Glória mostrou-se uma mulher ímpar – principalmente considerando a época em que viveu: marcada pela baixa escolaridade feminina (SAFFIOTI, 1976, p. 112), facultando à sua filha uma entrada propícia no universo intelectual. Ao me deparar com uma mulher que muito escreveu e que diz de si: “eu não sou uma mulher, sou uma pedrada. Serei sincera” (MORAES, 1981, p. 9), me pareceu correto interrogar o impacto dessa produção na de Isabel, além de fazer sua voz ressoar fortemente.

Nos estudos sobre as escritas de si, o desenho de uma genealogia mostra-se como estratégia para se buscar elementos que aprofundem a compreensão da autoria. Em “Lima Barreto e a escrita de si”, artigo da historiadora Lilia Moritz Schwarcz, o leitor é apresentado a um breve perfil de João Henriques e D. Amália – pai e mãe do escritor – e na sequência surgem aspectos da personalidade do autor de *Recordações do escrívão Isaías Caminha*:

Lima era, pois, neto de escravizados pelos dois lados. Liberdade e autonomia eram, porém, palavras fortes nesse contexto e no interior da família, com João Henriques e d. Amália parecendo não temer o futuro. Jovens, ela com apenas 16 anos, eles encaram as lentes e não se intimidam diante de tanta modernidade. Já o filho guardaria em seu acervo a lembrança dos dois: o pai com quem conviveria muito e que viraria personagem de um de seus livros e a mãe que morreu cedo, no final de 1887, mas foi sempre uma inspiração, com vários livros e contos do autor sendo dedicados a ela. (SCHWARCZ, 2019, p. 140).

Da mesma forma, Philippe Lejeune, quando se pergunta se um diário pode ter uma gênese, confirma a importância de se rastrear modelos no âmbito familiar, na tradição religiosa ou pedagógica, que serviriam de fonte de inspiração para diaristas (LEJEUNE, 2015, p. 19). Consequentemente, ao perseguir a origem de Maria Isabel escritora, tornou-se evidente a presença da escrita como herança familiar — tanto pelo lado materno quanto paterno, portanto anterior ao casamento com Valdomiro Silveira (escritor proeminente). Considero este aspecto importante, pois seria equivocado supor que o pendor de Isabel pela escrita tivesse nascido

exclusivamente de sua relação com o marido. A documentação comprova que Isabel conviveu no seio de uma família letrada desde a infância.

Ao aprofundar o estudo sobre a produção de Maria da Glória, terei o cuidado de não transferir características da escrita da mãe para a escrita da filha. Os diários de Maria Isabel representam o cerne da pesquisa do qual não pretendo me desviar. E, na medida em que avanço, as obras de uma e outra se distanciam em muitos aspectos, a começar pelas trajetórias e biografias de cada uma. Maricota cedo se vê sem o marido e sua vida é marcada por muitas viagens (Jundiaí, Caxambu, Paris), sua independência a leva a morar anos no Hotel Fraccaroli, em São Paulo, nas imediações da Estação da Luz, sem constituir uma residência fixa. Maria Isabel, diferentemente, não conheceu a Europa; e seu casamento perdurou até 1941, ano da morte de Valdomiro. Mesmo depois, nos mais de vinte anos em que esteve viúva, teve sua identidade atrelada às atividades do lar. Mãe e filha possuem diferentes sociabilidades, mas ambas fizeram da escrita uma prática e um caminho em busca da singularidade. A afirmação da singularidade da mãe se caracteriza pela originalidade, rebeldia, engajamento e visão crítica. A filha se apresenta relativamente confortável em função do gênero e classe social que ocupa, mas desenvolve a estratégia do bom humor como antídoto contra a monotonia.

Na forma, as escritas também se distinguem. Maricota usa e abusa de exclamações e reticências e não se fixa em um único gênero textual, elaborando reminiscências, registros de diário e máximas (reflexões). Isabel desenvolve um estilo regular e constante que bem se conforma ao diário que irá acompanhá-la até o final da vida.

A análise da produção de Maria da Glória se concentra em duas frentes: *Reminiscências de uma velha*, compilação póstuma e autofinanciada por uma das netas, Yone Quartim, e o *corpus* formado pelos seis cadernos, mais as quinze folhas soltas encontrados no acervo do Fundo Valdomiro Silveira, no IEB-USP. Livro e manuscritos se combinam em uma escrita marcada por quatro recorrências temáticas: os anos de formação intelectual, a vida conjugal e familiar, a conversão ao espiritismo, e os assuntos políticos. Em seu pendor para a escrita memorialística, observa-se a intenção de Maricota em se inscrever na história preservando a sua origem e gravando sua importância na posteridade.

Na abertura *Reminiscências de uma velha*, Yone Quartim declara ter atendido ao pedido da avó de reunir suas recordações em uma publicação:

Naquele dia você trouxe seus cadernos, leu trechos encantadores e me pediu: “Quero que você publique isto, um dia. Faça isso por mim”. Eu prometi, mesmo sem ter, naquele momento, a menor possibilidade de cumprir a promessa. Mas prometi. (MORAES, 1981, p. 1).

Apesar do desejo de ter suas memórias publicadas, nota-se, paradoxalmente, a modéstia que chega, de certa maneira, até a desmerecer sua própria literatura, um gesto (ou estratégia?) comum entre mulheres escritoras do século XIX, em face das censuras impostas às condutas femininas:

Estas notas, que escrevo para meu recreio e desabafo, não têm a mínima pretensão literária, visto a minha crassa ignorância. Desconhecendo a gramática e acompanhando sempre discussões entre gramáticos e eruditos, essa, para mim, pavorosa matéria faz-me o efeito de caminhar sobre ruínas de velho convento medieval abandonado, onde tomada de terror, tropeço em pedras que resvalam sob meus pés, mal alumiada por tênue candeia, agitada pelo vento, arriscando-me a quebrar o meu nariz intelectual em velhas sepulturas, aos bramidos dos tais que se esbordoam mutuamente em discussões massudas. (MORAES, 1981, p. 9)

Maria Helena Pereira Toledo Machado, ao se debruçar sobre o romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis identifica o mesmo tipo de rebaixamento:

Firmina assinou seu romance de estreia como “Uma Maranhense”, observando, assim, os preceitos da invisibilidade feminina que regiam a etiqueta literária do período. Seguindo essa regra, logo de início ela se desculpava a insolência de tornar-se autora, relacionando um sem-número de falhas e defeitos que existiam em sua obra. (MACHADO, 2018, pp. 17-18).

Cabe lembrar que a historiadora considera “Álbum” de Maria Firmina “o primeiro diário redigido por uma mulher a ser publicado no Brasil” (*idem*, p. 12).

Reminiscências de uma velha é objeto de estudo de Lilian de Lacerda em *Álbum de leitura: Memórias de vida, histórias de leitoras*. A pesquisadora reúne um amplo leque de obras autobiográficas de autoria feminina para investigar como mulheres brasileiras constituíram-se como leitoras. Constata que muitas narrativas coletadas foram escritas na velhice das memorialistas, começadas depois dos setenta anos. (LACERDA, 2003, p. 20). Sem acesso aos manuscritos, baseando-se apenas nas *Reminiscências*, Lilian de Lacerda não pôde constatar que, no caso de Maricota, narrar-se configurara um projeto antigo: “Estas notas que escrevi para meu desabafo [ilegível] e meu recreio, foram de há muito postas entre papéis velhos. Foram principiadas em 1915 [...]” (Agenda de MGQM).

No prefácio para *Álbum de leitura*, Roger Chartier discute o distanciamento característico entre o tempo da escrita e o tempo de edição, fenômeno que ocorre no caso de Maria da Glória:

A trajetória das narrativas autobiográficas femininas não termina com a sua redação. Com efeito, muitas foram publicadas, porém com uma grande

distância cronológica. O tempo da edição não é o da escrita. No período que as separa se introduzem as múltiplas intervenções que transformam uma escrita pessoal, destinada a leitores familiares e pouco numerosos, num livro que resulta de um trabalho de edição feito, segundo os casos, por membros da família, pesquisadores, ou “copy editors” das editoras [...]. (LACERDA, 2003, p. 19).

A constatação de Chartier sobre essa instabilidade dos textos entre o tempo de escrever e o de publicar ganha delineamento significativo no caso da compilação realizada por Yone Quartim.

1.1. *Reminiscências de uma velha*

O trabalho de compilação e edição de *Reminiscências de uma velha*, realizado por Yone Quartim, mostra-se complexo. O livro compõe-se de uma miscelânea de informações que reúne trechos dos cadernos de Maricota, fotografias, transcrições de documentos do Arquivo Público do Estado de São Paulo, cópias de artigos publicados em jornais e várias genealogias que envolvem a família de Maria da Glória, mas também a de Yone Quartim.

A neta tem intenção de recuperar a história e a vida de Maria da Glória Quartim de Moraes a partir do trabalho de organização, seleção e costura de textos da avó. A capa do livro reproduz uma foto ampliada de Maricota aos 82 anos, sugerindo ser ela a figura central da obra. Porém, quando iniciamos a leitura, percebemos que a presença de Yone Quartim como coautora cresce progressivamente, tornando o livro ambíguo quanto ao formato e à organização de suas várias partes. Pode-se dizer que a obra possui caráter híbrido por mesclar textos diferentes sem apresentar clareza na disposição das vozes e tipos de fontes documentais que o compõem (fotos antigas, cópias de documentos, extratos de matérias de jornais). O leitor pode se perder diante de tantas informações e das inúmeras seções do livro. A obra, de 220 páginas, divide-se em 49 subtítulos. Muitos dos trechos escritos por Maria da Glória que foram incorporados ao livro encontram-se nos cadernos preservados no Fundo Valdomiro Silveira.

A coautora e sua biografia, em *Reminiscências de uma velha*, ganham relevo. No subtítulo 37, “Meu lado materno” (p. 171), Yone Quartim redireciona o foco para iluminar informações sobre seu lado materno. Maria Clara de Carvalho Macedo, mãe de Yone Quartim, foi casada com Carlos (filho de Maricota, assassinado em Bauru). Desse trecho em diante, Maria da Glória perde a centralidade na obra. No entanto, é interessante perceber o entrelaçamento de vidas na construção de um livro memorialístico. Torna-se evidente como são

tênuas as fronteiras narrativas e o quanto pode ser difícil isolar e distinguir biografias sem deixar que uma contamine a outra.

A foto da capa de *Reminiscências de uma velha* tem muito a dizer sobre a faceta engajada de Maria da Glória. Tirada em 1932, ano em que foi permitido o voto feminino, o 3x4 foi clicado com o objetivo de constar no título de eleitora da matriarca, como Yone Quartim faz questão de ressaltar:

Aí está seu livro, vovó, com sua foto 3x4 ampliada na capa, a foto simples como você mesma. Autêntica, sem sofisticação, sem penteados, sem vestidos especiais, sem joias, sem a assinatura do fotógrafo. Aí está você, como você era. Esta foto é um símbolo. Você a tirou para o seu título de eleitora, com a idade de 82 anos. Aí, vó! Dando uma lição de civismo às comodistas. Veio a lei, permitindo o voto feminino, lá estava você, primeirona da fila, com seus cabelos de neve, suas rugas, seu coração vibrando, perfeito, modelo 1850. (MORAES, 1981, p. 9).

O retrato simboliza a relação de proximidade de Maricota com assuntos políticos, mas, curiosamente, essa faceta não é explorada nas *Reminiscências de uma velha*, anulando-se esse lado mais controverso de Maricota. No entanto, é evidente que o tema possui centralidade nos escritos de Maria da Glória.

A compilação de Yone recupera dados essenciais sobre a família de Maria Isabel. Lança luz sobre João Corrêa de Moraes, marido de Maricota, figura apagada nos diários de Maria Isabel. A neta de Maricota informa:

O Corrêa de Moraes era assíduo colaborador do *Correio Paulistano*. Nele publicava trabalhos em prosa e em verso inclusive, de tempo em tempo, algumas quadrinhas amorosas de pouco valor literário, com a assinatura Erasmo e a dedicatória *A ti* bastante vaga, mas por isso mesmo de aplicação mais ampla. (MORAES, 1981, p. 68).

Também fornece dados biográficos acerca de Henriqueta Molina Quartim (1828-1915), avó de Maria Isabel, apresentada como mulher instruída, possuindo uma letra “litográfica” – termo que interpreto como uma letra bem traçada e legível. O trecho reforça o apreço de Maria da Glória pela leitura desde a sua infância:

O meu leito de menina e moça era de vez em quando varejado por minha mãe que, não raro, lá encontrava contrabando embaixo do colchão e... coisa horrorosa! Muitas vezes fornecido por um Voltariano, o Brigadeiro Oliveira, que muito me queria, dizendo-se meu parente por ser primo irmão de minha bisavó materna, distinta e heroica senhora paulista, ilustrada para aquela época, pois ensinou a ler e a escrever à minha mãe e minhas tias e que, ao contrário de mim, possuíam uma letra litográfica! (MORAES, 1981, p. 9).

Quando se observa o campo semântico mobilizado para caracterizar Maria da Glória, tem-se clareza do impacto de sua personalidade na geração de mulheres que a sucederam. Vista como independente, culta, crítica e de personalidade forte, Maricota, à sua maneira, parecia colidir com o que se esperava de mulheres de sua época (decoro, discrição, obediência ao marido).

Tanto a neta quanto a filha manifestam orgulho por descenderem da matriarca. Yone assim dirige-se à avó, na abertura das *Reminiscências de uma velha*:

Você, na sua **independência**, morando no Hotel Fraccaroli, passando o dia conosco, brindando-nos com sua prosa de mulher **culta e espirituosa**, transmitindo-nos suas experiências, suas emoções. Ah! Vovó, que saudade! Você se embalava em nossa velha cadeira de balanço austríaca, com os braços apoiados nos da cadeira, os dedos cobertos de anéis de pedras brasileiras que você trazia de sua querida Caxambu, suas mãos dedilhavam nosso piano. E as histórias engraçadas de seu tempo de jovem que você contava, acrescidas da **crítica maliciosa** que você manobrava com maestria. Puxa, vovó, como era bom! (MORAES, 1981, p. 1, grifos nossos)⁵.

Lê-se em *Isabel quis Valdomiro*:

Minha mãe, Maria da Glória (só a chamavam de Maricota), era uma criatura de **forte personalidade, originalíssima**. Meus filhos não têm a puxar cabeça apenas do lado Silveira, pois também **minha velha, nascida numa época em que se negava à mulher até o direito de aprender a ler e a escrever, soubera abrir seu caminho lendo, investigando, convivendo com homens de cultura. Sua roda não se compunha de comadres idiotas, e sim das mais sólidas culturas do seu tempo**: o Brigadeiro Machado de Oliveira, Pedro Taques, Padre Valadão, Emilio Vautier, Manoel Dias de Toledo Júnior, Américo de Campos, dom Manoel do Vale, Dr. Vicente Cabral, Huascar [de] Vergara, Luís Gama, Crispiniano Soares, Ângelo Agostini, Joaquim Augusto e Júlia Azevedo e tantos outros. Como tantos espíritos de seu tempo sofrera influência voltairiana, e **tendia para o materialismo e a sátira**. Muitos anos mais tarde, porém, quando perdeu meu mano Carlos, barbaramente assassinado em Bauru, passou por uma crise religiosa e converteu-se ao espiritismo, em cuja crença morreu aos 86 anos de idade, no ano de 1937. (SILVEIRA, 1962, p. 161, grifos nossos).

⁵ Os grifos têm a função de destacar a análise sobre a transcrição.

1.2. Os anos de formação intelectual e a crítica ao catolicismo

Neta e filha de Maricota acentuam qualidades raras às mulheres nascidas no Brasil em meados do século XIX: autonomia e posicionamento crítico. A independência na vida adulta se apresentou quando Maria da Glória foi deixada pelo marido. Após esse acontecimento, não se casou mais e viveu sem fixar residência. Portanto, a emancipação é um fato em sua trajetória. Porém, o que está em jogo, quando se menciona o tom crítico e satírico de Maria da Glória? Quais os objetos de suas críticas? Identifico, primeiramente, o catolicismo como alvo de suas reprovações, fortemente relacionado à infância e aos anos de formação da matriarca.

Os estudos de história e sociologia especificamente voltados para a questão de gênero, no Brasil, permitem traçar um paralelo entre os anos de escolaridade de Maricota e a crítica que ela fazia ao catolicismo. A sua infância e o período de formação coincidem com o contexto da fase pré-republicana.

Heleieth Saffioti, em *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, se dedica a investigar qual teria sido o valor dado à formação feminina, desde o período colonial até os dois decênios que antecederam a Proclamação da República. Nos capítulos “A instrução feminina na colônia e no império” e “A instrução feminina na perspectiva das correntes de pensamento da fase pré-republicana”, a pesquisadora analisa o tema partindo da criação das primeiras escolas como obra dos jesuítas, estendendo-se ao período marcado pela agitação de ideias inspiradas no liberalismo e cientificismo estrangeiros, influentes para transformar a estrutura social brasileira. Em 1832, Nísia Floresta traduz e publica *Vindications for the Rights of Woman* (1792), da escritora inglesa Mary Wollstonecraft. O clima conturbado gera questionamentos e uma parcela da sociedade se volta contra os discursos predominantemente masculinos. O baixo nível de educação feminina era uma realidade. Os papéis sociais da mulher e suas necessidades de instrução eram pensados em consonância com as reformas sociais e políticas que as correntes da época pretendiam realizar. Segundo Heleieth Saffioti, a Igreja Católica representou o pensamento conservador que se esforçava para preservar a estrutura patriarcal, “alegando as diferenças básicas entre o homem e a mulher, uma correspondente desigualdade no plano das capacidades civis e políticas”. (SAFFIOTI, 1976, p. 112).

Maricota critica as ações educacionais da Igreja Católica durante o Império. O chefe da família e a autoridade moral da Igreja, representada pelos padres, não desejavam tornar a mulher um ser instruído. No Brasil, a instrução se inicia com os jesuítas, como modo de catequização dos filhos menores dos colonos brancos e dos índios. As escolas de primeiras letras e os colégios foram fundados por eles desde o primeiro século de colonização e, no século XVIII, quando

expulsos, contavam com expressiva rede de ensino. A tradição ibérica reservava à mulher o lugar de inferioridade social, tendo como ideal da educação feminina as prendas domésticas. (SAFFIOTI, 1976, p. 102-105).

Maria da Glória conta em suas memórias:

[...] fui à missa das 9, no Seminário, acompanhando-a no livro de missa... “Sanctus, sanctus, sanctus: Dominus Deus Sabaoth – Santo, santo, santo é o Senhor Deus dos Exércitos!” Deus dos Exércitos? Pois há um deus para tais horrores? Havia! Não era o Deus barbudo, de camisolão, carrancudo, feroz, cheio de pequenez, o Deus de Israel, sempre de cara enfarruscada, ameaçador e vingativo, que conhecera na Bíblia? Não submergira no Dilúvio Universal a humanidade inteira? Não destruíra Sodoma e Gomorra e, mais tarde, Herculano e Pompéia? Mas, onde o meu raciocínio emperrava e murchava as orelhas era quando se tratava do Mistério da Santíssima Trindade (P[ergunta]. O Pai é Deus? O Filho é Deus? O Espírito Santo é Deus? R. Sim. P. São 3 Deuses? R[esposta]. Não. São 3 sendo um só verdadeiro). (**Tirada da Cartilha da Doutrina Católica, estudo obrigatório das escolas – 1850 a 1868. Isto todos os dias**) [...] **Era muito jovem e, na educação católica nesse tempo, não encontrava senão dúvida e esterilidade! Tornei-me revoltada, descrente e ímpia** e, conquanto os **bons livros** me inspirassem o sentimento do dever, do qual fiz a minha religião, dizia-me muitas vezes: farei o bem de graça! **Ajudada fui, e muito, pelas tendências intelectuais**, um tanto ou muito idealista e, tendo pelo belo, em todas as manifestações, um refúgio – a sede do Infinito! (MORAES, 1981, p. 10-11, grifos nossos).

Emergem do discurso de Maricota testemunhos acerca da formação escolar no Brasil imperial, em particular no que se refere às mulheres. Era um hábito moças serem recebidas como pensionistas em Colégios centrados na figura de uma educadora, geralmente senhoras que ensinavam costura e bordado, religião e rudimentos de aritmética. No início do século XIX, as mestras eram portuguesas e francesas, mais tarde vieram também as alemãs, que contribuíam para ampliar o tímido universo intelectual da mulher brasileira. A ideia de proporcionar instrução ao sexo feminino aparece pela primeira vez na Constituição de 1823, mas só em 1827 é que se constitui como um projeto concreto:

A lei em que fora convertido o projeto de ensino a 15-10-1827 isenta a mestra da necessidade de ensinar noções de geometria e restringe o ensino de aritmética nas escolas de meninas às quatro operações. Acabara-se, pois, por introduzir as diferenças entre os currículos das escolas primárias masculinas e femininas, o que representava uma decorrência da visão que se tinha dos papéis sociais da mulher, para a qual de nada serviria o conhecimento da geometria, e ainda do conhecimento, que se tinha do grau de ignorância das senhoras que se candidatariam aos postos magisteriais. (SAFFIOTI, 1976, p. 107).

Ao explicar que a maior dificuldade da aplicação da lei de 1827 estava em serem preenchidas as cadeiras das escolas femininas, Heleieth Saffioti corrobora o comentário de Maricota: “o ensino para as mestras era cômodo.” A pontuação recheada de exclamações revela o tom de revolta e indignação em testemunhos que não raro são acompanhados do sentido de agressão e violência. As professoras dominavam as prendas domésticas, mas conheciam mal o currículo que deveriam ensinar, sendo baixíssimo o nível de ensino nas escolas femininas cujas professoras estiveram tradicionalmente à margem do saber.

Maria da Glória testemunha os percalços de seu percurso formativo:

Aos 5 anos, embora débil e franzina, **entrei para o Colégio de Da. Maria Amaral**, respeitável rio-grandense, baixa e gorda. [...] Quando fui para esse colégio, já soletrava carta de nomes e bem me lembro de umas varadas de marmelo ministradas por minha mãe, que não tinha bossa para ensinar. Fui a menor das crianças que lá estavam e muito lisonjeada por Da. Maria, que falava em pôr-me numa redoma de vidro de grandes mangas, que nesse tempo usavam por com os castiçais dentro. Aprendi a ler rapidamente e deram-me um livro, naquele tempo muito em uso: *A viagem da Polônia*, do Conselheiro Bastos, um verdadeiro tratado de política social. Isso influenciou em mim para gostar de leituras sérias.

Já se sabe, o ensino para as mestras era cômodo. Explicar e interpretar não se usava! A palmatória era grande auxiliar do ensino, ou então, ficar de joelhos!

Não obstante ser tão pequena, tendo feito uma escrita acompanhada por uma colega já grande, esta pôs-se a conversar com uma outra, enquanto eu terminava a minha escrita e assinava. Levei-a a Da. Maria Amaral: achou a letra “M” da minha assinatura parecida com a da minha colega e disse: “A senhora não fez esse M?”. Afirmei-lhe que eu mesma a tinha feito. “Então faça outro”, disse ela, e pôs o papel sobre uma meia cômoda mais alta, o que fez com que a letra saísse diferente. “Já de joelhos!”. Ela me chamou novamente: “Diga a verdade, quem fez o M?” Disse: “fui eu!” Ela se indignou. Eu já havia ficado humildemente de joelhos, algum tempo. E, então, num esforço de raciocínio, disse-lhe: “Ela me ensinou!” julgando eu que seria natural que eu lhe tomasse o talhe de letra. Como é delicada a criança! E quão raros são os que têm o tato necessário para encaminhá-la! Quantas reflexões da inépcia, da injustiça humana me trouxe este fato! (MORAES, 1981, pp. 12 e 13, grifos nossos).

Segundo Heleieth Saffioti, a primeira lei a reger o ensino voltado ao sexo feminino acabou reforçando a discriminação dos sexos:

A realidade brasileira frustrava, assim, a aplicação do primeiro plano de educação feminina, o qual oferecia à mulher o mínimo em matéria de instrução. Na verdade, a lei de 1827 constituía um verdadeiro instrumento de discriminação dos sexos. Embora fosse a primeira legislação concedendo à mulher o direito de instrução e daí constituir um marco histórico, só admitia

as meninas nas escolas de primeiro grau, ou seja, nas pedagogias, reservando os níveis mais altos – liceus, ginásios e academias – para a população masculina. Não se admitindo a educação, fenômeno de difícil penetração nos países essencialmente católicos, continuava-se a valorizar, no curriculum das escolas femininas, muito mais a educação da agulha do que a instrução. (SAFFIOTI, 1976, p. 109).

Chamam a atenção os termos e expressões empregados por Maria da Glória para descrever, tanto o ambiente escolar, quanto o doméstico. São vistos como espaços hostis, marcados por castigos e agressões, cenários de dominação em que se impunham controle e obediência. Desde os tempos coloniais, com os jesuítas e franciscanos, a escola usou de castigos corporais como prática disciplinar. Nos anos de escolarização de Maricota, não havia unanimidade sobre a aprovação dessa prática. Algumas famílias protestavam e denunciavam o método, outras o defendiam. Estudiosas da área da educação indicam que “apesar das primeiras leis gerais do ensino do Império, tanto a de 1827, quanto a de 1854, não referirem a aplicação de castigos físicos, nem por isso deixou de ser prática comum nas escolas.” (CARVALHO *et al.*, 2019, p. 30).

Henriqueta Quartim, pelos depoimentos da filha, fazia parte do grupo de pais que aprovava essa pedagogia:

Estive no Colégio da D. Maria Amaral 9 meses. Passei para o de D. Rita Leopoldina da Silva (alta, magra, cabelos pretos e lisos e olhos azuis. **Severa** e frenética) [...]. D. Rita que tinha fama de **braba** (e foi por isso que fui para lá, por mamãe especialmente recomendada, visto ser mal inclinada). D. Rita que era **severa**, exigente, **áspera** e dada a enxaquecas periódicas, tomou a sério a incumbência. Chamou-me especialmente para a sua sala, onde lecionava piano e lá tive de sofrer as suas contínuas e ácidas enxaquecas, por causa, já se sabe, da minha caligrafia e as hastes que ora pendiam para a direita, ora para a esquerda, eram medidas à régua e apagadas freneticamente pelo seu dedo molhado em ácida saliva!

[...] Estudei muito e com ardor. Também, não era poupada! Como tinha má caligrafia, tinha de perder imenso tempo a passar a limpo tudo que escrevia, não obstante ter de corrigir erros das outras que tinham bela caligrafia. A professora pôs na minha gramática Savenne a data de 1º de agosto de 1860. Tinha eu, portanto, 10 anos incompletos.

Saía de casa às 8 horas da manhã, com café e um pão de 2 vinténs (Oh! Os famosos pães daquele tempo!). Em compensação **as escolas eram bárbaras** e a de D. Rita tinha fama! Saía-se ao meio-dia, isto é, saíam as outras, eu ficava enchendo papel, com as passagens a limpo e ficava em jejum até as 2 horas! Nem que me mandassem buscar, não deixavam sair. Jantava no colégio, não ia à mesa; punham num prato fundo feijão, couve verde, farinha, carne e uma banana. Mais tarde soube que uma menina, por não saber uma lição de cor, lá

dormira no colégio! Pela manhã cedo, Da. Rita fora tomar-lhe a lição. A menina, chorando e amassando as saias, deu a lição!
De higiene não se cogitava! Nem se falava! (MORAES, 1981, pp. 14; 15, grifos nossos).

Maricota, faminta de leituras, oprimida no espaço escolar, encontra no ambiente familiar o descaso da mãe que cobra disciplina, sem perceber a precariedade da saúde da filha, que emagrece. A presença de um médico resulta apenas da intervenção de uma avó. No universo infantil de Maricota, os livros e as atividades relacionadas à formação escolar (decorar a gramática, ter aulas de francês e fazer tradução) poderiam simbolizar um refúgio, espaço de bem-estar e estímulo, em contraponto à violência educacional e ao autoritarismo familiar:

Tinha-se de decorar a Gramática Savenne e escrever verbos. Nunca encontrei a mínima dificuldade nos estudos, porém **definhava** a olhos vistos. Minha mãe tinha muitos filhos, amiúde, eu fui a primeira. Nessa época, apareceram as máquinas de costura, ela estava sempre sentada na sua máquina de pés. Saindo às 8 da manhã e voltando às 2, ela entretida na costura, mal me via! Minha avó materna, Rosa Molina, que ia sempre em visita à sua amiga, [...] viu-me e ficou espantada do meu definhamento!

Já há alguns dias que eu subia os degraus da casa encostada na pajem. O fastio era imenso! Apetecia apenas um pouquinho de feijão com gordura fria. Foi isto em meados de outubro e, nessa tarde, estava traduzindo a descrição da Ilha de Calipso (*Telêmaco* de Fénelon), que tanto me enlevava!... É preciso dizer que as aulas, para mim, eram também à tarde. Voltava-se às 2 e saía-se às 5. **As aulas à tarde eram só para mim, para as outras eram trabalhos de agulha.** Minha mãe recomendara que eu tivesse aulas de francês à tarde. Isto explica como podia já traduzir *Telêmaco*, em menos de três meses. Foi o último dia de aula. Mamãe, atendendo ao recado de Vovó Rosa, reparou, então, em mim. Pela manhã, ao acordar com cicio de vozes discretas, pude ver meus pais e o médico francês, dr. Margais, rodeando meu leito. Ele proibiu que eu pegasse em livros, mandou-me que saísse a passeio, tomando leite ao pé da vaca, todas as manhãs.

Revigorei logo com tal regime. Fui criada sempre **com a maior severidade e rispidez**, além do mais sendo analisada por minha mãe como mal inclinada! (MORAES, 1981, pp. 15; 16, grifos nossos).

Essa passagem biográfica, com algumas mudanças, é encontrada em um dos cadernos de Maria da Glória, conservado por Maria Isabel:

Distinguida sempre em análise gramatical, a professora quando estavam todas as alunas na mesa, não me interrogava... passava por mim! Sempre acontecia nenhuma responder. Ela então dizia-me: responda! O que era certo de minha parte. A professora pôs na minha gramática Savenne a data 1º de agosto de 1860. Em princípios de Outubro, estava traduzindo *Telêmaco* encantada com

a discrição da Ilha de Calypso, mas com febre e havia já muitos dias que pedia a pajem que me ajudasse a subir a escada!

Criada com rigor e aspereza e abandono e com fastio incrível teria perecido se minha avó Rosa Molina, prevenida pela Ima. casada com o Im. Costa e Silva não falasse na minha magreza e palidez.

[...] Não ousava queixar-me: dias antes mandei dizer a minha mãe: que estava com dores no estômago. Da máquina onde cosia ficou furiosa! E mandou-me para o colégio, não obstante nunca ter demonstrado gostar de faltar.

Na manhã seguinte acordei com o ciciar de vozes... era meu pai, minha mãe e o médico francês Dr. Marquois, que fez me sair do colégio proibindo-me de pegar em livro, [ir] passear todas as manhãs, tomar leite ao pé da vaca. Melhorei logo. Estive na vadiação 7 meses. Isto foi em outubro, em novembro fiz 10 anos. Reentrei no colégio dali a pouco passava as colegas.

Dali a pouco viriam os exames! Fui retirada do colégio. As professoras ficaram furiosas porque contavam comigo!

O pretexto da saída era eu estar crescida e não poder andar na rua!... De modo que não colhi o fruto do meu esforço. Foi um capricho de minha mãe!

Sou de pequena estatura e era miudinha, não havia inconveniente ir à escola acompanhada como era uso então. (Caderno 2 de MGQM).

A crítica de Maria da Glória ao catolicismo indica os obstáculos vividos por mulheres dessa época. Em seu relato, evidenciam-se as obstruções históricas e culturais enfrentadas pelas mulheres de classes privilegiadas que desejavam se alfabetizar e se autonomizar intelectualmente. Espaços de formação ainda estavam em construção; não havia instituições para educar ou formar essas mulheres, além de não haver aceitação social da mulher no campo profissional (SIMIONI, 2008, p. 91). É um passado que parece longínquo, em um primeiro momento, mas que expõe as entranhas da ainda existente herança patriarcal.

As mulheres que desejavam estudar lidavam com a dificuldade de ingressar nas instituições oficiais de ensino superior, uma vez que, legalmente, seus cursos só começaram a ser-lhes facultados em 1879. Nessa data, foi-lhes permitida a inscrição nas faculdades de medicina e direito. As demais instituições abriram as suas portas às mulheres apenas com a Proclamação da República, por meio de decreto firmado em 1892. Mesmo após caírem as restrições jurídicas, havia empecilhos, pois eram poucas as escolas de segundo grau cujo currículo lhes habilitavam a prestar, com sucesso, os exames de admissão (SIMIONI, 2008, p. 92).

Portanto, o contexto histórico da infância de Maria da Glória oprimia as mulheres que desejassem ler, escrever e pensar livremente. Paralelamente, uma literatura foi sendo formada sem integrar o sexo feminino. Mulheres que escreviam estavam à margem do sistema literário brasileiro e se restringiam a colaborar em periódicos de vida curta ou possuíam leitores restritos

ao círculo doméstico, como no caso de Maricota, que tinha suas memórias conhecidas por boa parte da família. Assim, é possível compreender como vários trabalhos de autoria feminina permaneceram soterrados.

Maria da Glória funda uma biografia fora do espaço familiar. A partir de certo momento, não tem mais o compromisso de cuidar da casa (ela reside durante anos no Hotel Fraccaroli), dos filhos (que já tinham crescido) e do marido (que cedo a abandonou), podendo assim, escrever sua vida. Alguns acontecimentos se impõem, diversas vezes retomados em suas memórias, como a mudança para Bagagem (Minas Gerais), a conversão ao espiritismo, a opressão vivida no casamento. Os sentimentos de rebeldia, indignação e injustiça também a levaram à escrita.

A partir do século XVIII, na Europa, um número expressivo de mulheres que escrevem memórias começa aparecer. Cada uma traz consigo uma história social, um percurso geográfico e um conjunto de textos mediados pelas condições políticas e culturais em que viveram. No Brasil, por sua vez, as memorialistas geralmente permanecem à margem do universo literário. Mesmo depois de terem publicado suas memórias, a maioria dessas autoras permaneceu ignorada (VIANA, 1993, p. 14).

1.3. *Corpus* analisado: aspectos gerais

Os seis cadernos de Maricota encontrados no acervo de Valdomiro Silveira, junto aos diários de Maria Isabel, abarcam, esgarçadamente, períodos variados. Distinguem-se da prática diarística de Maria Isabel, que cobre um amplo arco temporal, apresentando regularidade nos registros. A heterogênea produção memorialística da matriarca – relatos, entradas de diário, receitas culinárias, anotação de despesas e máximas – indicia os muitos assuntos que lhe interessavam, revelando a sua vivacidade mental. Três eixos, contudo, ganham relevo: a vida conjugal, a sociabilidade familiar e os assuntos políticos.

A letra de Maricota se parece com a de Isabel, mas é menos legível, de tamanho menor e menos arredondada. Fascinou-me perceber o quanto a caligrafia também herda características. A transcrição do material foi mais trabalhosa em comparação ao tempo dedicado para transcrever os diários da filha, resultando na maior quantidade de palavras não decifradas⁶. No

⁶ A impossibilidade de consultar o acervo durante a pandemia (desde 14/03/21) dificultou o trabalho de transcrição, pois as fotos que serviram de base para a transcrição não puderam ser confrontadas com os originais.

estilo, Maricota apresenta um rico vocabulário, possui linguagem correta gramaticalmente e a ênfase que emprega em seu discurso pode causar, em alguns trechos, estranhamento. Algumas construções sintáticas parecem não fazer sentido, às vezes faltam elementos gramaticais, mas na convivência com o material, noto a dicção de um pensamento ágil que a escrita, em alguns casos, não acompanha.

Cinco dos seis cadernos de Maricota se aproximam no conteúdo e na materialidade, identificados com o modelo preferido de Maria Isabel: capas de estilo marmorizado, miolos pautados e medidas no padrão 16 x 24 cm. Em um deles há um carimbo indicando a papelaria onde fora comprado: “Bazar ‘A Normalista’ Livraria e Papelaria S. Faraco. Rua 7 de Abril 12 S. Paulo”. O sexto volume não é um caderno, mas uma “Carteira Commercial Paulista” de 1922, agenda grande (37 x 13,5 cm), onde Maricota anota informações úteis, como datas de vencimento de impostos, taxas do correio, medidas e pesos americanos e nomes de ruas de São Paulo. Nessa agenda, a matriarca também registra textos variados, entre 1924 e 1927. Uma capa reveste essa agenda, uma espécie de papel de embrulhar presente com figuras de cavalos em tons de amarelo e marrom. Suspeito que a capa original seja composta de logotipos (comerciais), pois é esse o estilo (repleto de informações adicionais e propagandas) do miolo.

A agenda reúne todas as modalidades de escrita desenvolvidas pela matriarca. A anotação de 1º de janeiro de 1922, uma entrada de diário, narra a passagem de ano e o que ela fez durante o dia. Na sequência, dando espaço de duas linhas, inclui uma de suas máximas:

Hotel Fraccaroli⁷. Estiveram aqui desde a véspera Nenezinha, Isa, minha cunhada Maria e as filhas, mais Hugo e José Arruda. Dormiram e almoçaram. A noite fui de automóvel dar um passeio pela Avenida Grande a convite do Hugo, indo Helena, Nenezinha e Isa. Terminou o passeio com o Cinema Central.

As más palavras nascem dos maus pensamentos e estes dirigem os sentimentos do coração. Quantas vitórias para o bem, trazem as boas palavras? Se elas inspiram esperanças são como a água com que se orvalham as plantas, que morreriam ressequidas!... Temos todos em nossas mãos fazer tanto bem... e tanto mal!... Para mim não há⁸ maior crime do que o da indiferença. (Agenda de MGQM, 1º de janeiro de 1922).

No alto da página, em um registro que parece ter sido acrescentado posteriormente – a tinta da caneta não é a mesma e a frase está em destaque – Maricota designa a agenda como um

7 A localização da escrita está na primeira linha, onde consta o dia da semana, “Domingo”, o numeral correspondente ao dia, “1” e é acrescentado a caneta o ano 1922.

8 MGQM corrige a primeira parte da frase inserindo “mim” e “há”. No primeiro jato da escrita saiu: “Para não”.

bem a ser herdado por uma das filhas: “Por minha morte este livro será de Nenezinha.”, evidenciando a importância que ela dava à sua produção. Essa mesma página contém mais três blocos de anotações, o primeiro deles, indicando despesas: “Vencem-se os juros de 30000 trinta contos emprestados a Câmara Municipal de Santos, no dia 18 de Julho, juros de 12 por cento.” Os outros dois blocos de texto estão ilegíveis.

Receitas culinárias podem aparecer na mesma página em que ela rememora a morte de um filho. Maricota não organiza os assuntos, mas dá atenção à cronologia. Na página 3 de janeiro, por exemplo, corrige uma data de registro, em respeito ao calendário: “Esta página foi escrita aqui por engano. Pertence ao dia 6”. Em outra ocasião, ao anotar uma receita, acrescenta o ano (1926), para documentar que a anotação não corresponde ao 1922 da agenda.

Dois dos seis cadernos são cópias passadas a limpo das máximas criadas por Maria da Glória. Um deles contém na primeira página a letra de Isabel e na sequência a caligrafia de Júnia, a primogênita de Isabel e Valdomiro. A cópia parece indicar a intenção dos familiares de publicar os escritos de Maria da Glória em livro. Os fragmentos, nos seis cadernos, fixando reflexões Maricota, possuem um estilo pessoal; tratam de assuntos religiosos, sociais, filosóficos e políticos. Alguns aparecem inúmeras vezes, como no caso de: “República – uma coisa que se faz, para aquilo que não se faz”. Além de ser um dos mais recorrentes, vem sempre acompanhado de outra consideração política: “Monarquia – manjar de sustância, ocasiona dor de violentas indigestões”. Uma das máximas revela a atenção dada por Maricota aos assuntos relacionados às mudanças sociais ligadas ao gênero feminino: “Divórcio = uma lei que deve existir, para não se usar.” (Agenda de MGQM, 18 de outubro de 1925). Nesses fragmentos, apreendo a perspicácia, a inteligência maliciosa e a vivacidade do pensamento de Maria da Glória.

Maricota usa e abusa das exclamações e reticências, tornando-os sinais característicos de sua redação. Nas máximas, emprega usualmente os dois traços paralelos, indicando “igual a”:

República = uma coisa que se fez, para aquilo que não se faz!
Monarquia = manjar de substância, ocasionador de violentas indigestões!
Maria Antonieta, Luiz 16 de França, Carlos 1º de Inglaterra, D. Luiz e D. Carlos de Portugal e mais o Czar, ilustres vítimas das mesmas!
Políticos = gente que sofre de antares: Campos Salles e Paulo Orozimbo, Carlos de Campos e seu séquito de apaches.
Senadores e deputados = [ilegível] Martinhos das depurações! Aqueles que manejam a mão de pilão dos impostos!
Jurisprudência = novelo em patas de gatas!
Confiança = Jangada em alto mar!

Democracia = tendência para a aristocracia.

Patriotismo = dó maior na escola dos sentimentos humanos! (Caderno 3 de MGQM).

Religiosas, teológicas, apostólicas romanas (1894)

Deus = pedaço de cera mole que qualquer [um] amolda ao seu talante.

Religiões = fórmulas variadas com regras próprias ou ritos para... chegar ao desconhecido!!!...

Cristo = fizeram-no deus, para o amesquinhare.

Virgem Maria = peteca teológica!

S. José = da escritura a triste figura.

Catolicismo = dente podre na boca da humanidade!

Padre católico = saca-rolhas humano!

Papas = transunto da humildade e do beija fé!

S. Paulo = vira-casaca! Patrono dos políticos! (Caderno 1 de MGQM).

Em uma narrativa autobiográfica longa, escrita em folhas soltas que poderiam ter sido de uma pequena caderneta (10 x 15 cm), Maricota narra sua origem. Empregado duas vezes, o verbo “edificar”, com o sentido de construir, atesta a intenção de Maria da Glória de assentar a sua própria história em uma genealogia prestigiosa. Dada a importância do testemunho inédito, transcrevo-o, abaixo, integralmente. Chamo atenção para algumas particularidades: as maiúsculas designando importância ou respeito (Marinheiros, Diplomatas, Pais, Africanos etc.), as exclamações que denotam entusiasmo ou intensidade e a preocupação com a compreensão das memórias, vislumbrando seus leitores no acréscimo de notas:

Nasci nesta querida Paulicéia numa casa de sobrado que ainda hoje existe no Largo da Misericórdia sob o número⁹ 6 à 1 hora e 25 minutos da tarde do dia 20 de novembro de 1850, creio que em uma quinta-feira.

Foram meus Pais, o Cap. Antonio Bernardo Quartim e sua¹⁰ mulher, Henriqueta de Molina, casados a 26 de maio de 1848, casamento este realizado em casa de minha tia paterna, Luiza Euphrosina Quartim de Paiva, viúva do rico negociante, Antonio de Paiva Azevedo. Meu Pai foi filho de Antonio Maria Quartim, casado com D. Mathilde filha de D. Thereza Braseiro e do visconde de Castro, irmã natural da Marquesa de Santos, tendo D. Thereza mais outro filho, Padre José Antonio de Oliveira Braseiro de espírito adiantado como os Padres daquela época, fazendo parte da distinta e patriótica falange dos sacerdotes daquele tempo. Foi vigário em Mogi-mirim, onde edificou o Theatro S. José, que ainda hoje existe. Thereza Braseiro, minha Bisavó era espanhola, foi casada 4 vezes! Era senhora de escravos, cultivou café na cidade, mesmo proprietária¹¹ na atual rua Visconde do Rio Branco, não há muitos anos chamou-se dos Bambus, por ter em sua casa uma grande touceira

9 MGQM insere “(1)”, indicando que vai puxar uma nota de rodapé, mas não há nota correspondente.

10 MGQM Escreve “de”, rasurando-o depois.

11 No manuscrito há um ponto final depois de “proprietária”.

de bambus donde lhe veio o nome. (Essa casa pertenceu depois a uma sra de nome Emilia Porto). Mais tarde nesse terreno, edificou sua casa, o senhor. José Guedes, pai do Dr. Alfredo Guedes, que foi ministro [do] general Arouche a 10 de março de 1797¹². Exerceu o cargo de governador das armas e Milícias até 1815 (grátis) fundou a 1ª Maçonaria em S. Paulo (loja Piratininga) da qual foi Venerável, tomou grande parte nos acontecimentos da independência. Teve¹³ como inimigos e perseguidores os famosos Andradas, sujeitos a inveja e paixões pequeninas.

Essa inveja ainda mais se acentuou, quando influiu para que fosse nomeado seu amigo, Francisco Ignacio de Souza Queiroz, cujo lugar de comandante das armas era disputado por Martim Francisco e Lobo Leite Pereira. Meu avô veio ao Brasil, com a intenção de fundar uma fábrica de tecidos que chegou a fundar à Ladeira da Boa Vista a rua 25 de Março, número 2, cujo prédio foi adquirido por Antonio de Paiva Azevedo, casado com sua filha Luísa. Esta casou em 2ª núpcias com Ayres Coelho da Silva Gameiro, mais tarde como todo português rico daqueles tempos foi mais tarde Barão de Gameiro. No prédio até a data de hoje conservam-se as iniciais: L. E. G. P. Esse prédio que eu e meus irmãos herdamos foi vendido por nós em 1920.

Como meu Avô era homem de fina educação e apurado gosto, era incumbido de mil coisas, entre elas dos festejos que aqui se fizeram por ocasião da coroação de Pedro 1º. O largo de S. Gonçalo naquele tempo foi transformado em bosque e a iluminação era de laranjas transformadas em Lamparinas (1)¹⁴. O jornal *Espelho* que se publicava no Rio, desfez-se em elogios. Por uma descrição que me fez o Brigadeiro Machado de Oliveira (1867) poucos dias antes de morrer (isto quando eu tinha 16 anos), meu avô era muito bonito e elegante, alto loiro corado, olhos pardos, muito espirituoso, costumava parar sempre a dar-lhe uma prosa de volta do Jardim Público da Luz, montado a cavalo e com grandes ramos de rosas. Foi ele que em 1827, foi o primeiro Diretor e fundador desse Jardim cujo lago foi desenho seu. Como era grande botânico, esse Jardim chamou-se antes Horto Botânico, pois a intenção era o estudo das plantas medicinais e úteis ao Brasil, por sugestão de meu Avô, fez-se¹⁵ Jardim Público. O Jardim compreendia toda a área ocupada hoje pela Estação Inglesa e eu ainda alcancei-o em toda a sua beleza conquanto alterado e menos belo que no tempo de meu Avô!

Ele trouxe para o Jardim a água do tanque [ilegível] em valos abertos e que dava imenso trabalho para conservar limpo e desembaraçado, pois passava por quintais particulares.

O Jardim era servido por escravos Africanos como muitos estabelecimentos públicos daquele tempo. Meu Avô sofreu muitos revezes no Brasil, onde prestou grandes serviços. Foi proprietário do morro do Jaraguá, onde tentou a mineração do ouro. Estando a trabalhar no desmonte de terras teve de parar o serviço para comparecer a festas da Semana Santa. A sua presença oficial,

12 MGQM Escreve outro ano, risca, corrigindo-o para 1797.

13 A alteração do traço caligráfico, com a pena mais fina, pode indicar o prosseguimento da redação em outra campanha escritural.

14 MGQM Insere: “(1)” e na mesma página, abaixo da última linha: “(1) colocadas nas próprias laranjeiras”.

15 MGQM Insere posteriormente a partícula “se”.

sendo obrigatória naqueles trevosos tempos da Igreja Católica, Religião oficial do Estado. Os serviços interrompidos foram perdidos por grande chuva e no desmoronamento morreram 4 feitores e 16 escravos (1)¹⁶. Era justa a quizília dos Andradas contra meu avô.

Fundando a loja Maçônica Piratininga, hoje Grande Oriente ele estava de acordo com Pedro 1º. Era um desafio para Pedro 1º sujeito a José Bonifácio e como reagiu sendo ele também maçom da loja do Rio, onde José Bonifácio dominava. É opinião minha que a maçonaria teve toda a influência daquele tempo na Independência.

Hoje ela faz-me a impressão de uma galinha depenada nas mãos do senhor Marrey. Meu avô Quartim faleceu em Maio de 1846, 3 dias antes da chegada de Pedro 2º a S. Paulo. Conhecedor dos serviços prestados por meu avô, que também fez parte do Governo Provisório como ministro da agricultura em companhia de Vergueiro, além de estudar e cultivar o chá e a amoreira (cujas plantas vi no Jardim) ele introduziu o porco de focinho curto da Índia e as galinhas Conchinchinas, galinhas muito grandes e [cabeçudas?] e de linda plumagem amarela pintadinhas de branco. Vi alguns espécimes quando era menina. Tendo eu hoje 80 anos (feitos a 20 de Novembro de 30) lembro bem, ainda mais por uma anedota passada com meu avô e D. Theresa Alvim sua vizinha e moradora na frente da ladeira, onde existe uma casa de calçado. Ela pediu-lhe uns ovos para chocar ele, por brejeirice, cozinhou uma dúzia dos tais ovos, a senhora. Percebendo o logro ficou furiosa e mal com ele apesar dele ter tenção de dar outros, pois paulista toma tudo a sério e ele morreu sem ela ter feito as pazes! Também existe lá na divisa do terreno um pé de cipreste plantado por ele e que não sei por que milagre ainda lá se conserva. Foi o primeiro em S. Paulo.

O Jardim Público da Luz foi anteriormente Horto Botânico, para estudo de plantas brasileiras. Meu avô, cultivou o chá e também os senhores General Arouche e Brigadeiro Machado (1)¹⁷ de Oliveira, de que já falei e onde ainda vi os fornos de preparar o chá e bebia-o com grande prazer na minha mocidade, quando era preparado pela família Arouche que morava no mesmo largo. Todo o muro inteiro pertencia ao General. Meu Avô dirigiu o Jardim de 1827 até 1846, quando morreu. O Imperador que chegou a S. Paulo nessa época¹⁸, nomeou meu pai Antonio Bernardo Quartim, diretor vitalício. Isto por homenagem à memória e aos serviços prestados por meu Avô.

Muitas razões tinham os Andradas para odiar meu avô. Primeiro o seu preparo como oficial da Armada Real Inglesa, sua fidalguia sua esmerada educação confirmada em documento público, suas tradições pois um Quartim casara na

16 MGQM Inere uma nota de rodapé: “(1) Ainda existe em poder de um sr. Araújo Azambuja a escritura de renda do Jaraguá, que foi vendida a uns Rezendes a fazenda do morro do Jaraguá por 8 contos”.

17 MGQM inere “(1)”, acrescentando no verso da página anterior: “Nota: (1) O Brigadeiro Oliveira, frei do Dr. Brasil Machado, residia a antiga r. Alegre, hoje Brigadeiro Tobias, grande casa térrea com grande quintal, onde havia enormes amoreiras, meu encanto naquele tempo. Por muito essa casa foi Hotel Albion. Era próxima a esquina da rua Mauá, vizinhando com Bernardo Gavião.// Muito íntima a minha família com a do Brigadeiro, pois sua filha Ritinha confessada de Frei Eugenio, Reitor do Seminário, fugiu com ela para a Europa, casa com ela! Foi ela quem colocou-me o véu e grinalda de noiva em maio de 69. Casamento dela deu-se em 1841 a 42.”

18 A partir deste ponto, MGQM passa a se utilizar também do verso da página. Antes, o verso aparecia em branco, sem uso.

família Almada em Portugal, pois os Quartins eram na Inglaterra marinheiros ou diplomatas e influíram muito no reconhecimento por parte da In [...]19. Morreu muito jovem [...]. Seu pai, agraciado com o título de Barão de Pirapitingui. Meu avô paterno Antonio Maria Quartim, era filho de Jorge Quartin, inglês, casado com Maria Morin francesa. Foi governador em Gibraltar. Este casal teve muitos filhos. Eram de família opulenta, quase todos MARINHEIROS OU DIPLOMATAS, muitos passaram a Portugal, sendo antes [ilegível] aportuguesando o nome para Quartin e depois, por meu pai e tio, Quartim²⁰. Meu avô era oficial da Armada Real Inglesa, falava 7 línguas e como todo o oficial de Marinha Inglesa, sabia o grego e hebraico. Viajou 3 anos toda a Europa e Pacífico, em companhia de seu irmão mais moço, José, na corveta Aurora, corveta de 3 [polos?] de seu irmão Joaquim Carlos, corveta que sua viúva e filhos supõem²¹ ter sido vítima de um naufrágio ou de piratas, cousa comum no século 18. Meu avô era irmão do General Pedro Leão Quartin, que passou para Inglaterra, ele com seu filho Antonio Thomaz Quartim também oficial da Armada Real Inglesa e que morreu há poucos anos em Lisboa, como professor de grego e advogado, tendo a fortuna de seu pai sido sonogada pelo mais velho, Conde de Quartin.

De um documento de Curitiba naquele tempo ainda pertencendo a S. Paulo, ele assentou praça de capitão em Curitiba²² a 10 de março 1797. Sentou praça de Capitão, tendo por companheiro o General Arouche, que também assentou praça de capitão. Documentos oficiais. Curitiba era uma comarca de S. Paulo. Até 1845 Paraná foi Paulista.

Os Paulistas que conquistaram e defenderam as fronteiras do Brasil, tiveram o seu estado dividido, único que sofreu mutilação! Atribuo isso a politiquice mineira subterrânea, hipócrita e traiçoeira de sempre [ilegível] na mentirosa população.

(10 de Março em companhia do General Arouche, seu amigo íntimo e admirador. Pelo ofício dirigido a meu Avô, rogando-lhe que aceitasse a nomeação de formador e diretor do Horto Botânico. Ele derrete-se em elogios ao meu Avô.)

Este documento pertenceu-me e estive em meu poder.

Um fato comum e ordinário fez-me perder. Estando ausente de casa, uma criada quis limpar umas prateleiras, onde esse documento estava guardado com outros papeis e ela lançou-os fora!

Na página seguinte:

S. Paulo 8 de [...] 1930.

Época da revolução que depôs W. Luís...

Continuo a narração começada em 1925..

19 Trecho incompleto. É provável que uma folha tenha se perdido.

20 MGQM sublinha o “m”.

21 MGQM insere o “m” posteriormente.

22 MGQM escreve “S. Paulo”, risca, substituindo o nome da cidade por “Curitiba”.

1.3.1. Memórias incontornáveis: vida conjugal

Entre os assuntos retomados por Maricota em suas anotações estão as lembranças da vida conjugal. Maria da Glória e João Correa Moraes casam-se em 1869. As narrativas sobre a opressão no casamento se impõem com frequência. Até a velhice, com mais de 70 anos, ela relembria seu “mau destino”. Às vezes essa memória parece ser provocada por um evento indireto. Aliás, esse parece ser um dos usos que Maria da Glória faz da agenda: aproveita o calendário para recuperar acontecimentos longínquos. A data de aniversário do neto Miroel Silveira (8 de maio), por exemplo, evoca a cerimônia de seu casamento em 1869:

Aniversário de Miroel e também do meu **venturesco**²³ casamento celebrado em 1869 no Seminário Episcopal, ficando a residir em casa de meus pais, cousa que não aconselho a ninguém. O homem desde o primeiro dia, deve prover ao alimento e despesas diárias, tomando ao sério a sua posição de dono de casa. Quanto a mulher **perde ela a liberdade de agir e reagir quando seu marido não a compreende**, sendo ela desde o 1º dia a **curvar-se e tudo evitar para não dar a entender que sofre, quando o marido dela abusa**. (Agenda de MGQM, 8 de maio de 1922, grifos meus).

Em outra passagem, em um comentário atrelado a eventos políticos, Maricota retoma o assunto sobre sua união com João Correa Moraes. O cabeçalho localiza a data em que escreve e as primeiras fases situam sua motivação:

S. Paulo, 26 de fevereiro de 1930
Candidatura Prestes. A efervescência política em que está envolvido o país, por causa da candidatura Prestes, efervescência esta, provocada pelo Sr. Presidente de Minas Antonio Carlos, [aliando-se?] ao Rio Grande e à Paraíba, avivaram em mim as impressões da minha estada em Minas. **Transtornos de vida e esperanças malogradas de meu marido que muita contra a minha vontade** abandonara a magistratura em S. Paulo, onde fora Juiz Municipal em Ubatuba e em Itapetininga, tendo sido também promotor em Araraquara e Jacareí. Depois de quebrado a cabeça em empresas fracassadas, saudosa da vida honrada e considerada, de que gozam os magistrados em S. Paulo, resolvi a que voltasse para ela. Por pedido ao meu querido amigo Ubaldino do Amaral, tivemos a escolher, S. Gabriel no Rio Grande, ou Bagagem, no estado de Minas. (Caderno 3 de MGQM, grifos meus).

A propósito do aniversário de Maria Isabel, Maricota contrasta o seu casamento infeliz à situação matrimonial favorável vivenciada pela filha:

10/08/1880. Neste dia 10 de Agosto de 1880, nasce minha filha Isabel à r. Episcopal no. 3 (hoje Washington Luiz.) às 10 horas da noite. Nesse tempo

²³Nota-se a ironia na escolha do adjetivo.

veria eu quase sempre sozinha... Meu marido meteu-se na empresa de uma Revista e tratou de publicar os discursos de José Bonifácio. Preparava-se para seguir para o Norte do país, quando acabasse as excursões por Minas e Rio. **Era muito triste como sempre a minha vida...** Logo após o parto seguiu para as excursões. Tive ama de leite para a pequena porque vivia nessa época com mais recursos. Em 1905, **casou Isabel com o Dr. Valdomiro Silveira. Considero-a felicíssima!** Seu marido, rapaz de talento, de juízo e um dos nossos literatos de mais valor é também o melhor advogado de Santos. De uma condescendência enorme com Isabel, além de dar-lhe todos os confortos deixa-a a fazer tudo que quer! Tirou do pai a tendência das locomoções. (Agenda de MGQM, 10 de agosto de 1922).

Nesses trechos, as mazelas da vida conjugal de Maria da Glória irrompem imprevisivelmente. O aniversário de Miroel, atrelado à lembrança da cerimônia de seu casamento com João Correa de Moraes, desencadeia uma reflexão sobre esposas dominadas por maridos. A candidatura Prestes faz recordá-la da importância de seus esforços, no início da vida de casada, para que o marido conseguisse uma boa colocação profissional. O aniversário de Isabel estabelece uma sutil comparação entre o seu casamento e o da filha. As reminiscências ligadas ao matrimônio iam surgindo fragmentariamente. No registro correspondente a 2 de abril de 1922, contudo, Maricota, em sete páginas seguidas, de um jato, analisa a personalidade do marido. Descreve aspectos de seu comportamento, narrando a relação violenta (moral e fisicamente) a que esteve submetida:

Nasce neste dia em Campos o meu marido = João Correa de Moraes, rapaz de talento fácil, mas sem diretriz moral! Não se soube dar valor. Maníaco, leviano, muito preocupado com a higiene, só tratando do seu físico e não tomando nada a sério, nunca teve a estabilidade do lar! Tinha a mania além de outras das viagens, sofria de locomotite. Muito me fez sofrer duplicando as dificuldades da minha missão de mãe de família! Viajando sempre atrás de sonhos, tornou-me vítima de todas as dificuldades. Cheio de contradições, deixando-me sempre sozinha, tinha o desaforo de fazer-me cenas escandalosas de ciúmes das quais fui vítima.

Separou-se de mim e só coube-me a tarefa de criar e educar os filhos. Quando esteve à morte²⁴ vindo de Caxambu, veio ele também com a sua amásia. E para estar com o filho moribundo tive de estar com ele e a amásia ao pé do leito de meu filho, em sua casa na Barra Funda 39.

Não houve da parte dele a menor culpa, pois a chamado do filho [que] estava em Caxambu, teve de vir com ele até S. Paulo!

Muitas lágrimas chorei em sua companhia, além de suas falcatruas amorosas, numerosas, propôs-me separação de leitões, assim vivi 4 anos na cidade de Bagagem. Criado no meio de escravos ele apreciava imenso as crioulas. Era cega e crente por ele, que [afetava?] grande santidade.

24 Referência ao filho.

Como magistrado para onde por 2 vezes o impeli e que ele abandonava, foi de extrema [probidade?].

Bom e sincero amigo, seria alguma cousa se não fosse boêmio, leviano e criouleiro. A sua vaidade de namorador a [ilegível], muito me envergonhava. Dizia que tinha fluído especial, porque todas as mulheres gostavam dele! Contemplava-se ao espelho desvanecido a bater nos músculos dos braços, a esfregar [papéis?] de seda na pele! Para falar com ele, era preciso fazer-lhe sinal à distância, pois empunhava sempre um cacete que fazia girar nos punhos revezando-o e curvando e estalando os ossos dos joelhos, na eterna ginástica objeto do seu culto.

Era difícil a mim sua mulher²⁵ insinuar-me, porque ao contrário de muitos homens, não tinha tendências gastronômicas, queixando-se sempre de azia e só querendo doces!

Desde os primeiros dias de seu casamento experimentei lhe logo os variados despotismos. Havia de tomar banhos a um tanque do Prates, onde havia uma casinha apropriada de madeira e uma escadinha, por onde me era proibido descer. Ele punha os pés nas vigas, pegava-me pelas mãos e atirava-me à água mesmo nos últimos tempos da gravidez. Com todo aquele peso levantava-me pelos braços e não sei de quanto acidente escapei. Foi preciso empenhar-me com mamãe para falar com ele para que me permitisse utilizar-me da escadinha.

Enquanto isso não se ocupava do futuro apesar de vivermos em casa de meu pai que não se consolava de ver-me sofrer em silêncio havendo em casa desarmonia porque papai bem via as cousas fora dos eixos! Tinha de mim um ciúme grosseiro, e vindo uma criada chamar-me para dizer que seu vestido não estava decente para trazer café na sala, veio logo suspeito fazer-me uma cena, pensando que era algum recado amoroso que ela me vinha dar. Raro era o dia que não chorava escondida visto morar em casa de meus pais, de maneira que tive de curvar a cabeça diante dos seus dislates.

Quando vinha alguma visita já estava à espera dos seus modos inconvenientes pois namora[va] todas as mulheres que via e mais sentida ficava quando eram aquelas que falavam mal dele e me mal [ilegível] por acharem que ele não me merecia! Fazia lhe ver tudo isso, mas era inútil! Dizia lhe se quiseres podes sair à noite eu esperarei para abrir-te a porta, mas pelo amor de Deus não me humilhes, nem dêes razão aos que vinham falar-me mal de ti!

Pôs trapézio no meu quarto de dormir, onde fazendo ginástica de cabeça para baixo tinha de encher tudo com placas de lama que trazia do quintal onde acabara de rachar lenha, passando pela sala de jantar em mangas de camisa e calça a escorregar-lhe abaixo da cintura, para não fazer-lhe mal. Tinha de prestar-me a deixar-me carregar para servir-lhe de peso. Mais tarde olhando-me insuficiente, trouxe tijolos embrulhados em [ilegível] que ao depô-los no chão levantavam uma poeira vermelha!! Meu pai muito assustado vinha dizer-me que sendo os pregos do teto pregados debaixo²⁶ para cima, poderia desabar o teto... Todas as considerações eram inúteis. (Agenda de MGQM, 2-8 de abril de 1922).

25 Ao final desta página, MGQM insere “continua”.

26 No manuscrito: “debaixo debaixo”. MGQM rasura a primeira ocorrência.

Maria da Glória e João Correa Moraes casam-se durante a vigência do Segundo Reinado, quando o discurso ideológico encerrava as mulheres em rígidos papéis sociais, como o da “rainha do lar”, sustentando o tripé esposa, mãe e dona de casa. (MALUF; MOTT, 1998, p. 373). Com dezenove anos, Maricota esperava que João Correa Moraes se mostrasse um bom provedor e chefe de família, mas suas expectativas se frustraram. O futuro da família parecia preocupar apenas Maria da Glória, pois em suas palavras, o esposo era um boêmio. Na pele, ela sofreu a desumanização vivida pelas mulheres – era carregada pelo marido quando ele tinha intenção de se exercitar – e esteve exposta a situações humilhantes. O âmbito do poder do esposo era validado pelos usos e costumes da época em que estiveram casados, os quais perduraram até as primeiras décadas do século XX:

Processos de divórcio de ricas famílias paulistas nesse período revelam o recurso frequente à coerção física das mulheres. Pesquisas registram que o marido, tal como um pai, se sentia no dever de punir com violência sua esposa quando desobedecido. Embora nenhum código permitisse ou sequer relevasse tais agressões, estas se davam sob a proteção de regras de costume. (MALUF; MOTT, 1998, p. 373).

A escrita sobre a experiência conjugal, concretizada entre 1920 e o início da década seguinte, coincide, não por acaso, com o período em que se nota uma mudança no comportamento feminino. A imprensa, principalmente a feminina, acolhia os dois lados do debate que reunia conservadores e reformistas. É possível afirmar que Maricota acompanhava as notícias e discussões que difundiam uma nova ótica sobre a mulher. Mesmo que pendesse para o lado mais conservador, seus cadernos testemunham e assimilam “um brado de inconformismo, tocado pela imagem depreciativa com que as mulheres eram vistas e se viam” (MALUF; MOTT, 1998, p. 368).

Os temas eleitos por Maria da Glória são retomados em seus escritos, memórias incontornáveis, reconhecidas por toda família. Eram histórias que ela fazia questão de rememorar, provavelmente por terem sido, além de marcantes, enredadas em pesar, angústias e dificuldades, exigindo dela força na elaboração de modo a superá-las. No que se refere ainda à vida conjugal, ela recupera, em quatro oportunidades, a viagem de sua família para Bagagem, Minas Gerais, em 1884. No percurso, relata ter encontrado o fazendeiro, então deputado, Martinico Prado Júnior e o jovem Santos Dumont:

Estava no Rio. Tive de fazer a viagem grávida de 8 meses e com 4 filhos menores. Viemos até Ribeirão Preto em carro de carga. A estrada não fora inaugurada. Vinha o dr. Martinico Prado, no mesmo carro, aturando u’a

maçante que lhe narrava peripécias eleitorais, impedindo-o de ler “Sapho” de [Alphonse] Daudet.

Passava sempre por nós um rapazola bonitinho, moreno, vivo, árdego, corado, que não cessava de cuidar de 40 famílias de imigrantes que iam para a fazenda Santos Dumont. Aquele rapazola era o nosso grande Santos Dumont, o chamado Pai da Aviação e que havia de ter um monumento em Paris! (MORAES, 1981, p. 2).

Estava no Rio. Tive de fazer a viagem grávida de 8 meses e com 4 filhos menores. O mais velho com 12 anos e a segunda com 7 a 8, um de 3 anos e um com quase 2 anos.

Vimos até Ribeirão Preto em carro de carga, pois a estrada ainda não estava inaugurada. Vinha o dr. Martinico Prado Jr. No mesmo carro aturando u’ma maçante que não o deixava ler o romance = *Sapho* de [Alphonse] Daudet. (Caderno 3 de Maria da Glória Quartim de Moraes).

1.3.2. *Política e engajamento*

“Eu vim ao mundo, na minha amada Pauliceia, de que tanto me orgulho, no dia 20 de novembro de 1850, às 13,25 minutos, num pequeno sobrado [...] no Largo da Misericórdia”, registra Maria Glória em seu texto autobiográfico de julho de 1916, inserido nas páginas iniciais de *Reminiscências de uma velha* (1981, p. 18). Maricota entronca a sua genealogia à “heroica” São Paulo “dos antigos bandeirantes” (*idem*, p. 2). Em seus conterrâneos (o “Paulista”, com letra maiúscula) reconhecia a “natural [...] altivez, energia, independência” (*idem*, p. 6).

Maria da Glória exprime uma ideologia calcada no estereótipo do progresso. São Paulo, como cidade racional, voltada para a construção do futuro, também pode ser observada implicitamente em Maria Isabel, no diário de 1925, em que a ideia de movimento e novidade têm valor positivo.

A ideia de modernidade, a imagem da mobilidade e da novidade, estão presentes na escrita da mãe e na da filha. Os cadernos de Maricota se inserem em um contexto em que está posto o fluxo intenso de mudanças iniciado em fins do século XIX até meados do XX. A eletricidade, com inovador potencial energético, põe em movimento uma variedade de novos equipamentos e produtos e, com eles, novos processos. Como afirma Nicolau Sevcenko: “o impacto da Revolução Científico-Tecnológica se faz sentir na sua plenitude, alterando tanto os hábitos e costumes cotidianos quanto o ritmo e intensidade dos transportes, comunicações e do trabalho.” (1998, p. 11).

Nos cadernos de Maria da Glória, a política adquire papel fundamental. Mais do que qualquer outro estado brasileiro, São Paulo vive intensa agitação social e política nas décadas de 1920 e 1930, época em que os cadernos preservados são escritos.

Nesse período vigora em muitos intelectuais uma visão ufanista de São Paulo, visto como terra do trabalho, do espírito pragmático, da responsabilidade e da seriedade. No artigo em que analisa parte da obra de Alfredo Ellis Jr., historiador que compõe o time de intelectuais a louvar o estado, John Manuel Monteiro menciona o “surto regionalista” que teorizava sobre a especificidade da mestiçagem paulista (luso-indígena) como justificativa para enaltecer o caráter democrático, empreendedor e autossuficiente da *Raça de gigantes*²⁷ (MONTEIRO, 1994, p. 84). Concretiza-se, nos cadernos de Maricota, a visão heroica de São Paulo, sendo essa mais uma das lentes instigantes para se analisar sua produção memorialística.

A narrativa de Maria da Glória forja uma visão ufanista de São Paulo, associada à figura do bandeirante, visto em termos de superioridade em escala nacional. Maricota apresenta uma visão exaltada de São Paulo, em que a narrativa do bandeirismo se apresenta como estratégia de uma identidade histórica hegemônica (SALIBA, 2004, p. 577). Afirma o historiador Elias Thomé Saliba:

No caso específico de São Paulo, será particularmente após a Primeira Guerra que serão produzidas as grandes linhas narrativas de uma história paulista, fundada primeiro na elaboração de nobiliarquias e, depois, pela própria recriação de um passado bandeirista. Trata-se de uma narrativa monumental que se sobrepõe às narrativas menores e fragmentadas, amealhadas pela crônica circunstancial. Ela salta por sobre o passado mais recente, feio e conflitivo, de uma Cidade na qual às mazelas da escravidão vieram somar-se os estigmas de uma imigração tumultuária, e procura reatar o fio da continuidade com um passado longínquo e quase mítico. Preenchendo o vazio do tempo social ou colocando-se como um substituto ao ofuscamento das lembranças, a grande narrativa acaba também por realimentar o processo de esquecimento social. História. (SALIBA, 2004, p. 570).

Os cadernos comprovam a filiação de Maricota a essa visão ufanista marcada por nuances que variam entre o sarcasmo, a zombaria, a indignação, a ironia e a revolta.

S. Paulo 15 de Fevereiro de 1932. [...] Estive conversando com um médico Mineiro, o qual referindo-se aos Paulistas disse: Em Minas nós não somos ostentadores como os Paulistas, estes compram uma fazenda por 20 contos, e averbam por 30 contos, nós os Mineiros, compramos por 30 contos e apresentamos ao Fisco como valendo 20 contos! O Fisco que lhes agradeça. (Caderno 3 de MGQM).

²⁷ *Raça de gigantes* é uma das obras de Alfredo Ellis Jr., publicada na década de 1920, que integra a pesquisa de John Manuel Monteiro.

A memorialista fornece, nos cadernos, a sua interpretação da Revolução Constitucionalista de 1932:

S. Paulo 16 de Dezembro 1932. [...] Tivemos a Revolução Paulista a única consagração de heroísmo militar que faltava ao Paulista moderno. Estavam eles assombrando o mundo e empalidecendo a [ilegível], Grécia, Esparta e Roma. Não foi só o soldado, mas os cidadãos que [ilegível] o Mundo!
A luta foi desigual e terrível!
Minas que a tinha provocado portou-se logicamente! A terra de traidores e assassinos esteve na altura de suas tradições envenenando as águas e os alimentos! [...] A influência oculta e subterrânea dos Mineiros explica-se! Não estava Minas aliada com a Paraíba? Não são eles que nos indispõem contra os Nortistas? Não são eles que fazem as obstruções? No entanto para destruí-los politicamente, não são necessárias tropas, nem artilharia... Bastariam caravanas de estudiosos, que lá fariam uma Estatística, pondo-os conhecidos, porque a Estatística para o Mineiro escondido naqueles [ilegível] seria o mesmo que estricnina para cachorro! (Caderno 3 de MGQM).

Maricota discorre sobre a mulher e a política em três oportunidades em seus cadernos, reelaborando as suas anotações. No caderno 2, suas reflexões aparecem sob o título: “O voto feminino e as posições políticas”, o que permite localizar o contexto dessa escrita, provavelmente motivada pelo movimento sufragista brasileiro que culminou com a conquista do direito ao voto feminino em 1932. Um particular senso moral burila a listagem de qualificações exigidas para a mulher que deseje candidatar-se a um posto político:

As candidatas sujeitar-se-ão às condições seguintes:

Idade 40 anos.

Não ter frequência de confessionário e muito menos diretor espiritual: tendo os padres, soldados, frades e mendigos proibidos de votar por não terem independência própria, muito menos a terão as confessadas dirigidas.

Ter 10 anos pelo menos de matrimônio, onde a paz, o amor e o conforto tiverem reinado.

Apresentar 4 filhos são, robustos, perfeitamente disciplinados.

Não ter usado de artifícios e provocado abortos.

Ter a conta dos fornecedores em dia.

Não jogar no bicho.

Não usar vestidos pelos joelhos e sovaqueira a mostra.

Não ter lábios e faces sarapintadas.

Não ter chiliques e ataques histéricos.

Não amar o luxo e as toilettes dispendiosas.

Que conheçam a história de seu país e especialmente a do próprio estado.

Quanto às Paulistas, que saibam responder aos dislates, ditados pela inveja cujo progresso em S. Paulo foi devido a iniciativa particular, dedicação e trabalho dos Paulistas, sobretudo ao heroísmo das Senhoras Paulistas, essas

heroínas do século 19 que a tudo se sujeitaram nas fazendas fundadas em sertões bravios.

O braço escravo fundou a onda verde, o patriotismo guiado pela imprensa inteligente produziu admirável surto que observamos.

Que tendo como até hoje dirigentes de larga visão, sulcaram o Estado de S. Paulo de estradas de ferro a custa particular e atraíram a imigração e as suas grandiosas consequências, sendo hoje o que somos sem termos imitadores. (Caderno 2 de MGQM).

O engajamento de Maricota na causa identitária paulista assume várias entonações, entre elas a da melancolia e do saudosismo, próprios da escrita memorialística que se caracteriza por uma posição retrospectiva:

Por que há de reviver sempre em nós a lembrança e a saudade do passado? e nós os paulistas que tão escravos somos a nossa antiga Paulicéia não te esquecemos nunca, ah Pauliceia das cerradas neblinas, do acre perfume da terra cujos campos eram tapetados de florinhas mimosas das grandes chácaras vastas cheias de frondoso arvoredado, das várzeas floridas e de miríades nuvens de errantes pirlâmpos? Que foi feito de nós ah Pauliceia amada invadida pelo estrangeiro e [vista?] de altas chaminés fumegantes que impedem contemplar os maravilhosos escrúpulos, tão cheios de visões e de mistérios? (Agenda de MGQM, 21 de novembro de 1926).

1.3.3. *Encontros*

As escritas memorialísticas de Maria da Glória e Maria Isabel possuem pontos de contato. Registra Maricota, em 7 de março de 1922: “Nada de notável aconteceu”. No dia 23 de novembro de 1925, Maria Isabel anota: “segunda. Não saí, senão de manhã com a Júnia. Estudei canto e piano. Choveu. Dia sem novidades.” Mãe e filha julgam vazios e sem valor os dias em que não são surpreendidas por novidades.

Mãe e filha vivenciaram situações parecidas na infância, as duas tendo sido escolhidas para representar anjos em procissões católicas. Conta Maricota:

nessa época, fui o primeiro anjo das procissões em S. Paulo, [...] minha mãe [...] era artista habilíssima em tudo que [f]azia. Assim, fugiu de vestir-me à moda dos Anjos daquele tempo: vestido armado, cheio de rendas douradas, cinto largo de papelão com joias e cordões de ouro, com as respectivas figas de coral, pesado capacete de plumas e nuvens atrás, presas de costas, debruadas de renda e estrelas douradas, com arame em volta. Geralmente os anjos eram meninas crescidotas, porque as nuvens pesavam.

Eu não! O meu vestido era de escumilha branca, com sombra de cetim branco e todo bordado de lantejoulas. As asas foram feitas de cassa grossa e cobertas

com penas, feitas de papel de desenho; eram longas, imitando as dos anjos das estampas. E, em vez de capacete, levei grinalda feita de cachinhos de pérolas brancas e pequenos “bouquets” de flores azuis claras. O vestido curto e sem roda.

A procissão era de São Benedito e fui por motivo de promessa. Causei sensação! Depois da procissão, andei de casa em casa e cheia de cansaço!... Acharam que estava vestida de Cupido! (MORAES, 1981, p. 14).

Em *Isabel quis Valdomiro*, Maria Isabel Silveira, no capítulo “Anjo não fui – Minha infância feliz no interior de Minas”, rememora:

[...] outra vizinha tentou me transformar em anjo. Moça ainda, e casada, entristecia-se por não ter filhos. Fez promessa de oferecer um “anjo” muito bem arrumado à próxima procissão, e a criança escolhida fui eu.

A primeira consequência desse convite foi a matança de dois patos brancos, que foram cuidadosamente depenados. Nos dias que se seguiram, passei as tardes na casa da moça, olhando fascinada para todo o processo que me transformaria em anjo. Primeiro, as penas dos patos foram mergulhadas em anil, depois enxutas e encrespadas com uma faquinha, depois costuradas na armação que formava as asas e também na túnica, muito alva e que me descia até os pés. Como acessórios, um colarzinho de aljôfares, uma coroa zinha de pétalas, e botinas de duraque branco.

Tudo aquilo me deixava maravilhada, mas o sonho se transformou um pesadelo quando, na véspera da procissão, a moça me torceu os cabelos loiros com papelotes que me repuxaram os olhos quase para fora das órbitas. Passei a noite em claro, com a cabeça estalando no arrocho dos encrespadores, e na madrugada seguinte, mal comecei a arrastar meu alvo anjo pelos caminhos pedregosos da procissão, um sono invencível tomou conta de mim e acabei, adormecida no colo de mamãe com asa e tudo... (SILVEIRA, 1962, p. 13).

2. OS “DIÁRIOS DOS FILHOS”: BASE DA AUTENTICIDADE DE *ISABEL QUIS VALDOMIRO*

Na literatura brasileira, o século XIX é visto como um dos períodos que silenciaram a produção feminina. Naquela época, a escritura feminina não foi tomada como decisiva para a nossa formação. Ficou à margem do mercado, encontrando espaço principalmente em periódicos de vida curta ou de público doméstico. O contexto impedia a profissionalização e a formação acadêmica de mulheres, em geral dependentes economicamente de suas famílias:

Excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos público, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso à educação superior, as mulheres no século XIX ficavam trancadas, fechadas dentro de casas ou sobrados, mocambos e senzalas, construídos por pais, maridos, senhores. Além disso, estavam enredadas e constringidas pelos enredos da arte e ficção masculina. Tanto na vida quanto na arte, a mulher no século passado aprendia a ser tola, a se adequar a um retrato do qual não era autora. (TELLES, 2017, p. 408).

Em consequência, não apenas a leitura consistia em uma área interdita para a mulher, mas também a escrita, sendo as criações literárias “espaços de expressão pública vetados, restando-lhes exatamente os espaços privados, entre os quais os de uma escrita de si.” (GOMES, 2004, p. 9).

Considera-se *Reminiscências*, de Maria Eugênia Ribeiro de Castro, obra de 1893, a primeira narrativa memorialística brasileira de autoria feminina. Na reedição, publicada em 1975, recebeu o prefácio do filho da autora, Flávio Torres Ribeiro de Castro, documentando a restrita circulação do livro no âmbito familiar:

Como seu único filho sobrevivente, resolvi, no desencargo dum grato dever, dar novamente ao prelo suas *Reminiscências*, de que restam apenas alguns raros exemplares em mãos de pessoas da família. Faço-o certo de oferecer aos estudiosos das coisas da nossa terra um documentário de inestimável sentido histórico-pátrio, vazado num relato de emocionante sensibilidade, que reflete a estrutura celular dum regime escravagista socioeconômico imposto a um punhado de entes humanos bem formados, incapazes, certo, de vive-lo sem o incondicional ascendente da religião. (CASTRO, 1975, p. 12).

Na década de 1960, observou-se um crescimento significativo na publicação desse gênero, espelhando o visível interesse do mercado editorial. O apogeu das memórias de autoria feminina ocorre nos anos oitenta. (VIANA, 1995, p. 40). O livro *Isabel quis Valdomiro* foi publicado em 1962, dois anos depois de *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, que

havia batido recordes de venda. Essas obras, assinadas por autoras oriundas de classes sociais distintas, integravam a mesma coleção, “Contrastes e confrontos”, indiciando que as memórias de autoria feminina começavam a atrair a atenção do público.

Nas origens da Isabel escritora reside a escrita como um hábito e parte da cultura familiar. A escrita se apresenta como terreno fértil para Isabel desenvolver seu próprio caminho adequando gênero, estilo e forma que mais lhe aprouvesse. Sua produção reúne o volumoso conjunto de diários conservados no IEB, entre os quais os “diários dos filhos”, artigos humorísticos publicados na imprensa santista sob o pseudônimo de “Baronesa de Itororó” e o livro *Isabel quis Valdomiro* que a confirma como memorialista brasileira.

Passagens encontradas nos diários que ela dedicou ao cotidiano dos filhos se rearticulam e desaguam em *Isabel quis Valdomiro*. Contudo, não se trata de mera transferência, pois foram selecionadas em função de uma intenção. Na obra, Isabel diz se valer da autenticidade dos “diários dos filhos”, mas o que se enxerga é a intenção de produzir um efeito sobre o leitor, dado que é uma narrativa pessoal organizada. Isabel vive até 1965 (o livro sai em 1962), mas o livro recupera as memórias até o final 1914. Portanto, ele cobre um tempo delimitado e específico e, ao escolhê-lo, Isabel promove dois cortes significativos. Do ponto de vista temporal, deixa de lado mais de quarenta e cinco anos vividos (1915-1962) e, do ponto de vista material, alija um grande volume de diários escritos nesse período (mais de quarenta cadernos). Se aquilo que é silenciado na escrita memorialística “se manifesta como lacuna, rachadura no tecido do texto” (VIANA, 1995, p. 35), põe-se a seguinte questão: quais seriam as linhas de força, ou seja, as razões que levam Isabel a restringir suas memórias ao tempo e ao material eleitos? Para tentar responder lanço mão da investigação das ideologias e visões de mundo que orientavam as mulheres da classe social da autora para formular a hipótese de que Maria Isabel identifica seus 35 primeiros anos de vida como ápice de sua vida de mulher, esposa e mãe.

“Diário dos filhos” e *Isabel quis Valdomiro* possuem relação intrínseca, pois se cruzam – nas palavras de Isabel: os diários são “alicerces” do livro.

2.1. Apresentando *Isabel quis Valdomiro*

Isabel quis Valdomiro é obra conhecida no âmbito dos estudos memorialísticos de autoria feminina no Brasil. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres* (1995), de Maria José Motta Viana, e *Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras* (2003), de Lilian de

Lacerda, se debruçaram sobre o livro de Maria Isabel Silveira. São estudos que contribuem para compreender a afinidade de Isabel com gênero memorialístico e com os quais a presente dissertação pretende dialogar, acrescentando perspectivas críticas, ao lançar luz sobre documentação inédita. O livro de Maria José Motta Viana observa a maneira pela qual Isabel se distingue das outras memorialistas, ao incluir a referência ao próprio corpo:

Quando observo essa carência na escrita dessas mulheres, talvez não devesse incluir no grupo Maria Isabel Silveira, autora de *Isabel quis Valdomiro*, porque ela fala de seu corpo. Observa-se, porém, que objetificá-lo em linguagem tem alvo muito claro e definido em sua narrativa. (VIANA, 1995, p. 37).

Em *Álbum de família*, Lilian de Lacerda enfatiza os hábitos de leitura da escritora:

As experiências rememoradas [por Maria Isabel Silveira] compõem a lista de periódicos, jornais, poesias, contos e outros textos – parte de sua memória pessoal como leitora e de sua memória coletiva com outros leitores e leitoras –, ampliada pelo convívio do esposo com as literaturas nacional e estrangeira e nomes representativos que compunham os espaços de divulgação das ideias, particularmente pela via de jornais e das publicações individuais em livros. (LACERDA, 2003, p. 111)

Isabel quis Valdomiro inicia-se com a autora recordando o ano de 1888, quando tinha 8 anos e a família se mudara para a R. Alegre da Luz, número 8, em São Paulo. Na casa de número 22 morava, com os pais e irmãos, Valdomiro Silveira, estudante de Direito do Largo São Francisco. No livro, Isabel avança e recua no tempo, resgata a história de seus avós maternos e paternos, conta momentos de sua infância em Bagagem, Minas Gerais, quando o pai, João Correa de Moraes, foi nomeado juiz municipal. As narrativas pretéritas, resguardadas nos cadernos de Maria da Glória, seguramente faziam parte do imaginário familiar de Maria Isabel e de seus irmãos.

A memorialista deixa claro que sua motivação para publicar o livro recai sobre o valor dado a maternidade:

Essa narrativa me trará de volta a alegria de haver cumprido por inteiro a maior tarefa da mulher: a de ser mãe. E espero que, ao lê-la, alguém pressinta o gosto de uma vida humanamente vivida, cheia de contrastes, ora alegre, ora difícil, ora inconsequente, mas sempre transbordante dessa ternura de coração que constitui o núcleo da vida familiar brasileira. (SILVEIRA, 1962, p. 8).

Nota-se que mesmo em 1962, com 82 anos, Maria Isabel adere ao discurso hegemônico do final do século XIX e do início do XX que pretendia formar a “mãe burguesa” e a “mãe educadora”: uma figura que ocupava um lugar de autossacrifício. (TELLES, 2017, p. 429).

Isabel quis Valdomiro constitui-se de quarenta e oito capítulos curtos, na forma de narrativas, compostos de recordações que abrangem a infância da autora, narram os primeiros encontros com Valdomiro – quando ela tinha 8 e ele 17 anos – e se estendem até os anos iniciais da vida familiar, quando nasce o último dos cinco filhos do casal. O arco temporal aparece bem delimitado pela autora. É o caçula, Miroel Silveira, quem ajuda Isabel no trabalho de compilação, outro elemento que aproxima as obras de mãe e filha (Maria da Glória também teve suas memórias compiladas pela neta Yone Quartim). Porém, diferentemente de Maricota, que teve sua obra publicada postumamente, Isabel desfrutou do prazer de ver seu livro pronto. A entrada que corresponde ao dia do lançamento testemunha a emoção da memorialista:

Dia do lançamento do meu livro *Isabel quis Valdomiro*. Vamos ver o que acontece!

Nunca pensei que livro causasse a comoção que causou na Livraria Francisco [Alves]. Foi uma dessas cousas espantosas. Não parei de autografar durante três horas a fio. Recebi presentes e muitos e lindos buquês de flores cravos, rosas vermelhas que adoro. Até fiquei numa atmosfera de amizade e admiração encantada com o meu sucesso. Miroel ao meu lado, ajudou-me sem parar e Isa também dedicadíssimos, sem o que nada disso aconteceria. Muitos amigos ali compareceram com demonstrações de dedicação sem limites e muitos permaneceram de pé, olhando-nos amorosamente, achando-me linda e alegres com as repetidas demonstrações que não cessaram de todos que ali se achavam. (30 de novembro de 1962, diário de Isabel).

No texto sem assinatura, divulgado na orelha de *Isabel quis Valdomiro* (espaço privilegiado de um livro), destacam-se dois nomes (masculinos): Rui Barbosa e Monteiro Lobato. São eles que respaldam e justificam a publicação:

De fato, nasceu o livro de anotações tomadas pela autora em “diários”, feitos para cada filho separadamente durante seus primeiros anos de vida. É fácil imaginar o que representa de devoção e paciência esse redigir cotidiano de fatos, captados tantas vezes em estado de cansaço e de doença. Rui Barbosa, ao saber da existência desses “diários”, disse à autora na ocasião: “Basta isso para definir o seu caráter!”.

Mas o grande incentivador da autora foi Monteiro Lobato, que a considerava uma personalidade e invulgar e a aconselhava sempre a reunir essas anotações em livro. (SILVEIRA, 1962, s.p.).

A motivação que leva uma pessoa a escrever suas memórias pode variar. Contar-se para gerações futuras? Buscar na escrita uma companhia? Dar testemunhos sobre uma época? As intenções são inúmeras e não exclusivas. O que não se discute é que memórias se caracterizam pelo registro de uma voz singular, em seu anseio de resgate e reavaliação da experiência vivida.

Nas entrelinhas, o pressuposto de que o memorialista considera importante a sua experiência pessoal, merecendo, portanto, ser compartilhada.

Na abertura de *Isabel quis Valdomiro*, “Dá licença?”, não deixa dúvidas sobre o seu propósito memorialístico afetivo, ligado à maternidade:

As crianças crescem, e somos depois facilmente destronados por uma bicicleta, um namoro, um curso ou mesmo pela necessidade de estudar, de trabalhar e ganhar dinheiro...

É dessa perda certa e fatal que este livro procura me compensar. Espero, também, que leve idêntico sentimento de compensação a todos os pais e mães que estejam na mesma situação – isto é, já tendo perdido ou estando na iminência de perder suas crianças. (SILVEIRA, 1962, p. 7).

Nesse texto de abertura, Maria Isabel evoca os seus “diários” como prototextos (matéria prévia) (LEJEUNE, 2015, p. 11) do relato memorialístico:

Esse trabalho, que seria difícil se o quisesse realizar apenas com o auxílio da memória, foi-me facilitado pelos “diários” que escrevi na ocasião em que meus cinco filhos eram pequenos. Chovesse ou fizesse sol, morta de sono, no meio dos maiores cansaços ou aborrecimentos, não deixei de ir anotando os acontecimentos dia a dia, semana a semana, ano a ano, e por isso eles não perderam seu sabor do momento nem ficaram falseados pela imaginação ou pela saudade. São dados autênticos, os de que me servi para escrever a história que aqui se inicia. (SILVEIRA, 1962, p. 8).

Logo nas primeiras páginas do livro, Isabel expressa o desejo de reconstituir o passado. Concretiza uma narrativa que seduz o leitor, ora atraído pelo relato dos vínculos interpessoais, ora pelo contexto histórico. O texto memorialístico também deixa entrever ideologia, percepções religiosas e morais, notadamente a imagem do papel social esperado da mulher de uma classe e época. Se, por um lado, as memórias parecem fixar o tempo, por outro, instigam a observação crítica de múltiplas (e complexas) camadas de significado nos processos de subjetivação. Diários e memórias enganam leitores apressados.

2.2. Apresentando os “Diários dos filhos”

Os dez diários mais antigos conservados por Isabel formam um primeiro conjunto, preservando a memória de cada um de seus filhos, por isso “diário dos filhos”. Esses cadernos guardam vínculos não apenas em razão da sequência cronológica (de 1908 a 1919), mas também em relação à materialidade. Quatro deles foram feitos à mão. São folhas de alçaço de

gramatura espessa, no formato 16 x 22,5 cm, recortadas (ao meio?) e costuradas com linha vermelha em forma de caderno, com 10 folhas cada. A irregularidade no corte do papel e o arremate da costura evidenciam as mãos, o trabalho artesanal. O conjunto aponta para o caráter experimental desse grupo de cadernos. Não há dados seguros para se afirmar que foram feitos e costurados pela própria Isabel, que gostava de coser e fazia isso com frequência, de acordo com relatos encontrado nos diários. É bem possível que tenha sido ela também a mãe dos cadernos, ou seja, que ela os tenha criado, assim como criou os filhos – o gesto da mãe que cobre todas as instâncias da maternidade, inclusive a da feitura dos cadernos que abrigam as memórias dessas infâncias.

Os “diários dos filhos²⁸” apresentam-se escritos a lápis, em letra precisa e regular, redação gramaticalmente correta (e atenta à correção). Enquanto a caligrafia de Isabel se destaca pela legibilidade e a bela aparência, Maria da Glória mencionava com frequência sua caligrafia descuidada:

Sempre sofri no colégio por causa da minha caligrafia! Achava tudo fácil e podia ter ficado tola com as demonstrações que sempre recebi, mas, aguavam-me na escola todos os triunfos. Tinha sempre a repulsa da minha letra, coisa importantíssima naquela época e com a qual muito tempo se perdia! (MORAES, 1981, p. 14).

Nos diários de Maria Isabel palavras e frases aparecem sublinhadas e rasuradas. Mesmo escrevendo a lápis, ela não faz uso de borracha. Qual seria a sua justificativa para escrever a lápis? Se por um lado, pode sugerir desleixo e pressa, por outro, demonstra um estar à vontade nesse espaço, a ponto de não querer perder tempo apagando. Segue escrevendo sem interromper-se, sendo esse o objetivo principal da prática.

Na entrada mais antiga, de 24 de dezembro de 1908, nota-se o grifo de Isabel em algumas palavras indicando a fala de Júnia, com dois anos e meio. Há uma mimetização da fala da criança. Será pensando em um futuro leitor que ela faz tais marcações? No dia 4 de janeiro de 1909, relata episódio de Júnia na casa de Agenor e Beatriz (tios). Acha graça no jeito da menina falar, escreve e grifa representando a fala errada:

24) como ela brigasse muito com o Valdo, num passeio de bonde em que foram ambos no colo da Domingas, agatanharam-se como pequenos tigres estapeando-se, ralhei muito e disse que ela não devia brigar com ele porque ele era muito pequeno, tinha só um ano, e não sabia o que fazia; disse-me com

28Dos 10 “diários dos filhos” preservados no acervo: 5 foram escritos para Júnia, 1 para Valdo, 2 para Isa e 2 para Miroel. Não encontrei nenhum diário para Belkiss. Sabe-se que quem preservou o acervo foi a primogênita, talvez seja esse o motivo da maioria pertencer a ela. Nesse sentido, talvez Belkiss tenha guardado para si os seus próprios diários.

ar impagável ele não tem só um ano não, ele tem um ano e cato meis... (Diário de Júnia, 24 de dezembro de 1908).

As marcas pressupõem um leitor, certamente a própria Júnia, mais velha.

No diário em que Maria Isabel testemunha o cotidiano de Júnia, em 1914, há uma foto colada. Ao lado do instantâneo, no dia 7 de novembro, anota:

Preso aqui este instantâneo que tiramos todos juntos antes da Júnia ir para o colégio. Argemiro, a meu pedido tirou os instantâneos para ficar de lembrança e pregar nos diários dos filhos. (Diário de Júnia, 7 de novembro de 1914).

Na página seguinte, surge, colado, bilhete de Júnia escrito para a irmã Isa. É uma recordação que poderá ser apreciada pela filha anos depois.

Escreve Maria Isabel, em 27 de dezembro de 1917, referindo-se à filha Júnia: “diz com muita graça, que vai fazer o meu diário também, porque acha as minhas pilhérias dignas de registro.” O comentário mostra um espelhamento da mãe na filha. Júnia expressa que também há fatos e acontecimentos dignos de riso que poderiam ser registrados em um diário sobre Maria Isabel.

Segundo Philippe Lejeune, a correspondência é o principal intertexto do diário (2015, p. 28). Os diários de Maria Isabel acolhem transcrições de cartas. Em 19 de julho de 1910, ela transcreve mensagem de Maricota referindo-se a Valdo, expediente utilizado comumente quando os filhos estão sob cuidados dos parentes por um período mais extenso. Com frequência, Isabel deixa folhas em branco no diário, reservando espaço para as cartas que pretende transcrever, assim como deixa envelopes preparados para que as cartas dando notícias dos filhos lhe fossem enviadas. Em 8 de abril de 1914, registra: “Nenezinha ficou de me escrever diariamente dando-me notícias e até deixei uns trinta envelopes subscritos para mim, para facilitar-lhe a remessa da correspondência. (Tenho que copiar aqui todas as cartas de Nenezinha)” (Diário de Júnia).

2.3. Gênero & Classe

Confrontando-se os diários – escritos entre 1908 e 1914 – e *Isabel quis Valdomiro*, percebe-se uma Maria Isabel empenhada em resgatar uma época ela considerava o seu auge no papel de mãe. Isabel e Valdomiro tiveram cinco filhos no intervalo de oito anos – Júnia (1906), Valdo (1907), Isa (1910), Belkiss (1912) e Miroel (1914). Os diários que embasam o livro

testemunham o dia a dia de uma mulher ocupada em garantir o bom funcionamento da casa e o bem-estar dos filhos. Nota-se uma mulher que expressa a visão de mundo que marca a virada do século XIX para XX, permeada de ideias e correntes novas.

Representações do cientificismo e da modernização, na passagem do século XIX para o XX estão presentes nos diários dos filhos. A República associou-se à ideia de civilização. O crescimento das cidades passou a distinguir os espaços da rua (espaço público) e da casa (espaço privado). A influência do modo de vida burguês europeu, principalmente francês, incide sobre a mentalidade da mulher das camadas sociais médias brasileiras, classe social em que Isabel estava inserida:

Durante o século XIX, a sociedade brasileira sofreu uma série de transformações: a consolidação do capitalismo; o incremento de uma vida urbana que oferecia novas alternativas de convivência social; a ascensão da burguesia e o surgimento de uma nova mentalidade – burguesa – reorganizadora das vivências familiares e domésticas, do tempo e das atividades femininas; e, por que não, a sensibilidade e a forma de pensar o amor.

Presenciamos ainda nesse período o nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade. Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível. Verdadeiros emblemas desse mundo relativamente fechado, a boa reputação financeira e a articulação com a parentela como forma de proteção ao mundo externo também marcaram o processo de urbanização do país. (D'INCAO, 2017, p. 223).

Mulher casada, detentora de capital cultural e intelectual, fazendo parte de uma camada despreocupada com a subsistência, Maria Isabel está inserida em uma dinâmica social específica que articula gênero e classe. Por gênero entende-se “um elemento constitutivo das relações sociais, baseado em diferenças percebidas entre os sexos, e gênero é a maneira primordial de significar relações de poder”. (SCOTT, 1988, p. 42 *apud* SAFFIOTI, 1992, p. 197). Portanto, a categoria de gênero faz com que as diferenças percebidas em nossos corpos ganhem sentido dentro de uma estrutura de poder. Quando o gênero como categoria de análise se faz notar, adentramos o campo das desigualdades.

Como esposa de Valdomiro, Maria Isabel ocupa os lugares sociais de dona de casa e de mãe. Sua origem burguesa a situa em uma instituição, o casamento, que presume uma relação desigual entre ela e seu marido. Porém essa relação obedece a um mecanismo dialético, sendo

possível identificar a adequação de Isabel diante da situação. Heleieth Saffioti nos ajuda a entender o mecanismo:

A relação de dominação-exploração não presume o total esmagamento da personagem que figura no polo de dominada-explorada. Ao contrário, integra esta relação de maneira constitutiva a necessidade de preservação da figura subalterna. Sua subalternidade, contudo, não significa ausência absoluta de poder. Com efeito, nos dois polos da relação existe poder, ainda que em doses tremendamente desiguais. Que esta desigualdade não induza o leitor a pensar numa relação de hierarquia, quando se trata, como se verá adiante, de uma relação contraditória. Em todas as sociedades conhecidas, as mulheres detêm parcelas de poder, que lhes permitem meter cunhas na supremacia masculina e, assim, cavar-gerar espaços nos interstícios da falocracia. As mulheres, portanto, não sobrevivem graças exclusivamente aos poderes reconhecidamente femininos, mas também mercê da luta que travam com os homens pela ampliação-modificação da estrutura do campo do poder *tout-court*. Como na dialética entre o escravo e seu senhor, homem e mulher jogam, cada um com seus poderes, o primeiro para preservar sua supremacia, a segunda para tornar menos incompleta sua cidadania. (SAFFIOTI, 1992, p. 184).

2.4. Diário (prática) & Memórias (obra)

É de Philippe Lejeune a constatação: “toda escrita é produto de uma elaboração, mesmo que esta seja rápida e invisível, geralmente mental, às vezes oral.” (LEJEUNE. 2015, p. 22). Ao estudar a gênese do diário, o autor refere-se à ilusão de acreditarmos que a escrita diarística venha em um primeiro jato, fruto de pura espontaneidade. Isabel concordaria com Lejeune, pois chegava a fazer rascunhos das entradas de seus diários. Durante o período de pesquisa nos Arquivos do IEB, encontrei um pequeno bloco com anotações que correspondiam ao registro de uma entrada do diário devotado a Miroel, em 1917. Porém, mesmo sendo consequência de uma elaboração, quando comparamos o diário com outras escritas do gênero memorialístico, como autobiografia ou memórias, por exemplo, percebe-se a relação intrínseca do diário com o tempo presente.

Os diários que Maria Isabel devota aos filhos abordam temas recorrentes, como a maneira de educá-los e os valores em que se baseavam essa educação. Exibem um vasto vocabulário e capacidade expressiva. Em geral, Isabel descrevia comportamentos dos filhos e, em seguida, os interpretava. Ela costumava transcrever a fala equivocada deles, quando, por exemplo, tentavam dizer palavras ou frases mais difíceis. Junto a informações do cotidiano,

como o peso de cada um ou a troca de um dente, Isabel gostava de chamar a atenção para a esperteza, a inteligência e, principalmente, para a graça e a espirituosidade de cada um. Privilegia valores éticos, sem deixar espaço para registrar decepções ou frustrações na educação. Nesse sentido, a escrita de Isabel é caracterizada pelo decoro e pelo recato, traços esperados das mulheres da classe burguesa em que está inserida.

Nos diários, várias circunstâncias situam Isabel em seu tempo e em sua classe social. Os registros mostram a sua relação com objetos representativos da modernidade, como o telefone, ou os meios de transporte. É frequente a alusão a “retrato”, “retratista”, “fotografia”, “fotógrafo”, “instantâneo”, denotando a sua preocupação com esse tipo peculiar e recente de reprodução da imagem de si. Os filhos eram constantemente retratados. Depois, as fotografias eram reproduzidas em cartões e oferecidos a familiares, ou ganhavam função decorativa:

Tirou agora um bom retrato, em fins de fevereiro, e no 8 deste o fotógrafo trouxe saiu muito bom. Mandeí um ao velho Silveira, que entusiasmado escreveu-me uma carta, desejando que ela fosse tão bela de espírito como era de corpo e que nisso tinha a maior fé! (19 de março de 1914, diário de Júnia).

Vestiu uma roupinha nova, como a qual foi fotografado, em posição para pendant com o retrato que o Valdo tirou quando tinha 3 anos. Vou mandar reproduzir num grande crayon, para pôr no gabinete do Valdomiro, ao lado do Valdo. (8 de maio de 1916, diário de Miroel).

O dia de ser fotografado era tido como especial e por isso era esperado por ela com ansiedade:

Eu estou ansiosa para que fotografe todas [as crianças], para guardar de lembrança, principalmente o da Júnia que vai para longe, coitada! O tempo está brusco e adiamos para amanhã os retratos. Ontem finalmente o Argemiro nos fotografou, em grupo, no quintal. (27 de outubro de 1914, diário de Miroel).

Em *Isabel quis Valdomiro*, retoma a ideia:

Fomos ao fotógrafo para retratá-los e nos vimos atrapalhadas! Queriam à viva força trazer o pássaro que ele mostra a todas as crianças. (SILVEIRA, 1962, p. 88).

Maria Isabel, afinada com valores burgueses, espelha-se nos modelos culturais da França. Na primeira infância, os cinco filhos de Isabel e Valdomiro foram apresentados à língua francesa. Não raro nos diários pululam palavras nesse idioma, assim como neles são descritos

comportamentos difundidos pelo velho continente, entre os quais o costume de tomar chá no final da tarde, expressão de sociabilidade. Observamos estas inspirações em diversas passagens:

Dr. Silveira mandou por Valdomiro, que chegou às 6 horas da tarde, uns versos em francês que copio aqui: ‘8 Mai On entend des sifflements: Fi! Fi! Fi! -Qu’est-ce que c’est que ça? – C’est Miroel qui fait sa fête. En beau serin de la maison; Il est si fleur qu’une fillette, Il est siffleur comme un garçon. (08 de maio de 1915, diário de Miroel).

O poema escrito pelo avô, pai de Valdomiro, também é reproduzido no livro:

O “velho Silveira” quando o viu fazer isso [assobiar], caiu das nuvens, pois não acreditava que fosse verdade, pensando tratar-se de corujice de Valdomiro. Improvisou logo uns versinhos: “On entend des sifflements.../Fi! Fi! Fi!/Qu’est-ce que c’est que ça?/ C’est Miroel qui fait sa fête/En beau serin de la maison./Il est si fleur qu’une fillette/ Il est siffleur comme un garçon!” (SILVEIRA, 1962, p. 192).

A grande importância dada por Maria Isabel ao retrato também se relaciona aos valores de uma classe social que ansiava seguir os moldes europeus. Nota-se na burguesia brasileira, como na europeia, a presença do sentimento de identidade individual, refletido no desejo de fotografar-se, conforme argumenta o historiador das sensibilidades, Alain Corbin:

Ascender à representação e posse de sua própria imagem é algo que instiga o sentimento de autoestima, que democratiza o desejo do atestado social. Os fotógrafos o percebem muitíssimo bem. [...] Milhões de retratos fotográficos difundidos e cuidadosamente inseridos em álbuns impõem normas gestuais que renovam a cena privada; ensinam a olhar com novos olhos para o corpo, especialmente para as mãos. O retrato fotográfico contribui para esta propedêutica da postura objetivada pela escola, ao mesmo tempo em que difunde um novo código perceptivo. A arte de ser avô, assim como o gesto de reflexão do pensador, obedecem a partir de agora a uma banal encenação. (CORBIN, 1991, p. 426).

Os diários de Maria Isabel explicitam práticas e ideologias da classe burguesa ascendente a que ela pertence. Trazem para a superfície percepções vigentes em um país moldado pela estrutura escravocrata. Em 1911, Isabel registra a manifestação de preconceito que percebe na filha, na época com cinco anos:

No ginásio de meu mano Paulo onde nos hospedamos fez muita amizade com um aluno, Benedito Moreira, que já gostava muito do Valdo quando este lá esteve.

Ele disse que a Júnia ia casar com ele, tomou a sério e ficava furiosa com Nenezinha quando esta dizia que ele tem nome de negro. (31 de agosto de 1911, diário de Júnia).

Isabel expressa benevolência em relação aos empregados da casa, descendentes de escravos:

Como a nossa copeira é uma menina muito boazinha e sendo o hoje o seu dia de aniversário, e também data da extinção dos escravos no Brasil, fizemos só uma comida para dar um pouco de descanso a ela e à cozinheira Justina, que foi escrava. As crianças deram umas pratas para ambas e eu e Valdomiro um vestido. (13 de maio de 1912, diário de Júnia).

Em *Isabel quis Valdomiro*, deixa entrever os complexos vínculos entre patrões e empregados advindos de uma história econômica escravocrata:

Contratamos a Domingas por 50 mil réis, e não sabíamos que por esse preço ínfimo estávamos contratando o alicerce, a viga-mestra da formação de nossa família. [...] Domingas permaneceria conosco 13 anos ininterruptos, sem repousar, pois quando lhe dávamos férias ela as interrompia para regressar antes, saudosa e preocupada com as crianças. (SILVEIRA, 1962, p. 76).

Os trechos dos diários que desembocam no livro de memórias distinguem a mulher que se orgulha de sua prole, mostrando-se íntegra e vaidosa no papel de “rainha do lar”. Em poucas passagens o leitor é exposto à hesitação, ao receio ou ao medo. Um desses raros flagrantes refere-se ao temor em relação à hora do parto, afinal essa era uma das causas frequentes de mortes de mulheres no início do século. Maria Isabel perdeu a irmã, Maria da Graça (Coca), em 1909, nessas condições. Angustiava-se:

Sigo hoje para Santos, onde vou dar à luz. Quanto me custa deixar as crianças! Valdomiro veio buscar-me. Aqui não há boas parteiras. Tenho chorado de cuidado e por não saber o que me irá acontecer. Sempre se arrisca a vida em cada parto. (6 de junho de 1914, diário de Júnia).

O mesmo receio figura no livro:

Minhas suspeitas se confirmaram e depois do primeiro susto logo me conformei (e me alegrei) com o quarto bebê que já vinha a caminho. Só o parto me continuava assustando, principalmente depois do que tinha sofrido no nascimento da Isa. (SILVEIRA, 1962, p. 135).

Entretanto, no geral, Isabel se autorrepresenta como uma mulher de personalidade determinada, que não se questiona e nem se recusa a desempenhar o papel que lhe cabia na estrutura social:

As mulheres que se recusam a ter filhos por medo ou por vaidade, e que preferem passar a vida solitárias ou como escravas de um homem, de alguns

homens ou do mísero prazer que eles podem proporcionar ah! Essas mulheres não sabem que, deixando de ser mães, perderam a única oportunidade que a natureza nos oferece de nos realizarmos completamente e de nos sentirmos profundamente, integralmente felizes. (SILVEIRA, 1962, p. 38).

Também aparecem nessa obra trechos que reforçam a visão da mulher em termos de complementaridade do homem, uma visão colada ao contexto cientificista:

Creio que, da parte dele, o que houve foi principalmente uma atração biológica pelo que eu representava como seu oposto. Afora os aspectos românticos do mito menina-moça, tão característicos da época, acredito que inconscientemente Valdomiro procurava em mim a mãe saudável para os seus filhos. (SILVEIRA, 1962, p. 11).

Quando efetuamos a leitura de *Isabel quis Valdomiro* em suas diversas camadas de significado, observamos a complexidade identitária de Isabel e das demais mulheres de mesmo extrato social. Por mais que reforçasse a configuração da estrutura burguesa, a escritora acena com uma espécie de trunfo, que se impõe, recorrentemente, ao leitor. Que trunfo é esse? Se nos detivermos no título que Maria Isabel dá ao livro, notamos o protagonismo não em Valdomiro, mas na mulher que o desejou: *Isabel quis Valdomiro*. A autora nos mostra um tipo de reação fresta, pequeno clarão – expressa por meio de seu bom humor, alegria e ironia. Essa atitude, que tem como qualidade a espirosuosidade, é mencionada frequentemente como uma estratégia diante da vida. Talvez se tratasse de um mecanismo de escape, ou seja, a maneira encontrada por Isabel para não ser “uma serva do homem e boneca de carne do marido” (FREYRE, 1968, p. 94 *apud* DIAS, 1983, p. 40). Amiúde a autora chama atenção para esse antídoto aos cerceamentos impostos à mulher:

Meu recurso eram as brincadeiras. Inventava-as a propósito de tudo, para dar ao cotidiano um colorido inesperado. [...] Agora [Valdomiro] estava conhecendo melhor a força da musa marota que levava para casa... (SILVEIRA, 1962, p. 51).

Sempre fui naturalmente alegre, graças à minha formação saudável na infância passada em Minas, em contato com a natureza, e à sobriedade e higiene em que sempre vivi. Mas, além disso, procurei sempre também, ajudar minha alegria natural com o enriquecimento da alegria imaginada pela inteligência, para escapar de um perigo que aflige a natureza humana em geral, e o casamento em particular: a monotonia. (*ibidem*).

Aliás, mesmo nos momentos de maior tragédia e aflição meu gênio alegre me impedia sempre de perder o lado cômico das 149 coisas. (*idem*, p. 123).

Dávamos sempre longos passeios. Dona Maria Augusta tinha por mim visível “béguin”. Não passava sem a minha companhia, reclamava-me sempre. Dizia que meu gênio alegre e expansivo lembrava o de sua filha Chiquita (*idem*, p. 144).

Meu Deus, será que ela já entendia o que estava dizendo? Entenderia que o sentido da vida é esse: encontrar alegria quer quando se vai quer quando se volta, quer quando temos motivos, ou principalmente quando não temos motivos de felicidade? (*idem*, p. 173).

A subordinação a Valdomiro não é posta em xeque. Na qualidade de esposa, Isabel se rende às opiniões do marido, com respeito:

Mudamos de assunto, porque Valdomiro achava que essa conversa era péssima para as crianças, elas deviam pensar apenas em brincados, para esses sentimentos não serem despertados muito cedo. (SILVEIRA, 1962, p. 107).

Ontem Nenezinha arrumou as malas para ir para S. Paulo e com meu consentimento, arrumou também a roupa dela [Júnia] para ir passar lá uns dias; mas Valdomiro não deixou. Acha que os filhos devem sempre, estar perto da mãe e que isso fá-las-ia também perder o amor ao lar, com essas saídas. (12 de maio de 1912, diário de Júnia).

É próprio de alguns textos memorialísticos a tentativa de reproduzir o modelo de feminilidade culturalmente oferecido à mulher (VIANA, 1995, p. 33). Isto também se percebe em Isabel. Contudo, a memorialista não se autorrepresenta imóvel ou emparedada em sua condição de mãe e esposa. Maria Isabel reforça os valores tradicionais da família burguesa, replicando a moral cristã, mas ela se integra à narrativa testemunhal como sujeito agente, e não como espectadora. No autorretrato por ela construído, ganha contornos a personalidade virtuosa, dedicada e corajosa. Os trechos dos diários devotados aos filhos são subordinados ao livro na medida em que nele Isabel se mostra como uma mulher dotada de vontade própria.

O autorretrato de mulher determinada vai se construindo ao longo da narrativa até a chegada do clímax, deixado estrategicamente para o final. Isabel arquiteta um plano e proclama um firme propósito de cumpri-lo: convencer Valdomiro a comprar uma casa para a família em Santos. Assim que engravida do último filho, em 1913, este se torna um objetivo para o qual ela se volta com determinação. A estratégia consistiu em Isabel se mudar com os filhos para Jundiaí deixando Valdomiro sozinho em Santos. Em Jundiaí morava Paulo, irmão de Isabel, dono do famoso Ginásio Hydecroft. A matriarca, Maria da Glória, também se instalara na cidade nesse ano:

E tinha também meus planos secretos... [...] Só numa dessas visitas, mais tarde, é que lhe revelei a chantagem que eu lhe vinha silenciosamente preparando: disse-lhe que só regressaria para Santos quando tivéssemos casa própria — e uma boa casa, grande, e com terreno amplo para as crianças brincarem... Que diabo! Com cinco filhos, já seria tempo de pensar em nos instalarmos definitivamente, com todas as conveniências, e se eu fazia essa imposição não era por vaidade ou futilidade, mas porque se não tomássemos cuidado, como vivíamos de mãos abertas para todos, acabaríamos não guardando nada para os filhos. (SILVEIRA, 1962, p. 159).

Foi necessária muita força de vontade para deixar Santos e voltar a Jundiáí. Eu sabia que estava fazendo uma coisa perigosa com aquela “chantagem” da casa, porque na hora da despedida Valdomiro ainda brincou: — Você sabe, mulherzinha, que o caipira diz que “o hóme, passando três córgo, já num tem obrigação”? Eu sabia, eu sabia. Mas sabia também que, quando o homem tem má intenção, não precisa nem dos três córregos... Sabia também que era um grande sacrifício para Valdomiro viver sozinho em Santos, e todo o fim de semana subir a Jundiáí numa viagem cacete e fatigante. Mas, tinha que ser assim! Pelo menos eu estava disposta a não me preocupar com os tais córregos! (*idem*, p. 189).

Isabel é bem-sucedida e a compra da casa é comemorada em mais de um diário dos filhos. Essa é a maneira encontrada para encerrar seu livro, diante do seu grande desejo conquistado:

Hoje registro essa grande novidade e também a compra do nosso terreno em Santos onde pretendemos fazer a nossa casa. Passou-me Valdomiro o seguinte telegrama: ‘Escrituras recebidas abraços a ti e filhos. Valdomiro. Santos, 10-12-1914.’ Festejamos essa compra com uma garrafa de Champagne. (10 de dezembro de 1914, diário de Miroel).

Festejamos a compra com uma garrafa de Champagne. (10 de dezembro de 1914, diário de Júnia).

Ah! Era a casa, finalmente! Havíamos combinado essa redação para o telegrama, caso a compra, um dia, se efetivasse. Valdomiro com certeza precisava vender o terreno da Ana Costa para completar o preço da casa... No sábado seguinte chegou Valdomiro, triunfante, brandindo na mão a escritura da compra da casa que eu sonhara, o 816 da avenida Conselheiro Nébias...

Foi um dia de satisfação sem limites, com o forno assando broinhas e bolos de fubá e o champanhe estourando na mesa. Só eu não provava, porque não gostava de facilitar quando ainda estava amamentando. (SILVEIRA, 1962, p. 192).

Nas palavras que encerram a narrativa, Isabel triunfa, gozando o sabor de dever cumprido:

Cresciam as crianças, estavam cada vez mais interessantes, com piadas que valiam a pena e que anotei, como sempre, em “diários” individuais, abrangendo o período entre 1915 e 1924. Espero ainda poder contá-las se Deus me der vida e forças, e se o leitor me conceder de novo a benévola paciência que o trouxe até aqui... (SILVEIRA, 1962, pp. 193-194).

Aos 82 anos, Maria Isabel se apropria de uma parcela significativa dos diários que escreveu com o intuito de para narrar o dia a dia dos filhos durante a primeira infância. Ao deixar de lado um montante de cadernos dedicados a narrativa de si, Isabel faz o leitor pressupor que o auge de sua vida longa se concentrara nos primeiros 34 anos, quando a maternidade e a dependência dos filhos em relação a sua progenitora estão em destaque.

Maria Isabel Silveira distancia-se dos estereótipos que emparedaram as mulheres de classes sociais privilegiadas no início do século XX. A autora se vale dos diários e de suas lembranças para resgatar a história do nascimento e da infância dos filhos, nos deixando um relato do qual emerge um ponto de vista de si mesma. A ideologia patriarcal está presente na formalização de *Isabel quis Valdomiro*, mas a narrativa revela uma compreensão pessoal da realidade. Isabel não restaura o passado simplesmente, pois empenha-se em criar significados para seu papel de mulher no âmbito familiar e social. Selecionando e (re)organizando a experiência vivida, a memorialista procura se reintegrar ao mundo como sujeito de sua história.

3. ESTUDO DO DIÁRIO 1 (D-1)

O primeiro diário (D-1) de Maria Isabel Silveira cobre o período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 1925. O caderno “número 77”, de 150 folhas (24,5 x 17 cm), foi comprado na Casa Rosenhain por (5\$500), conforme etiqueta nele preservada. Possui capa dura estilo marmorizado verde escuro. O lombo em couro encontra-se danificado, em razão do manuseio. Na contracapa do caderno encontram-se anotações soltas: nomes associados a endereços e telefones: “Sra Luiza mulata comprida: Rua Pedro Amerrão – 165”, contas de somar etc.

Balanço dos registros diário de 1925: somam-se 336 entradas. Portanto, Maria Isabel deixa de escrever em 29 dias apenas.

<u>D-1</u>	<u>1925</u>
Janeiro	30
Fevereiro	28
Março	31
Abril	30
Maiο	31
Junho	30
Julho	31
Agosto	31
Setembro	17
Outubro	16
Novembro	30
Dezembro	31

Familiares mencionados no diário de Maria Isabel Silveira (MIS)

Alarico: cunhado de MIS, irmão de Valdomiro

Amílcar Gonçalves Mendes, marido de Júnia

Bellkiss: quarta filha de MIS

Cristina Oliver y Alzamora Silveira: mãe de Valdomiro

Isa: terceira filha de MIS

Júnia: filha primogênita de MIS

Maria da Glória (Nenezinha): irmã de MIS

Maria da Graça (Coca): irmã de MIS

Maria da Paz (Nenê): irmã de MIS

Miroel: filho caçula de MIS

Paulo: irmão de MIS

Valdo: segundo filho de MIS

3.1. Análise do Diário 1 (1925): a voz comedida

Recuperar com clareza o passado de mulheres é um desafio, uma vez que elas estiveram mergulhadas em silêncios impostos, que anularam a importância de suas próprias histórias. Em uma sociedade com tantas desigualdades e discriminações também evidenciadas nas questões de gênero, muito se ganha ao fazer emergir novos objetos, como diários, como forma de suprir essas lacunas. Do ponto de vista da história, diários propagam valores, informações e costumes de uma época. Paradoxalmente, apesar de ficado numa escrita baseada na sinceridade (o diarista deve contar-se), os diários se configuram como prática de um discurso pessoal e cada diarista cria suas próprias regras e isso inclui também o ficcionalizar. Tendo isso em vista, as próximas páginas se dedicarão a apresentar os diários de Maria Isabel como fonte privilegiada de investigação.

Considero Maria Isabel uma diarista extremamente bem-sucedida por ter vencido os desafios impostos a quem se dedica ao gênero. À sua maneira, manteve-se constante no registro das entradas do diário, fazendo da prática um projeto. (SIMONET-TENANT, 2004, p. 44). Em “Deliberação”, texto no qual reflete sobre a problemática da manutenção de um diário, Roland Barthes elenca suas próprias dificuldades: “Nunca mantive um diário – ou antes, nunca soube se deveria manter um. Às vezes começo, e depois, muito depressa, largo – e, no entanto, mais tarde, recomeço. É uma vontade leviana, intermitente, sem seriedade e sem consistência doutrinal.” (BARTHES, 2004, p. 445). Diferentemente de Roland Barthes, Maria Isabel revela o gosto do diário, fazendo avançar sua letra em vultoso número de páginas. O caderno mais antigo encontrado no acervo exibe, no registro inaugural, a data 24 de dezembro de 1908; a última entrada do último diário foi produzida em 12 de junho de 1965, apenas dois meses e sete dias antes de morrer.

3.1.1. *Percurso: do laboratório até a consolidação*

Não foi de repente que Isabel e a escrita diarística se encontraram. Os cadernos indiciam um significativo percurso até o momento em que ela elege o gênero como favorito. O caminho da diarista bem-sucedida é digno de nota, sendo possível rastreá-lo. A estabilidade no Diário 1 (e que perdura nos subsequentes) parece ter sido alcançada como parte de um processo. Chamo de estabilidade essa gestão regular que se mantém ao longo da vida de Isabel, até 1965: há um modelo preferido em relação ao formato, cada ano de vida correspondendo a um caderno e o conteúdo das entradas obedecendo a certo padrão formal e discursivo. Até chegar nesse ponto, os “Diários dos filhos” parecem ter sido uma espécie de laboratório da escrita. Nos dez diários mais antigos destinados a contar o dia a dia deles (peripécias, anedotas e aprendizados), Maria Isabel aparenta estar com a mão mais solta e livre para escrever. Boa parte das anotações é feita a lápis e, muitas vezes, quando quer corrigir um trecho, ela não o apaga, simplesmente rasura-o, mostrando-se à vontade. A formalização que aparece no Diário 1 ainda não havia se consolidado. Nos “Diários dos filhos” noto a ocorrência de relatos, quer dizer, textos corridos sem data, além da recorrência de grandes saltos temporais que, algumas vezes, são justificados:

(Não tomei notas no mês de janeiro, fevereiro e março). No dia 12 de março [Júnia] teve uma convulsão, e o Valdo também. (Diário de Júnia, 1912).

Só agora posso escrever a continuação do diário, pois diversos motivos me impediram: mudança para Santos e doenças, enfim tudo e até preguiça! Lembro-me que em outubro de 1915 ela teve a cabeça cheia de eczema e em Jundiaí há muita mosca varejeira e uma assentou nas feridas e ela sofreu muito para tirar os bichos. Foi preciso rasgar os focos a ferro e limpar, pondo desinfetante.

Nenezinha e a Domingas foram levá-la a casa do médico, um italiano chamado Dr. Domingos. (Diário de Isa, 1917).

Entre as escritas de si, o diário caracteriza-se pela fidelidade ao calendário, sendo essa sua principal especificidade formal. Fragmentos, captando o cotidiano, compõem uma sucessão de “entradas”: “uma entrada designa o conjunto de linhas escritas na mesma data” (SIMONET-TENANT, 2004, p. 19). Em permanente construção, a princípio o diário não é destinado à publicação, sendo um texto sem destinatário aparente. Se, por um lado, as entradas moldam a forma de um diário, por outro, o conteúdo com que se preenche cada entrada não respeita regras. Cada diarista cria seu método e estilo, sendo comum inserir no corpo do diário elementos variados, como citações, fotos, cartas, poemas, narrativas. E, quanto mais escreve, mais o diarista desenvolve marcas próprias.

Além dessas características formais, Philippe Lejeune distancia o diário da perspectiva de uma obra de acordo com a estética tradicional, uma obra é concebida como uma totalidade, com começo, meio e fim : “Na verdade, o diário não é, em sua origem essencial, uma obra: é uma prática, e sua finalidade é a vida de seu autor.” (LEJEUNE, 2015, p. 11). O gênero, na percepção do estudioso francês, coloca em pauta três noções: trabalho, fim e finalidade.

O trabalho de um diarista se repete a cada dia, mas, quando soa meia-noite, nada do que foi escrito naquela entrada deverá ser modificado. Se o diarista suprimir, acrescentar, deslocar ou substituir palavra, frase ou um trecho, ele corromperá um princípio básico do gênero: o da autenticidade. “O prazo das correções possíveis não ultrapassa algumas horas. O diário, como a aquarela, quase não suporta o retoque” (LEJEUNE, 2015, p. 13). O princípio da autenticidade está na base do discurso de Isabel, por exemplo, quando ela garante a veracidade do que narra em suas memórias (*Isabel quis Valdomiro*) com a ajuda dos diários. Ela cita os diários e se fia neles por capturarem o vivido.

Aberto à continuidade, o diário ignora a realidade de um “fim”, a menos que seja abandonado por decisão do próprio sujeito. Os diários de Isabel confirmam esta ideia, bastando examinar o último diário escrito antes de morrer, aos 85 anos. A data de sua morte é 19 de agosto de 1965 e junho é o último mês em que escreve. A escrita se enfraquece, nota-se o cansaço [da mão? Da mente?]. Ela registra uma entrada para cada dia, mas essas resumem-se a poucas linhas, às vezes, uma única frase. Chega-se a ter apenas três palavras para um único dia. Porém, na entrada derradeira – de 16 de junho de 1965 –, flagra-se a expectativa, ou melhor, a abertura para o amanhã. Não há nada que antecipe que aquela será a última entrada de uma vida dedicada aos diários e isso ocorre, muito provavelmente, porque ela esperava estar bem para escrever no dia seguinte:

Junho – 1965

1) terça. Dia lindo! Passei com asma o dia inteiro. Pouco comi. Júnia e Amílcar foram a Santos. Passei o dia sentada debaixo de árvore e ali permaneci até as 4 horas da tarde. A Geuda está gripada, mole, coitada. Alcício está limpando a casa. Não sei de Isa e nem das crianças. Amílcar me deu 50 contos para a compra de um mantô. Miroel não veio domingo à noite.

2) quarta. Pelo telefone do Mário Camargo recebemos a triste notícia da morte do Domingos, marido da Judith [...], não [supunha] tão rápido o seu fim. Nós o queríamos muito, era uma boa pessoa e também nos correspondia em seu afeto.

Quase não posso escrever, estou e tenho estado com asma horrível. Vivo deitada e sofrendo muito.

3) quinta. Júnia foi à feira. Fiz o arroz com bacalhau, mas não saiu bom.

As crianças estiveram aqui depois do almoço e ficaram até o jantar. Júnia foi com Amílcar à cidade e eu doente. Deixou-as a pedido deles para ficarem em casa de Beatriz.

4) sexta. Miroel bem[,] hoje almoçou aqui e me trouxe perfume francês [...] ótimo. Estava de cama.

5) sábado. Não estou passando bem. Estou sofrendo bastante. Sem coragem para nada.

6) domingo. Viva o Valdo! Ele não apareceu. Ando passando mal. Zezé e Bardet [...] Deus o abençoe.

7) segunda. Continuo mal.

8) terça. Mal. Valeria D. [ilegível].

9) quarta. Júnia e Amílcar foram a Santos.

10) quinta. Estou sofrendo.

11) sexta. Sem coragem. Dr. Terrere e o Zuza estão me tratando.

12) sábado. Passo os dias na cama.

13) domingo. Indisposta e medicada. Flavinha, Irene e Liana!

14) segunda. [ilegível] e aborrecida.

15) terça. Dia horrível!

16) quarta. Melhorei bem estou esperançada e alegre. Dei a Isabel (15 contos).

A função constitui o terceiro traço característico do diário, distinguindo-o de uma obra. Segundo Lejeune, o diarista escreve não para produzir efeito sobre o leitor, mas para partilhar sua vida com a escrita:

Acima de tudo, o problema do diário está no fato de não ser somente uma produção de texto, mas uma produção de vida. Trata-se de uma criação apenas secundariamente, sendo, antes de tudo, uma *prática*, no que diz respeito à escritura, e uma *conduta*, no que concerne à vida (LEJEUNE, 2015, p. 15).

3.1.2. A novidade: mola propulsora do Diário I

Os diários de Maria Isabel não deixam margem para dúvida de que ela tenha assumido essa escrita como prática e um modo de vida, mas, ainda assim, é de se perguntar o que teria feito Isabel documentar a si mesma durante tantos anos. O diário como gênero feminino sugere uma primeira resposta: os diários mais antigos são escritos pela Isabel mãe, inspirada a registrar a infância de sua prole. A hipótese ganha reforço com o estudo da historiadora Vânia Carneiro de Carvalho (2008), *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920*, que investiga o momento de efervescência e de mudanças na vida familiar e urbana da cidade de São Paulo, período em que se criam práticas de consumo que inauguram um modo de vida burguês. Em sua pesquisa, Vânia Carneiro de Carvalho identifica

o uso sexuado de objetos. Os artefatos têm a capacidade de agir e produzir efeito, nos moldam e nos expressam, como canetas e óculos estariam filiados ao gênero masculino e o diário, por extensão, estaria vinculado à mulher delineada nessa nova classe.

Os diários de Isabel refletem esse contexto em que a crescente urbanização e a industrialização concebem a ideia de modernidade. As intensas mudanças na Belle Époque brasileira introduzem novos padrões de consumo e, conseqüentemente, novos hábitos:

Esse período abrangeria grosso modo de 1900 a 1920 e assinala a introdução no país de novos padrões de consumo, instigados por uma nascente mas agressiva onda publicitária, além desse extraordinário dínamo cultural representado pela interação entre as modernas revistas ilustradas, a difusão das práticas desportivas, a criação do mercado fonográfico voltado para as músicas ritmadas e danças sensuais e, por último mas não menos importante, a popularização do cinema. (SEVCENKO, 1998, p. 37).

Maria Isabel se insere em uma camada social média ascendente que se espelha em padrões eurocêntricos. O diário de 1925 reflete a intensificação de uma vida urbana estimulada pela convivência social que reorganiza o cotidiano doméstico, as atividades e sensibilidades femininas. Em suas anotações, Isabel propaga esse novo modo de vida marcado pela ideia de uma vida mais higiênica, movimentada e consumista. O Diário 1 é repleto de exemplos da versatilidade de Maria Isabel, leitora de revistas importadas, consumidora moldada por esse novo estilo de vida burguês:

Convém não esquecer que a emergência da família burguesa, ao reforçar no imaginário a importância do amor familiar e do cuidado com o marido e com os filhos, redefine o papel feminino e ao mesmo tempo reserva para a mulher novas e absorventes atividades no interior do espaço doméstico. Percebe-se o endosso desse papel por parte dos meios médicos, educativos e da imprensa na formulação de uma série de propostas que visavam “educar” a mulher para o seu papel de guardiã do lar e da família – a medicina, por exemplo, combatia severamente o ócio e sugeria que as mulheres se ocupassem ao máximo dos afazeres domésticos. Considerada a base moral da sociedade, a mulher de elite, a esposa e mãe da família burguesa deveria adotar regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas, constituir uma descendência saudável e cuidar do comportamento da prole. (D’INCAO, 2017, p. 230).

O primeiro diário em que Maria Isabel escreve exclusivamente sobre si compreende o período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 1925. Sobram poucas páginas em branco de um total de trezentas; a diarista deixa de escrever em apenas 29 dos 365 dias desse ano. O Diário 1 se consolida materialmente como o preferido entre os tipos de caderno utilizados para acolher os registros cotidianos: tamanho 24,5 x 17 cm, pautado, lombada de couro, 150 páginas, capa

lisa de estilo marmorizado. O instrumento de escrita mais utilizado é a caneta, mas algumas entradas aparecem a lápis. Nota-se uma moldura em que a escrita diarística se encaixa repetidamente de maneira estável: o ano e o mês são escritos na primeira linha da primeira página centralizados; o número correspondente ao dia segue na linha abaixo com um único sinal de parêntese separando-o do dia da semana que vem logo após. A caligrafia de Isabel é bonita e de fácil leitura, sua escrita é gramaticalmente correta e atenta; ela explora a linguagem em todos os aspectos: no vocabulário, no uso da pontuação, marca os estrangeirismos e expressa-se muito bem a ponto de sua escrita revelar uma ética, seus valores e visão de mundo.

Quanto ao conteúdo, Isabel inicia as entradas contando a que horas acordou, descreve o tempo: se está calor, frio, venta (“noroestou”) ou chove, se nadou bem cedo, como de costume, e quem a acompanhou; o retorno para casa é seguido dos arranjos e arrumações para o almoço; descreve suas ações e os passeios à tarde; se tomou chá (e com quem) e o jantar em família. À noite, é frequente Isabel registrar passeios como idas ao cinema ou ocasiões para tomar sorvete. As entradas terminam com o registro das últimas sensações e sentimentos do dia, antes de incluir o horário em que se deita para dormir. A enunciação subjetiva, marcada pelo uso da primeira pessoa, se alterna com o uso da primeira pessoa do plural – com frequência as entradas se encerram com “Deitamo-nos” – apontando para uma baixa individualização.

Algumas perguntas feitas ao Diário 1 não foram respondidas, por exemplo, o local onde Isabel gostava de se colocar para escrever. Apesar da escrita regular e constante, a escrita das entradas não é meticulosa. Também não encontrei informação sobre o horário preferido para escrever, mas os indícios apontam para o final do dia. O Diário 1 também não forneceu elementos para percorrer o fio metadiscursivo. Poucas vezes Maria Isabel discorre sobre o ato de escrever. Faz isso raramente quando justifica um salto temporal e, em 26 de abril de 1925, comenta que foi para casa e pôs em dia o diário, indicando uma escrita retrospectiva. Esse fato coloca em questão o imediatismo do diário e reforça que a aparente improvisação de um diário pode ser colocada em xeque. A escrita de uma entrada pode sempre passar por um rascunho mental. Não há no diário de 1925 margem para o hibridismo, as entradas são bastante regulares e apenas no final de caderno, após a escrita do dia 31 de dezembro, irrompem dois textos chamados “Cópia da Comunicação (Isabel)” e “Valdomiro – Cópia da Comunicação”, textos que Isabel recebeu e copiou nas páginas finais do caderno e que vinculam Isabel e Valdomiro aos seus possíveis espíritos antepassados. Os dois textos foram transcritos e aparecem nos tópicos 4.1 e 4.1.2 desta dissertação.

No diário de 1925, os padrões desse novo estilo de vida na década de 1920 se destacam e a análise do diário mês a mês demonstra que um dia bem vivido para Isabel está associado a saídas de casa para passeios, idas à cidade para compras e encontros para tomar chá e prostrar. A entrada do primeiro dia do ano é inaugurada com a família reunida em volta da mesa desfrutando comes e bebes:

1) entrei o ano bebendo, com todos à mesa (isto à meia-noite)[,] um vinho espumante italiano, saudando a entrada de 1925 (VIII). Comemos castanhas, biscoitos, figos, passas, nozes, amêndoas, avelãs etc. etc. Estava muito alegre. Deitamo-nos em seguida. (1º de janeiro de 1925).

Os meses em que mais escreve²⁹, janeiro e julho, são de intensa atividade, com a diarista dedicando-se à sociabilidade ou ao trabalho doméstico. As entradas de janeiro são marcadas por idas ao cinema Miramar para assistir fitas (em 12 e 16/01), uma ida ao teatro (10/01), encontros para tomar chá (2, 17 e 30/01), passeios de bonde com Valdomiro (5, 6, 7, 10, 17 e 18/01), passeios com filhos ou parentes (3, 20 e 29/01) e saídas para fazer compras (24, 30 e 31/01). A ideia de novidade é uma das molas dessa escrita que se avoluma quando a diarista tem um dia dinâmico e, ao contrário, se esvazia, ocupando poucas linhas, quando há ausência de novidades ou movimento. Nos 31 dias de janeiro, Isabel deixa de escrever apenas na segunda-feira, 19, e quando retoma a escrita, na terça, justifica: “(Esqueci-me de fazer o diário ontem (19) que não houve novidade)”.

Ainda que estude piano, faça uma orquestra (quando os filhos se reúnem para tocar e cantar), supervisione o trabalho dos empregados ou tome banho de mar, essas atividades são consideradas corriqueiras e não têm o valor positivo da “novidade”:

[...] Estudei mais de uma hora de piano de manhã. Calor horrível!
Depois do almoço fui para a cama de indisposta. Guaraci almoçou conosco.
Tirou retratos das meninas e também delas comigo. Fizemos uma orquestra.
Deitei-me cedo, o dia correu sem novidade. (9 de janeiro de 1925).

Nada fiz durante o dia. Dormi. A atmosfera muito carregada deixa a gente desanimada. (15 de janeiro de 1925).

Nada fiz toda manhã olhando o serviço de Helena e Emídio. (18 de janeiro de 1925).

29 A transcrição do diário é usada como referência para medir o volume de escrita mês a mês. O diário de 1925 ocupa, ao todo, 80 páginas da dissertação obedecendo a seguinte divisão: janeiro ocupa 9,5 páginas, fevereiro 8 páginas, março 8 páginas, abril, 8 páginas, maio 7 páginas, junho 5,5 páginas, julho 12 páginas, agosto 7 páginas, setembro 4,5 páginas outubro 2 páginas, novembro 3,5 páginas e dezembro 5 páginas.

[...] Fui só ao banho. Não fui a parte alguma, nem ao curso. (22 de fevereiro de 1925).

[...] Viemos para a estação para pegarmos outro trem para voltarmos. Jantamos no trem e não encontramos novidade. (26 de março de 1925).

[...] Estudei piano cedo e estive vendo as obras. Depois do almoço fiz a mesma [cousa]. Dia estúpido. (13 de junho de 1925).

[...] Fui com Nenezinha ao hotel. Dia estúpido. Não saí de casa apesar do dia estar lindo (VIII) e haver mil divertimentos pela cidade. Passei o dia triste. Procissão da capelinha. (28 de junho de 1925).

[...] Dia estúpido e passei-o dormindo e profundamente aborrecida. Alberto e Consuelito estiveram e Nenezinha com Francisco à noite. (30 de agosto de 1925).

[...] Não saí, senão de manhã com a Júnia. Estudei canto e piano. Choveu. Dia sem novidades. (23 de novembro de 1925).

[...] Demos lição a Mme Amoroso. Não saí de casa. (23 de dezembro de 1925).

[...] Não saí todo dia. Olhei a casa, roupas do Miroel e costurei um pouco. Estudei piano e canto. À noite choveu. Às nove fui dormir e ler um pouco. (29 de dezembro de 1925).

3.1.3. “Mulher leitora” se torna “Mulher consumidora”

Em *Isabel quis Valdomiro* e nos diários, bem como em outros de seus registros, depositados no Fundo Valdomiro Silveira –, há um caderno com colagens de matérias de jornais de interesse feminino, como receitas culinárias até notícias que discutem o divórcio – indícios que caracterizam Isabel como leitora de revistas e periódicos. Ana Luiza Martins lança luz sobre a mulher consumidora, alvo do periodismo brasileiro, que se especializava no início do século XX, conforme indicado em *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República. São Paulo (1890-1922)*:

Na tarefa de Rainha do Lar, cabiam-lhe muitas das decisões de gastos diários, desde os fortificantes para a prole, dentifrícios para a família, produtos alimentícios, sabonetes de qualidade no apuramento higiênico aos remédios para a “saúde da mulher”, produtos largamente anunciados pelas revistas. Concomitantemente, a ascensão social propiciada pelo surto econômico exigia-lhe representação compatível com o novo *status quo*, conduta que a vinculava ainda mais à publicidade periódica, responsável pela atualização do

leitor. A aquisição de figurinos era o primeiro passo para a produção dessa nova mulher, atenta aos ditamos da moda, via Paris. A nova indumentária, contudo, não bastava. Era preciso outro mobiliário, de preferência da Casa Alemã, em anúncio de página inteira. Impossível resistir aos apelos da Casa Edison, que tinha até seu órgão de propaganda, a revista *O Eco*, que anunciava os engenhos mais modernos – do gramofone à vitrola; sedutoras, igualmente, as novidades do Mappin Stores, onde os chás da tarde constituíam-se em apelos definitivos do cotidiano elegante, inaugurando outras sociabilidades, hábitos e práticas do viver urbano. (MARTINS, 2008, p. 382)

O ano de 1925 é marcado por dois eventos importantes para a família Silveira: o casamento de Júnia, a primogênita, com Amílcar Mendes Gonçalves, em 22 de junho, e a reforma e mudança para a casa onde a família passa a morar definitivamente até a morte de Valdomiro, em 1941. Durante boa parte do primeiro semestre de 1925, a família reside provisoriamente no hotel Parque e em uma casa que alugam posteriormente. Enquanto a casa definitiva é reformada, Isabel coordena os trabalhos. A compra da casa é uma conquista e ela muito se empenhou para convencer Valdomiro da importância de serem proprietários de um imóvel. Em julho, mês com mais volume de escrita, Isabel se divide intensamente entre duas casas, a que estavam morando temporariamente (“casinha”) e a que está sendo reformada (“casa”). Ela supervisiona a reforma indo diariamente acompanhar os trabalhos: “dando mil providências”, “cheia de incumbências” e “determinando cousas”. Nota-se a energia de Isabel voltada para a preparação da nova moradia:

[...] Eu e Francisco estivemos o dia inteiro desde de manhã arrumando móveis, varrendo e lavando a casa, para organizar um pouco a desordem da casa. (8 de julho de 1925).

[...] Estive toda a linda manhã em casa varrendo, arrumando, lendo cartas e pondo fora correspondência velha, queimando-a. Depois do almoço voltei e levei até às 5 e meia arrumando a roupa de Valdomiro[,] concertando tanto a dele como as do Valdo e Miroel. Fiz rol para a lavanderia também. (10 de julho de 1925).

[...] Chove. Fui cedo para casa (veio Helena avisar-me que o marceneiro queria que eu mostrasse o defeito das grades que mandei fazer para colocar no terraço) vieram muito juntas e mandei alargar mais as malhas. Fui correndo antes do banho, ver e determinar. (13 de julho de 1925).

[...] Estive trabalhando toda a manhã nas duas casas (aqui ajudava Emídio e Helena, lá varri e arrumava cousas). Depois do almoço, que o comemos na cozinha (os pequenos lavaram a casa). Depois do almoço estive também na casa, vendo pregar o gradeamento do terraço, as pinturas e o serviço de saneamento que está caminhando depressa, pois já estão na garagem. O

serviço das águas não trabalhou por ser feriado. Escolhi a cor da moda atual (cor de fúcsia) para a casa. Sr. Costillas veio com amostras para escolher novamente, está tão difícil encontrar o que eu quero. (14 de julho de 1925).

A nossa casa está que parece um inferno em movimento (uns raspando o assoalho, outros pintando, outros pondo as grades da frente, no terraço, um marceneiro colocando os [paus?] para as cortinas, os empregados do saneamento colocando frisos e pondo encanamento etc. Vejo-me louca! Tenho que atender a todos e providenciar. (15 de julho de 1925).

[...] Cedo arrumei dois armários de livros e depois o sr. Henrique (marceneiro alemão) saiu e não terminou a limpeza do armário (últimos dos 3 que vieram). Tive que parar. [...] Fiquei exausta de tanto abaixar e mexer arranjando os livros. Que trabalhão. (30 de julho de 1925).

A escrita diarística de Maria Isabel não parece estar voltada para a publicação. No diário de 1925, encontram-se os valores burgueses relacionados aos papéis da mulher como mãe, esposa e dona de casa, responsável pela organização e manutenção do lar. As entradas mostram Maria Isabel conformada com essas atribuições. A escrita comprova a sua disponibilidade para o gerenciamento doméstico e a identificação com a figura feminina, estratégica na propulsão do consumo no âmbito familiar:

[...] Tive que ir depois do almoço à cidade para escolher ternos para o Lele (comprei-os na Casa Lenuck) muito lindos. Comprei um [“congolem”?] na casa Mappin, por 165\$000, vermelho, mas, a casa mandou-o por um carregador que arreventou com ele. (3 de fevereiro de 1925).

[...] Fomos à S. Paulo, ouvimos a missa, que foi muito concorrida. D. Julieta[,]Amílcar e Helena foram depois comigo à Mappin onde escolhi bateria de cozinha, geladeira, armários e mil objetos necessários... Tapete etc. [...] (26 de março de 1925).

[...] Fomos à Lingerie Moderna para apressar as nossas encomendas. Estivemos na Mappin, na casa Alemã vendo vestidos. Almoçamos na Brasserie (por sinal que muito bem). Fomos ao escritório do Amílcar, com quem mais tarde tomamos chá na Mappin, apresentou-nos um seu colega e amigo José Freitas que conosco veio conversar. (16 de abril de 1925).

[...] Passamos o dia em S. Paulo. Fui à Mappin, à Casa Alemã, ao Cambuci, à rua Conselheiro Ramalho, à costureira (Silva P.)[,] à casa do João de D. Anna. Chegamos às 7 e meia e viemos a pé até a Praça Mauá. (30 de maio de 1925).

Nota-se o compromisso de Isabel com a sinceridade, em seu propósito de registrar fielmente o vivido. Firma uma escrita diarística enraizada nos fatos do cotidiano. O diário

registra o *eu* no papel, e aquele que escreve é o primeiro leitor dessa escrita de si. Porém, escrita é discurso, linguagem e representação; se iludirá aquele que não desconfiar da imagem de papel. O estilo regular e constante, inaugurado em 1925, ao qual se mantém fiel quarenta anos depois, supõe uma figura única e ausente de ambivalências. Os diários de Isabel não se caracterizam pelo registro de confissões, de relatos de conflitos ou angústias. Nos dias em que registra descontentamento, choro, tristeza e aborrecimentos, por exemplo, há sempre um silêncio marcado pelo ponto final ou por uma mudança (brusca) de assunto.

[...] Estive toda a manhã na frente do hotel tomando ar e conversando com diversos conhecidos.

Valdomiro deixou-me num estado nervoso horrível, passei um dia tão aborrecido (como sempre). Deitei-me um pouco de dia, mas a manha do Paulico não me deixou dormir quase.

Amílcar chegou às 11 horas, almoçando conosco. À tarde também estive na frente vendo o curso e conversando com D. Bertha Schmit e D. Helena Allen. À noite Júnia cantou ao violão no salão, a pedido das famílias Schmit e Madeira. Deitei-me cedo e chorei como uma louca. Valdomiro foi passear com Julieta e quando voltaram já estava dormindo. (8 de março de 1925).

[...] Fomos eu e Júnia com o Amílcar à S. Paulo para cuidar do enxoval e costureiras. Fizemos tudo a contento. Almoçamos com D. Julieta. Voltamos pelo trem das 4h15. Sr. Castanho trouxe-nos no seu auto. Veio de prosa conosco e correu tudo bem rápido. **VIII**.

Deitamo-nos cedo. Chorei muito. (30 de março de 1925).

[...] Estive cedo em casa vendo as obras, estudei canto e piano. Recebemos de um cliente umas mexericas. Depois do almoço fui ao Parque, visitar Alzirinha Assumpção e agradecer à Mme Floville as gentilezas. Depois fui à cidade ao escritório, passando antes pelas lojas (para mandarem as contas) e pelo sapateiro da Isa. **VIII**. Estive com Mme Alca que me fez entrar e Evelina.

À noite não saí. A Isa, Valdo, Belkiss e Miroel foram com presentes (vasilha de metal para pós de arroz, pós de arroz e pluma, além de 1 vidro de perfume Lilás) cumprimentar a Maria. Dia lindo! Valdo deu uma caixa de bombons. Nenezinha e uma filha do Dr. Reis (hóspede) veio tratar de figurinos para escolher o modelo do vestido de casamento. Veio o moço da Casa Pedro dos Santos, para encaixotar os presentes da Júnia. Comecei a ler o livro que dei a Valdomiro. Chorei um pouco antes de dormir. (26 de junho de 1925).

[...] Dia triste e aborrecido. Chorei a mais não poder, desejando a morte. Trabalhei o dia inteiro nesse estado de espírito, pois viemos definitivamente para ela, depois de 5 meses e 10 dias fora dela. Sofremos desconforto até não poder mais. A casa está ainda em obras e muito suja. (10 de agosto de 1925).

[...] Passei o dia em repouso. Dia lindo e eu triste... triste.

À noite fui visitar a família Camargo que sofreu um desastre de auto.

Rasguei muitas cartas e papéis inteiros. (25 de agosto de 1925).

[...] Depois do banho fui para a pensão, onde almocei e vim com a Nenezinha já pronta para irmos à cidade tendo passado pelo Parque onde cortamos o cabelo.

Estivemos em casa da Joana Bitar, onde tratamos da pele e dos cabelos.

Fomos tomar chá na Galeria e voltamos para casa. Pelo bonde 2 (VIII).

À noite fui à casa do sr. Camargo, ver os desastrados.

Estudei piano esses três dias.

Nicácio despediu-se do escritório e não veio hoje.

Nunca senti tanta tristeza. (31 de agosto de 1925).

[...] Vou à tarde para S. Paulo. Passei chorando parte da noite, que tristeza! Não saí. Manhã bonita e agora chove. Miroel foi à lição. (23 de outubro de 1925).

[...] Fui ao Cambuci de auto com Júnia. Depois do almoço (almocei com Elisa, que ontem me convidara), fui com ela ao médico Dr. Jácomo Define, para consultar sobre o meu pé. Fomos abraçar Cotinha Veiga que ficou muito contente. Marieta achou-me muito alegre. Felizmente ninguém percebe a minha tristeza. Voltei à casa de D. Julieta onde Júnia me esperava e não queria que voltasse para Santos, choramingou. Amílcar também não queria. Fiquei por esta noite, irei amanhã cedo. (26 de outubro de 1925).

3.1.4. *Diário íntimo x Diário pessoal*

Mês a mês, durante todo o ano de 1925, diversas entradas registram sentimentos ligados à tristeza. Em janeiro, a expressão de sofrimento ganha forma em nove dias: desânimo, tristeza, melancolia, aborrecimento, nervosismo ou choro. É interessante o uso dado aos parênteses como manifestação de uma voz que fala mais baixo, uma espécie de sussurro: “Voltamos às 11 horas (eu muito aborrecida).”, anota em 20 de janeiro de 1925. Em fevereiro, o registro do humor vinculado ao descontentamento aparece seis vezes, no emprego das palavras “tristeza”, “aborrecimento”, “aflição”, “nervosismo”. Em 6 de fevereiro, escreve “Chorei muito”; pode-se supor que o motivo esteja relacionado como alguma questão envolvendo a casa, assunto imediatamente contíguo. Contudo, não é o que mais geralmente pode ser observado no diário. Na maioria das vezes, não há menção sobre as causas das insatisfações de Maria Isabel:

[...] Chorei muito e estou hoje profundamente aborrecida. Veio o construtor Domingos Basile e pediu 70 contos pela reforma da casa. Acho caríssima e estou sem vontade de empregar este capital todo numa casa velha, apesar da

opinião em contrário de Valdomiro... Não sei o que faço! (6 de fevereiro de 1925).

Em março, Maria Isabel registra a sua tristeza – choro – duas vezes. Contrariamente, no mesmo mês, exibe um bom estado de ânimo, quando menciona a decisão de frequentar um curso de datilografia: “Fiquei tão enturmada que vou também começar com ela na 2ª feira” (25 de março de 1925). Em abril, não manifesta prostração, sem alguma justificativa explícita. No mês de maio, a menção à tristeza e ao aborrecimento ganham o advérbio “interiormente”, introduzindo, pela primeira e única vez, a dimensão psíquica: “Sempre estou triste e aborrecida interiormente.” (5 de maio de 1925). Em contrapartida, no mês de maio, Maria Isabel escreve: “Estivemos muito alegres”, difundindo o sentimento, esparramando-o em uma voz na primeira pessoa do plural (21 e 29 de maio de 1925). Em quatro dias do mês de junho, a diarista menciona tristeza, aborrecimento e nervosismo, sem mencionar as causas. Em julho, observo anotações desse quadro de insatisfação cinco vezes. Em agosto, mês do seu aniversário, a tristeza e o descontentamento aparecem onze vezes e, em uma delas, o paroxismo “vontade de morrer”. Nesse mesmo mês, o diário nos fornece uma pista do que pode amenizar as preocupações de Maria Isabel: “O passeio fez-me bem, descansei o espírito um pouco.” (14 de agosto de 1925). Em setembro, observo o bom humor de Maria Isabel no registro de três dias: “Estou mais calma, passei bem o dia.”, “Passei o dia alegre e sem aborrecimentos.”, “Passei alegre o dia, sem aborrecimentos.” (1º, 2 e 3 de setembro de 1925). Contudo, em duas outras entradas, o desânimo: “não acho graça em nada” (21 de setembro de 1925); “estou num estado lastimável...” (23 de setembro de 1925).

O mês de outubro marca a maior ausência de Isabel ao Diário 1. Ela viaja ao Rio de Janeiro para encontrar Valdomiro e não escreve uma só linha entre 25 de setembro até 15 de outubro. Quando retoma o diário, faz um apanhado da viagem realizando uma retrospectiva de largo alcance:

[...] Estive quase 15 dias no Rio.
Passeamos muito. Fiquei conhecendo muitos passeios, restaurantes e cinema.
Fui ouvir no Municipal a *Lucia di Lammermoor* pela Bebê Lima Castro.
Fomos as casas do Coelho Neto, João Luso e Goulart de Andrade. Gostei muito de tudo. (16 de outubro de 1925).

Atrai-me pensar que a viagem ao Rio de Janeiro foi um dos grandes acontecimentos na vida de Maria Isabel, em 1925. O relato aparece na forma de um balanço que fixa a imagem positiva da viagem. A representação que aparece no diário corresponde a uma mulher com energia para os passeios e para a vida social. É possível que a experiência da viagem tenha se

sobreposto à prática e o diário talvez nem tenha sido levado na mala de viagem. Também no mês de outubro, Maria Isabel recorre às cartomantes em duas ocasiões, mencionando apenas que “todas dizem a mesma coisa”. O diário não revela o que dizem as cartomantes, mas deixa implícito que Maria Isabel busca uma resposta. O registro de insatisfação sem causa aparece em três dos dias em que escreve: “Uma tristeza de morte” (25 de outubro de 1925). O mês de novembro testemunha contentamento em três diferentes entradas: “estou num ótimo estado de espírito” (2 de novembro de 1925); em um outro dia, a angústia: “Esta noite acordei nervosa e chorei muito.” (27 de novembro de 1925). No mês que encerra o ano, o estado de desalento aparece seis vezes: muito choro e aborrecimento sem que as causas sejam explícitas.

A insatisfação e o descontentamento são recorrentes no Diário 1 e me pergunto por que ela teria chorado? Quais são as contrariedades que acometem a vida de Isabel? Se na maior parte das vezes em que ela se mostra triste, insatisfeita e contrariada, o diário não fornece as causas desse estado, o que se tem, portanto é uma ausência de representação de um estado interno. Seu estilo de escrita não se caracteriza pelo sentimentalismo, mas pela autodisciplina e controle. Em seu estudo sobre a ideia de privacidade na experiência burguesa, Peter Gay (1999) nota que os motivos que levam uma pessoa a escrever sobre si variam, e com eles o grau de introspecção também. Assim como existiram diaristas que desejavam preservar o passado, outros valeram-se do relato de si em sua função terapêutica, outros ainda escreviam regularmente para combater a solidão ou o isolamento. O mais importante é não perder de vista as lacunas e os silêncios de um diário:

Na verdade, muitos diários são eloquentes no que omitem, na medida em que registram sucintamente transações comerciais, a rotina cotidiana de uma fazenda, as atividades domésticas, e pouco mais. Um diário incomum, em que a dona de casa protesta contra a escravidão doméstica e seu pouco cooperativo senhor e mestre, parece um raio de luz singular, permitindo entrever de modo excepcionalmente informativo ressentimentos que devem ter sido endêmicos, mas que a maioria das mulheres guardavam fora da vista e mesmo da consciência. (GAY, 1999, pp. 364-365).

Os diários de Isabel solapam as camadas mais profundas dos sentimentos, estas apenas entrevistas. O Diário 1 apresenta uma cultura que respeita a vida privada, evitando desvelamentos. O estilo de Maria Isabel cumpre uma decorosa autodisciplina, valorizando o recato e o autocontrole. Nesse sentido, não cabe qualificar o Diário 1 como “diário íntimo”, pois a qualificação “íntima” soaria restritiva, uma vez que Maria Isabel não escreve com intenção de explorar essa dimensão. No caso do Diário 1, o termo mais apropriado seria “Diário pessoal”:

A expressão “diário íntimo” é uma questão de hábito e conveniência editorial: ela permite ao leitor identificar rapidamente qual deve ser o assunto de análise. No entanto, ela não é satisfatória: nem todos os diários são necessariamente íntimos e a expressão “diário pessoal” parece mais relevante [...]. Além disso, a noção de íntimo varia consideravelmente de um escritor para outro. (SIMONET-TENANT, 2004, p. 13).

Ao privilegiar discrição e ocultamento de emoções intensas, mudanças de assunto e silenciamento sobre suas emoções (tristezas e aborrecimentos), a escrita de Maria Isabel aponta para o recato esperado de uma mulher de sua classe.

3.1.5. Espaço inviolável

Quando quer registrar e simultaneamente esconder, Isabel usa um código próprio composto da combinação de números romanos (X, V, VIII), associados com datas e que recebe variações, como “VIII duplo”, por exemplo. Em alguns casos os códigos resultam de uma (re)leitura do diário, portanto de uma sobreposição de tempos. São incorporados em espaços alternativos da página, acima da primeira linha, por exemplo, ou no espaço entre a costura do caderno e o início da escrita, mas essa não é a regra. É visível que há muitas ocorrências dos códigos durante a primeira escrita, quando aparecem incorporados ao texto da entrada, seguidos de vírgula ou ponto final.

Isabel se mostra criativa ao desenvolver seu sistema de códigos em números romanos (X, V, VIII), que aparecem fartamente distribuídos pelo Diário 1. Em janeiro, os algarismos aparecem doze vezes; em fevereiro, onze vezes. Em março, Maria Isabel se utiliza cinco vezes da codificação. Em abril e maio, oito vezes. Em junho, seis vezes. Em julho e agosto, quatro vezes. Em setembro, apenas duas vezes. Em outubro, seis vezes. Em novembro, três vezes e em dezembro, oito vezes. Até o presente momento, a pesquisa não soube decifrar o registro sibilino. O uso de códigos para preservar segredos é recorrente entre diaristas, conforme explica Françoise Simonet-Tenant (2004, p. 36) e transforma o diário em um espaço inviolável. A codificação oculta o sentido e enfatiza a intenção de Isabel em criar um sistema privado.

Outro código criado por Isabel é referente ao termo “política”. Em 5 de fevereiro, a política aparece personificada:

5) quinta. Não fomos ao banho. Passei o dia muito indisposta, com a cabeça pesada. Joanhinha apareceu às 5 e meia para fazer-me estudar. Estudei 1 hora.

À noite apareceu a política e fui com Valdomiro e Julieta passear no bonde 13. O almoço hoje foi horrível! A Idalina ainda não acertou com as minhas lições, ninguém almoçava...

O uso do vocábulo “política”, associado a uma data (ou não), é menos frequente do que o código elaborado por meio de números romanos. Aparece seis vezes³⁰ no diário de 1925. É provável que a palavra evoque o envolvimento de Valdomiro com os assuntos políticos. A biografia de Valdomiro é dedicada à vida pública, atuação que se intensifica ao longo dos anos. É possível que essa intensificação estivesse começando em 1925. O código “política” pode corresponder aos dias em que Valdomiro precisasse se afastar da família para cumprir agendas de interesse público ou partidários. Por não ser um diário íntimo, o Diário 1 não responde à pergunta e, novamente, Isabel é bem-sucedida em tornar o diário um espaço inviolável. Ausente como assunto aprofundado no Diário 1, a política ganhará mais espaço nos cadernos subsequentes de Maria Isabel, sobretudo nos anos próximos a 1930, quando Valdomiro passa a atuar mais intensamente no campo político. Em 1925, da maneira como se representa em seu diário, Isabel está apartada da política, sendo essa própria da esfera masculina, enquanto a ela cabe o papel de “intermediária” ou “mediadora” para usar termos desenvolvidos por Vânia Carneiro de Carvalho:

O perfil psicológico típico da família tradicional, que privilegiava os interesses da família sobre os interesses próprios, tendeu a perdurar na constituição da individualidade feminina, não sem mudanças e adaptações às novas condições sociais. Uma dessas mudanças, fundamental, é a constituição da função de mediadora na própria ação de produzir a casa como local de convívio familiar. A maleabilidade social feminina, que age como força diluidora do poder de individualização, nasce de uma prática cotidiana que articula de maneira fluida personalidade, corpo e espaço doméstico. (CARVALHO, 2008, p. 109).

As vertiginosas transformações urbanas na passagem do século XIX para o XX afetavam a vida privada. Nesse contexto encontramos mulheres que excepcionalmente passam a narrar a si próprias, como Maria Isabel. Ela recusa o silenciamento que Michelle Perrot nota nos enunciados reflexivos de muitas mulheres: “‘Minha vida não é nada’, diz a maioria das mulheres. Para que falar dela? A não ser para evocar os homens, mais ou menos importantes, que conheceram, acompanharam ou com quem conviveram” (PERROT, 2017, p. 28). Se os diários examinados nesta dissertação apresentam uma escrita pouco íntima, por outro lado se

30“Política” ocorre uma vez em janeiro, uma vez em fevereiro, uma vez em maio, uma vez em agosto, uma vez em setembro, e uma vez em dezembro.

revelam muito pessoais e marcam um projeto de construção da memória. Maria Isabel afirma o *eu*, por meio do diário, fazendo-se se ouvir, mostrando autorreflexividade. A ela convinha calar emoções, esperanças e sofrimentos uma vez que a exposição seria vista como indelicada e fruto de indiscrição.

A escrita diarística e memorialística de Maria Isabel Silveira ocupa um espaço importante no universo dos relatos das mulheres, corroborando a construção da memória feminina, historicamente relegada à insignificância. O percurso exposto a partir de seus diários mais antigos apresenta, em um primeiro momento, uma escrita motivada pela identidade materna que se desdobra na escrita pessoal, quando ela se volta a escrever sobre o seu dia a dia, não mais sobre o cotidiano dos filhos.

A escrita íntima de Isabel, se por um lado não é reveladora de intensos desejos, por outro, mostra-se atenta em relação ao recato com que a nova mulher burguesa deveria, a seu ver, tratar a privacidade. Os diários rompem o silêncio, mas abafam o choro e iluminam as ambiguidades e ambivalências de mulheres presas em imagens e condutas.

3.1.6 *Maria Isabel leitora*

Em *Isabel quis Valdomiro*, a autora exhibe a sua sólida formação letrada, o ambiente intelectual privilegiado em que vivia, com o marido, reconhecido escritor regionalista:

Temos lindas revistas que chegaram agora: *História*, *Lisez-moi*, *Vie Heureuse*, fora italianas e espanholas. Agora leio pouco, pois as crianças absorvem-me o tempo. Ganhei de Valdomiro uma linda coleção dos romances de André Theuriet, vou dar um jeito de lê-la. Ele anda às voltas com catálogos que recebe de Paris. Agora recebeu uma revista em fascículos, de grafologia, muito interessante. E tudo isso não fica muito caro. (SILVEIRA, 1962, p. 79.)

Nos testemunhos de Maria Isabel ao longo das páginas do diário de 1925, destaca-se a formação de uma mulher de letras. Com frequência, ela menciona o hábito da leitura como parte de seu cotidiano e, tanto quanto “assistir a uma fita”, “costurar”, “tomar chá” e “prosear”, ler faz parte das atividades relacionadas aos seus momentos de prazer. Nem sempre os textos lidos por ela aparecem identificados pelo nome ou autor. Em algumas entradas a leitura é mencionada sem que ela classifique o tipo de texto (revista, jornal ou livro) ou o título:

Estive à noite vendo figurinos, lendo, costurando enquanto as meninas foram lá para a nossa casa escrever ao Amílcar que telefonou marcando o casamento para o dia 22 de junho por causa dos vapores, Monte [ilegível] e o Pan-América, que saem nesse dia. (19 de maio de 1925).

À noite não saímos, fiquei consertando roupas que vieram da lavadeira e lendo. (28 de maio de 1925).

Comecei a ler o livro que dei a Valdomiro. (26 de junho de 1925).

Li toda a manhã e estive muito alegre todo o dia, numa calma rara. (6 de setembro de 1925).

Tenho estudado bastante canto e piano.
E lido muito. Já acabei vários romances espanhóis. (11 de setembro de 1925).

Passei o dia lendo. (12 de dezembro de 1925).

Quando Isabel não oferece informações precisas sobre a leitura efetuada, impõe-se a ideia de um hábito pessoal, na forma de um passatempo.

No ano de 1925, as leituras mencionadas por Isabel são predominantemente de autores estrangeiros, reforçando a sua preferência por ler no idioma original, como italiano e espanhol. São mencionados cinco autores italianos e sete títulos lidos nessa língua. No mês de setembro, Isabel registra ter lido três romances da escritora italiana Annie Vivanti (1866-1942), em sequência. Ao mencionar ter lido Pirandello (1867-1936) ela não especifica a obra, e não identifiquei o autor de um dos livros mencionados [*Profumo della conquista*]. Os livros e os autores de origem italiana reconhecidos são: *Decameron* (1349-1353), de Giovanni Boccaccio (1313-1375), *L'innocente* (1892), de Gabriele d'Annunzio (1863-1938), *Le bocche inutile* (1918), *Gioia* (1921) e *Fosca, Sorella di Messalina* (1922) de Annie Vivanti e *La vita comincia domani* (1912), de Guido da Verona (1881-1939).

Exceto Boccaccio e Pirandello, autores amplamente publicados no Brasil, sabe-se pouco, atualmente, sobre os outros três escritores italianos citados por Maria Isabel. O apagamento aponta para obras e autores filiados aos termos: “novelas de segundo time”, “livros frívolos” ou “novelas sem fronteira” (MEYER, 1996, p. 17). Em *Folhetim, uma história*, estudo de elaboração da anatomia do gênero romance-folhetim, ao analisar a relação da literatura brasileira com as fontes europeias, Marlyse Meyer fornece elementos que auxiliam na compreensão do perfil da Maria Isabel leitora. Observo a atração pelo efeito de um enredo construído por peripécias concatenadas em que o leitor é tomado pelo “sentimento da vida e seus labirintos” (CANDIDO, 1996, p. 15).

Gabriele d'Annunzio foi um escritor caracterizado como “libertino e nacionalista feroz”³¹ (JONES, 2013); entusiasta da primeira guerra, estreou cedo com um livro de poemas, aos 16 anos, e se tornou prolífico e célebre internacionalmente. A obra lida por Maria Isabel, *L'innocente* narra a história de um adultério e um assassinato tendo como cenário a alta sociedade italiana de fins do século XIX. O aristocrata Tullio trai a esposa Giuliana, caracterizada como uma esposa submissa. Quando o marido viaja com a amante, a esposa se envolve com um jovem escritor. Ao regressar, Tullio desconfia da infidelidade de Giuliana que revela estar grávida. Por motivo de saúde, o jovem escritor morre e Tullio provoca a morte da criança. *L'innocente* ganhou versão para o cinema em filme de Luchino Visconti, em 1976.

Três obras de Annie Vivanti foram lidas por Maria Isabel, em 1925, aparentando ser uma escritora de sua preferência. A autora possui uma rica biografia marcada por uma formação multicultural. Annie Vivanti nasceu na Inglaterra filha de Anselmo Vivanti, comerciante e exilado político italiano e de Anna Lindau, escritora alemã – viveu na Inglaterra, Itália, Suíça e Estados Unidos. Escreveu poesia, contos e seus romances são considerados sucessos comerciais pela narrativa cativante³², fruto do amálgama entre autobiografia e ficção, como em *Circe* (1920), romance-confissão, em que a protagonista, Tarnowska Maria, testemunha um derramamento de sangue, em 1907, na Itália. Neste romance, Annie Vivanti aparece como interlocutora da personagem. *Le bocche inutile*, uma das obras lidas por Maria Isabel, narra o drama moral de um soldado obrigado a escolher entre a pátria e a vida pessoal.

Guido da Verona, poeta e romancista, é considerado escritor representativo do folhetim italiano. Publicou diversas novelas, algumas traduzidas para o português, mas atualmente suas obras encontram-se esgotadas – *A que se não deve amar*, *Um amor que volta*, *O inferno dos homens vivos*, *A mulher que inventou o amor* e *Mimì Bluette, flor do meu jardim* – esta última, de 1920, considerada grande sucesso comercial. Dele, Maria Isabel leu *La vita comincia domani* (1913).

A leitura diretamente do idioma espanhol aparece como uma de suas preferidas. No Diário 1 Isabel menciona ter lido cinco títulos em espanhol e faz referência a quatro autores que escreveram nessa língua. As obras e os autores são: *La vida inquieta* (1913), de Gregorio Martinez Sierra (1881-1947); *La hiel* (1921), de Alberto Insúa (1883-1963); *El drama de la*

³¹ Cf. <<https://m.folha.uol.com.br/ilustrissima/2013/03/1238676-gabriele-dannunzio-poeta-sedutor-e-apostolo-da-guerra.shtml>>. Acesso em 9 jul. 21.

³² Cf. <<https://www.lib.uchicago.edu/efts/IWW/BIOS/A0051.html>>. Biblioteca da Universidade de Chicago. Acesso em 10 jul. 21.

Señorita Occidente (1921) de Alfonso Hernández Catá (1885-1940); além de [*Maja*] de Goya e *Estrella de Giralda*, obras sem autoria correspondente, não identificadas pela pesquisa.

Os autores de língua espanhola estão associados ao gênero folhetinesco, como Alberto Insúa, pseudônimo de Alberto Galt y Escobar, nascido em Cuba. Formado em Direito pela Universidade de Madrid, dedicou-se ao jornalismo sendo prestigiado pela imprensa da época também como dramaturgo. Como correspondente espanhol, cobriu a Primeira Guerra Mundial em Paris, e entre suas obras destacam-se os volumes de memórias, publicados entre 1952 e 1959, em que relata a sociedade espanhola da primeira metade do século XX. Seus romances destacam-se pela temática erótica, como *Las neuróticas* (1911), *El demônio da voluptuosidade* (1911), *Los hombres: Mary los descubre* (1913) e *La hiel* (1921), título lido por Maria Isabel, em 1925.

Alfonso Hernández Catá, autor de *El drama de la señorita Occidente* (1921) foi um escritor cubano, filho de um coronel espanhol e mãe cubana. Escreveu ensaios e romances de temática erótica. Gregório Martínez Sierra, autor de *La vida inquieta* foi um escritor madrilenho que dirigiu revistas modernistas, como *Helios* e *Renacimiento*. Divulgou o movimento Simbolista e a cultura catalã. A obra lida por Maria Isabel é apresentada, no prólogo assinado pelo autor, como uma recompilação escrita em colaboração com sua esposa, a feminista, María Martínez Sierra (1874-1974) (RUIZA *et al*, 2004, s.p.).

Em *Folhetim, uma história*, Marlyse Meyer localiza a terceira e última fase do gênero entre 1871 até 1914, quando os autores se caracterizam por serem conservadores e conformistas. “Folhetim dos gritos da miséria humana”, “Romance dos dramas da vida”, “Romance dos crimes do amor”, “Romance da vítima” e “Romance da heroína”, marcam os tipos de enredos dessa última fase, a mais próxima cronologicamente do rol de leituras preferido por Maria Isabel. O adultério elemento central em *L’innocente*, do italiano Gabriele d’Annunzio, é um dos temas dessa fase:

Nota-se que o adultério é sempre do gênero feminino. O homem comete suas leviandades, mas adúltera é a mulher. É só de mulheres que trata a série dos Dramas do adultério do sempre citado Xavier de Montépin. É um crime que a sociedade não perdoa. (MEYER, 1996, p. 253).

Além do gosto das leituras que primam pelo efeito do enredo, observo o interesse da diarista por romances que investigam e analisam os problemas sociais. No Diário 1 não há menção de autores e títulos de literatura brasileira – dado que reforça a influência de gostos voltados ao padrão eurocêntrico – mas, em língua portuguesa são citados *Os Maias* (1888) e *A*

capital (1925), ambos de Eça de Queirós (1845-1900), romances caracterizados pela presença do adultério e de forte crítica social à alta sociedade lisboeta.

Ao pesquisar o universo dos autores e obras lidos por Maria Isabel, torna-se evidente sua preferência pela prosa, destacando-se o romance, gênero com grande ascendência em nossa sociedade burguesa. É também pela prosa que ela se narra diariamente, deixando para a posteridade seus traços datados.

Ao investigar como Maria Isabel retrata sua relação com a produção literária de Valdomiro não encontrei muitas pistas. Há apenas uma referência indireta no dia 15 de julho: “Valdomiro foi depois cumprimentar o conferencista que abriu a conferência falando sobre a obra de Valdomiro.”. Há menção sobre a vasta biblioteca do marido, dividida entre livros de literatura e livros de direito, que Maria Isabel se encarrega de organizar, e também da sociabilidade do escritor com outros escritores, como no dia 26 de dezembro: “Valdomiro almoçou com Bastos Tigre, Martins Fontes, Agenor e outros, no Miramar.”, mas não foi possível localizar no diário de 1925 as pesquisas que o escritor fez sobre o universo regionalista ou ainda os trâmites que envolvem a publicação de um livro. São muitas as ocorrências do nome do escritor no Diário 1 associadas ao papel de marido que acompanha Isabel em seus passeios noturnos e como provedor. No diário, a menção a Valdomiro é constante, sendo comum Isabel referir-se às ausências de seu marido em viagens para São Paulo, com referências ao cotidiano dele no escritório de advocacia.

TECENDO COM OS FIOS DA MEMÓRIA

Diante do vultoso material atribuído a Maria Isabel Silveira, busquei problematizar a busca da autonomia pessoal e a tensão existente na escrita de mulheres representantes da aristocracia social brasileira. Os diários e cadernos de Maria da Glória Quartim de Moraes e Maria Isabel Silveira por um lado apresentam discursos conservadores e não feministas, por outro ângulo, pela lente das escritas de si, demonstram não ser possível emparedar as mulheres em visões estereotipadas. Atualmente, não se refuta a ausência de mulheres no discurso histórico tradicional, tampouco que a conquista do território da escrita, da carreira das letras, se configurou difícil para as mulheres no Brasil. As pesquisas acadêmicas têm contribuído para preencher essa grande lacuna, processo com o qual o presente trabalho pretendeu contribuir. Diversos campos do conhecimento têm se voltado para investigar o campo do privado de onde deriva a presença das mulheres. No ensaio “Práticas da memória feminina”, a historiadora Michelle Perrot explica a perspectiva da história tradicional em privilegiar o espaço público como sua principal matéria: guerras, feitos políticos, conquistas territoriais, por exemplo, onde mulheres pouco circulavam. A frase que abre o texto sintetiza e impacta pela força e veracidade: “No teatro da memória, as mulheres são sombras tênues” (PERROT, 1989, p. 9). Atréada a essa circunstância, as instituições de custódia como espaços vinculados ao poder (SIMONET-TENANT, 2017, p. 85) reforçam o silenciamento. Este trabalho reforçou o fato de os diários de Maria Isabel virem à tona graças à importância de Valdomiro Silveira. Encontrados os cadernos de Maria da Glória junto ao material atribuído à Maria Isabel, pretendi demonstrar a proximidade da família com a escrita, assim como a documentação de Maricota serviu de contraponto para situar a escrita de Isabel inserida e adequada ao gênero e classe social.

O interesse de Maria da Glória pelos assuntos políticos e sua postura crítica em face do catolicismo atestam a autonomia intelectual da matriarca. A análise dos seis cadernos da mãe de Maria Isabel introduz o leitor no espaço ocupado pela escrita como um lugar restrito, pertencente a uma esfera de poder associada ao gênero masculino. Distante do casamento e das convenções que engessavam a mulher das classes burguesas, Maria da Glória desfrutou de liberdade para se aventurar em espaços masculinos, formulando opiniões críticas sobre a política e os costumes. O hibridismo que marca a escrita de Maria da Glória se contrasta com a escrita regular e bem-comportada de Maria Isabel. Ao se dedicar, na velhice, a escrever em retrospecto sobre sua infância e mocidade, Maria da Glória atribui às suas memórias o caráter de uma obra fechada em que se projeta um sentido ao todo narrado.

O mesmo fenômeno se observou no segundo capítulo desta dissertação, confrontando os “Diários dos filhos” e *Isabel quis Valdomiro*. Procurei explicitar os pontos de contato entre os dois gêneros, a prova da autenticidade do relato memorialístico baseada na escrita diarística e a distinção entre ambos:

[...] o diário distingue-se claramente da autobiografia e das memórias que supõem uma narrativa retrospectiva realizada por um plano geral, uma escrita panorâmica. A perspectiva retrospectiva e reconstrutiva da autobiografia contrasta com a escritura repetitiva, tateante e tendendo muitas vezes para o futuro – em particular nos diários de juventude – do diarista. (SIMONET-TENANT, 2004, p. 21).

Em ambos, Maria Isabel se autorrepresenta adequada aos papéis delineados para uma mulher de sua classe social. Além de validarem esses papéis, os “Diários dos filhos” e *Isabel quis Valdomiro* iluminam a maternidade como a grande realização de Maria Isabel. Beneficiando-se do interesse editorial brasileiro na década de 1960, Isabel logra conciliar a caneta a gêneros associados ao sexo feminino ao ver, no final da vida, seu livro publicado, diferentemente do que sucedeu à sua mãe. No discurso fechado do livro, Maria Isabel dirige a escrita para sobressaírem o trunfo em desenvolver o humor para fugir da monotonia e a estratégia traçada para conquista da casa própria.

A análise do Diário 1 (1925) marca o lugar social de Isabel, situada em uma classe burguesa emergente que normatizava a mulher nos papéis de esposa, mãe e dona de casa. A escrita encontra motivação na novidade; os novos hábitos sociais, advindos com a urbanização das cidades, caracterizam os dias representados positivamente por Maria Isabel. Um dia bem vivido tem as marcas da mobilidade, da sociabilidade e do consumo. Como leitora, Maria Isabel passou a ser parte de um público consumidor decisivo para a nova sociedade que se consolidava nas primeiras décadas do século XX.

Ao contrário do esperado, quando (ingenuamente?) se adentra no universo das escritas de si, o Diário 1 de Maria Isabel não registra segredos, nem devassa aspectos da intimidade. Configura-se mais como diário pessoal do que diário íntimo, iluminando o autocontrole em relação ao sentimentalismo ou à emoção:

[...] Mas essa missão de memorialista deve respeitar limites implícitos. O pessoal e o muito íntimo são banidos como indecentes. Se a jovem se obstina até o ponto de se apropriar, timidamente, do diário íntimo, a mulher casada deve renunciar a ele. Não há lugar para tal forma de escrita no quarto conjugal. A memória feminina, assim como a escrita feminina, é uma memória familiar, semi-oficial. (PERROT, 1989, p. 14).

Se o diário de 1925 é marcado pelo decoro e pela discrição, vislumbramos, porém, algumas brechas de descontentamento e insatisfação (sem desdobramentos). Mesmo que escreva sem a intenção de publicar, o diário de Maria Isabel engendra um discurso de si que pressupõe uma encenação. O retrato que Maria Isabel se esforça em construir, não permite manifestações impetuosas; ela incorpora ao diário a qualidade do decoro sendo a autocensura uma característica significativa em muitas escritas femininas:

[...] Uma certa culpabilidade decorre dessa transgressão de um domínio sagrado. Dessa parte secreta dela mesma, desse pecado que foi gozo, não serão deixados vestígios. Desse modo, as mulheres, frequentemente, apagam delas mesmas as marcas que adquiriram dos passos que deram no mundo, como que se deixá-las transparecer fosse uma ofensa à ordem. (*idem*, p. 12).

O diário 1 de Maria Isabel tem as marcas do gênero e de sua classe social Expressa fortemente um lugar na sociedade e as expectativas que se colocam sobre a mulher nesse momento. Reflete a mulher como mediadora entre o espaço público e o privado, com função de preparar a casa para bem abrigar a família e o marido. Reflete, ainda, a mãe com função de educadora, que transmite aos filhos os valores dessa camada em ascensão – nos moldes eurocêntricos –, que absorve, incorpora e difunde a nova dinâmica econômica, expressa em novos hábitos de consumo.

Esta dissertação procurou demonstrar como as escritas de si, memórias e diários produzidos no início do século XX, remetem diretamente à questão dos regimes de autoridade e dos discursos de construção historicamente masculina. Os diários de mulheres lançam luz crua sobre a herança patriarcal, a divisão sexual nas formas de sociabilidade, a moral católica nos traços da formação brasileira e sobre as obstruções históricas e culturais enfrentadas na escolarização e na profissionalização das mulheres.

Mergulhando na alentada produção memorialística que nos legou Maria Isabel Silveira, procurei desvendar a matéria e a materialidade de sua escrita. A estrutura e o estilo dessa escritura foram perscrutados, assim como seus traços marcantes. Contudo, restam muitas perguntas sem respostas, visto que 41 diários de Maria Isabel serão analisados dando continuidade à pesquisa, no âmbito de um doutoramento. A primeira delas é se o conjunto de diários mantém características semelhantes às aquelas levantadas no Diário 1. Se se observam os mesmos códigos criados a partir da utilização dos números romanos e do uso de “Política”? Caso os códigos permaneçam, seria possível lançar hipóteses e chegar em respostas para o que significam? Me pergunto se o decoro observado no caderno 1 permanecerá nos diários subsequentes, ou se a diarista modificará esse traço e preencherá os cadernos com motivos

íntimos. A regularidade com que escreve e a gestão que faz nas páginas do diário de 1925 serão preservados? O uso de espaços alternativos dos cadernos, como a borda entre a costura e a escrita ou as partes em branco, acima das primeiras e últimas linhas das páginas, por exemplo, continuarão sendo utilizadas como lugares para anotações consideradas à margem da escrita principal, como o tempo (se choveu, fez sol)? Os diários serão levados em passeios e viagens feitas por Isabel, ou abrigarão lapsos temporais como entre os meses de setembro e outubro de 1925, quando a diarista viaja para o Rio de Janeiro?

Outra das minhas indagações é sobre o modo como as trocas de correspondências vão se comportar nos diários preservados. Tida como principal intertexto do diário, a pesquisa de doutorado se dedicará a examinar o diálogo entre as cartas figurado nos diários. Com qual finalidade Maria Isabel reproduz a correspondência? As reproduções privilegiam qual tipo de correspondência? Os diários se mantêm como prática e conduta, sem que neles se identifique a intenção de transformá-los em publicação?

Há uma concentração de temas políticos nos diários de Isabel na década de 30. São Paulo passa por uma revolução e isso se faz sentir, mesmo que superficialmente, na minha primeira aproximação com os diários daquele período. Haverá uma influência de Valdomiro em seus escritos? Seus cargos políticos teriam aproximado a esposa desses temas? Isabel discutirá temas políticos no diário? De que forma a política aparecerá? O mesmo ocorre com os diários da década de 40, no que se refere à temática da Segunda Guerra Mundial.

A investigação do desenvolvimento das leituras de Maria Isabel nos diários subsequentes ao de 1925 será um dos principais objetivos da minha pesquisa de doutorado. A análise do diário 1 revelou o gosto da diarista por clássicos da literatura universal, como Boccaccio, e por autores hoje desconhecidos, representativos do folhetim. Em seu interesse pelos “dramas da vida” procurei demonstrar a atração da leitora pelo efeito do enredo e pela crítica social, por uma leitura que primava por encadear ações e reviravoltas revelando o espírito de um tempo: “(...) o folhetim não é algo unívoco, fechado, mas tem uma história, a qual se inscreve na história”. (MEYER, 1996, 1996, p. 18). A grande repercussão do gênero no Brasil integra nossa historiografia literária e, recuperar a formação da leitora que se faz escritora no diário, contribuirá aos estudos literários.

O mapeamento dos 52 diários deixados por Maria Isabel, revela que a década de 40 concentra o maior número deles. Em 1941 ocorre o falecimento de Valdomiro Silveira. Quais implicações dessa ausência reverberará nos diários? Como Maria Isabel se autorrepresentará como viúva? Como, nos diários, será registrada a questão da dependência econômica de Maria

Isabel, presente no Diário 1. Como a questão de gênero – categoria que revela diferenças estruturais de poder entre homens e mulheres – se comportará nos demais diários após 1925? Continuará sendo significativo o discurso de Maria Isabel diante de seu gênero e classe?

Por fim, o presente trabalho pretendeu analisar as escritas de si em sua complexidade, expondo as suas características e problemáticas, com a expectativa de que novos diários escritos por mulheres sejam descobertos e que ecoem como forma de perpetuação e resistência ao esquecimento.

5.2. Reprodução fotográfica

Dona Maricota, mãe de Isabel, em Caxambu (MG). Fonte: Moraes, [1981], p. 7.





Cadernos de Maricota. Arquivo IEB/USP, Fundo Valdomiro Silveira.



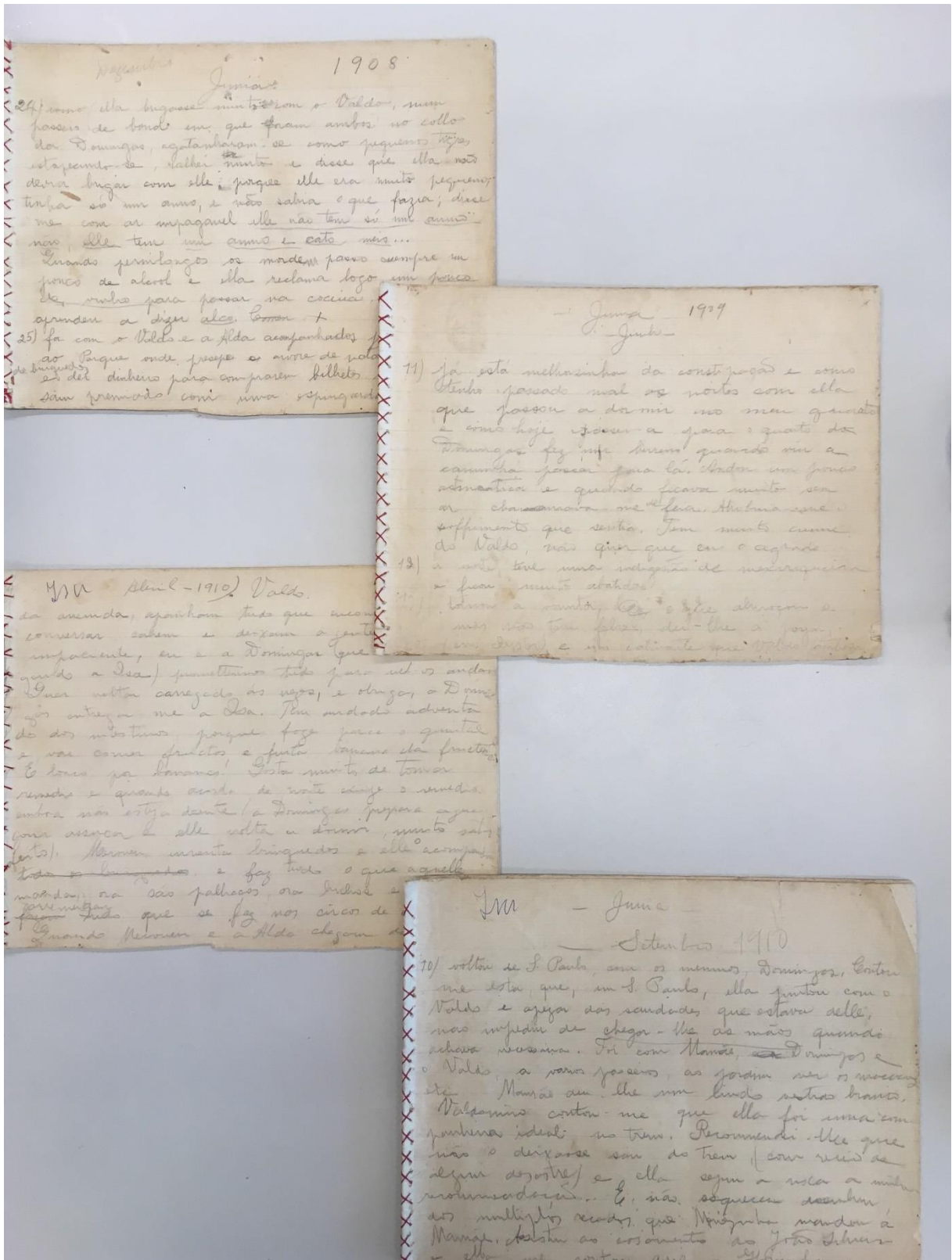
Capas de livros das mulheres escritoras da família de Maria Isabel Silveira.



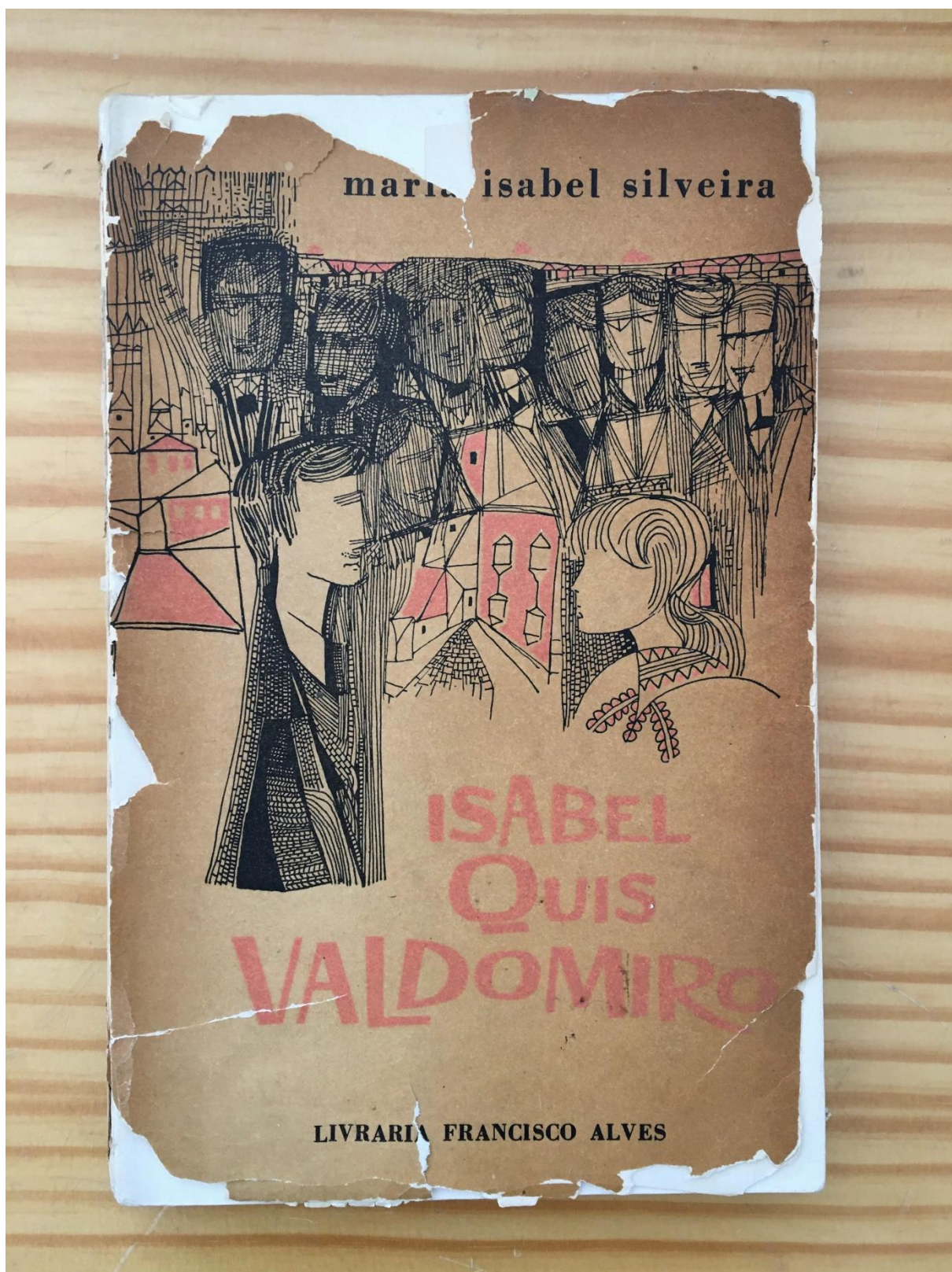
Retrato de Valdomiro e Maria Isabel, 1904. Arquivo IEB/USP, Fundo Valdomiro Silveira, código de referência VS-F-001.



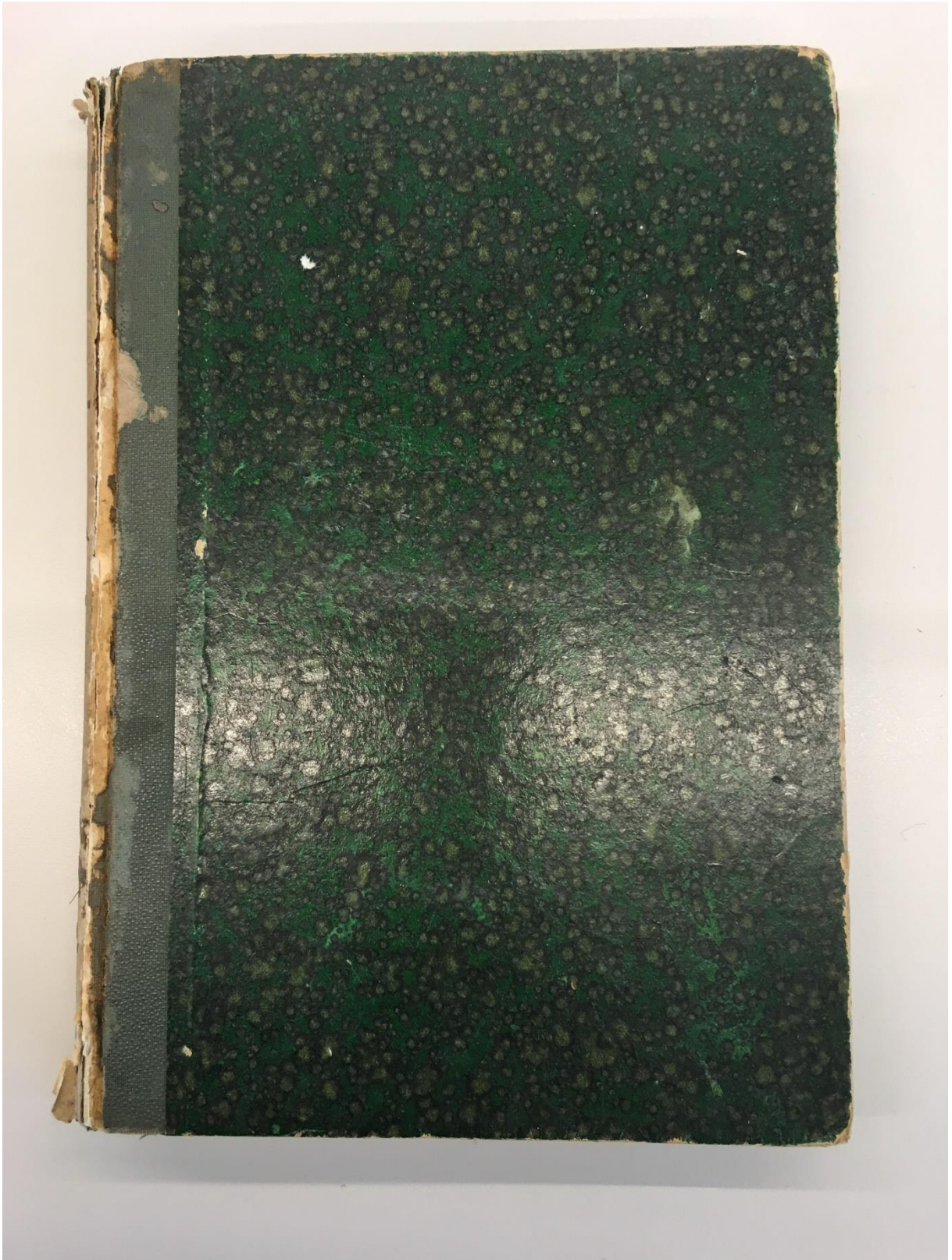
Isabel e Valdomiro. Arquivo IEB/USP, Fundo Valdomiro Silveira, código de referência VS-F-005.



Diários dos filhos costurados manualmente. Arquivo IEB/USP, Fundo Valdomiro Silveira, códigos de referência VS-CAD-MI-001, VS-CAD-MI-002, VS-CAD-MI-003, VS-CAD-MI-005.



Capa do livro publicado em 1962.

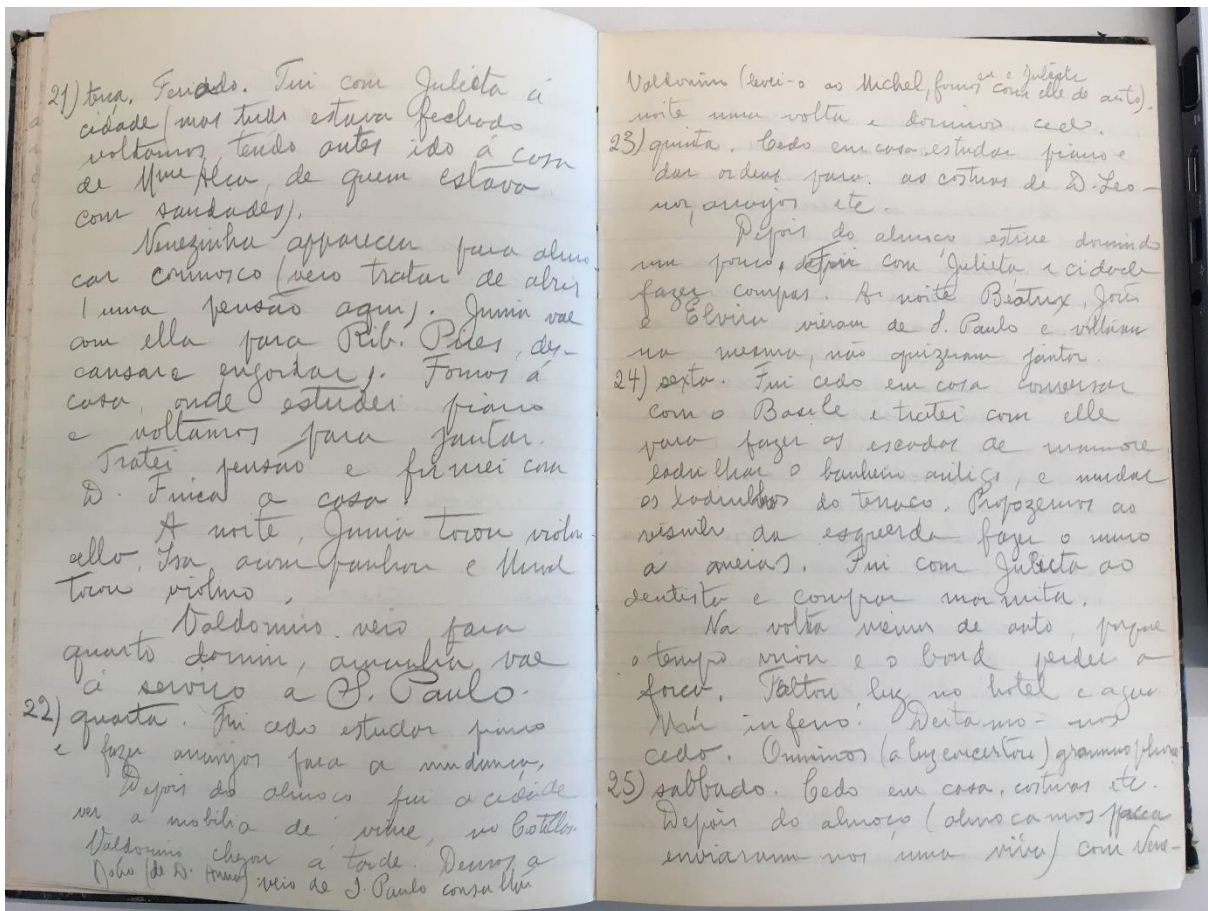


Diário de 1925, com lombada de couro. Arquivo IEB/USP, Fundo Valdomiro Silveira, código de referência VS-DIA-MI-013.

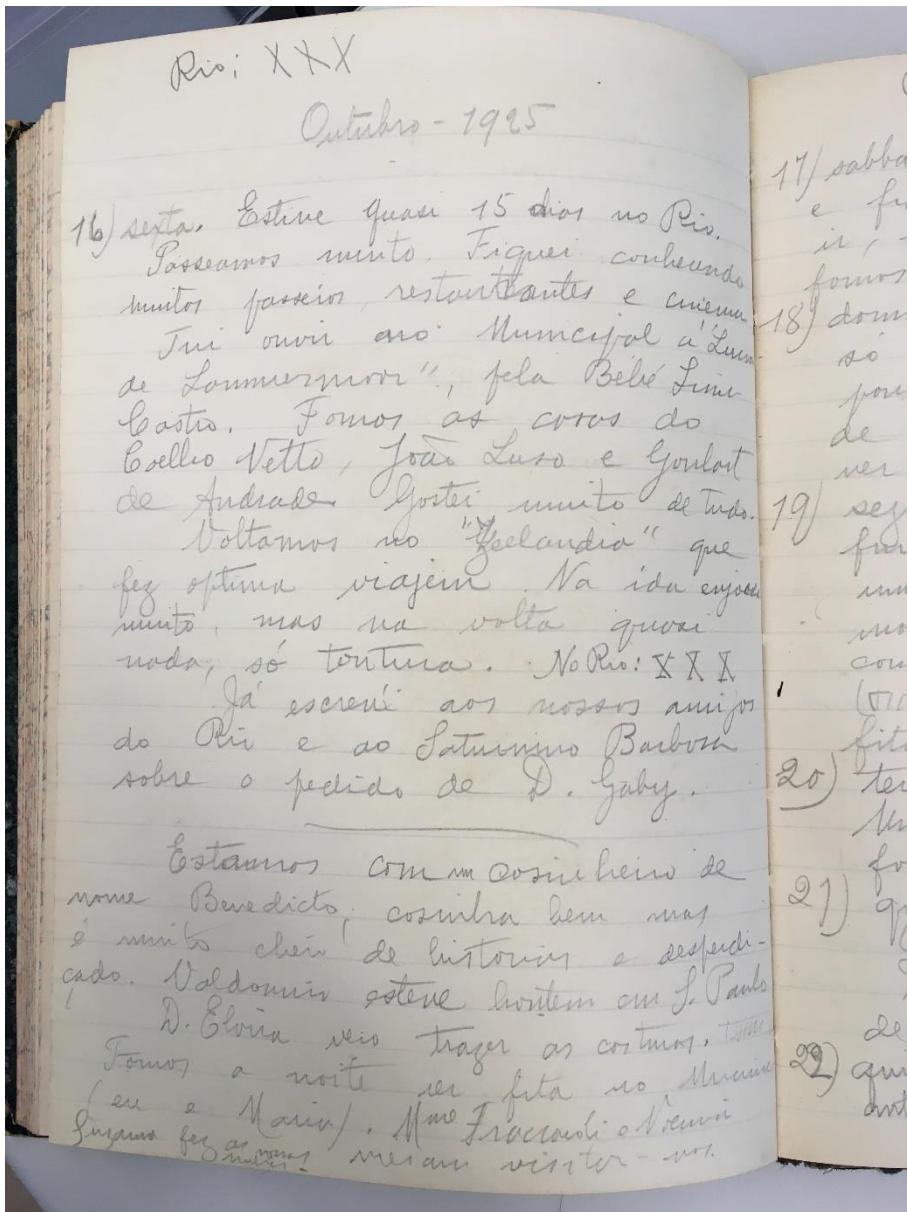
Janeiro - 1925.

1) entrei o anno bebendo, com todos a mesa (isto a meia noite) um vinho espumante italiano, saudando a entrada de 1925 (VIII). Comemos castanhas, biscoitos, figos, passas, nozes, amendoas, anellãs etc. etc. Estava muito alegre. Deitamo-nos em seguida. Levantamo-nos cedo. Estive toda a manhã em arrumacoões, depois descansei na cama, dormindo um pouco. Almoçamos a 1 hora, um lindo peixe, que estava delicioso, bebemos varios vinhos doces, que recebemos e outros que compramos. Comemos castanhas etc. Castreei um pouco. Martine e Heitor vieram nos ver e aqui estiveram duas horas e tanto. Aquelle levou-nos a linda peca "Embarque para Leythier" que nos encantou. A tarde fomos ao banho de mar; encontramos na praia com Olga e Edmundo, tendo este

Diário de 1925. A indicação da data com mês e ano centralizados e dia na primeira linha seguido de parêntese é uma característica da escrita diarística de Maria Isabel. Arquivo IEB/USP, Fundo Valdomiro Silveira, código de referência VS-DIA-MI-013.



Diário de 1925. Página dupla: 21, 23, 23, 24 e 25 de abril. Arquivo IEB/USP, Fundo Valdomiro Silveira, código de referência VS-DIA-MI-013.



Diário de 1925. Mês de outubro. Maria Isabel viaja para o Rio e o diário tem o maior lapso temporal. Arquivo IEB/USP, Fundo Valdomiro Silveira, código de referência VS-DIA-MI-013.

Política - 8-1-25 - 25

está combinando com ella a confissão
do suporal. X

8) quinta. Estudei 1 hora de piano cedo, de
pois de ter ido com Helena ao banho de mar.
Depois a noite em que vamos
dormir telefonaram diversas pessoas para
cá, avisando Valdomiro, de que o escriptorio
estava com a porta aberta. Levamos um susto
e Valdomiro foi de auto verificar se em
algum roubo ou plano para ladrões, o
afastarem de casa, para assaltarem a
nossa casa sem defeso. Afinal tudo foi
só relaxamento do empregadinho.

Joanninha veio dar lição de canto
mas só deu a Lra. Olga veio as 3 hrs
ver passar por aqui o casamento da
Lina Morandi, que vimos passar às 4h.
D. Eugenia Cruz, que foi mulher
professor veio visitar-me e cá jantou
conosco. Ha vinte annos não a via. Ella
me conheceu menino.

Dexei-me cedo, para descansar, o
calor está insuportavel. 40 graus!

9) sexta. Estudei mais de uma hora de piano
de manhã. Calor horrivel!

Diário de 1925. Além

dos números romanos serem utilizados como códigos, Isabel também recorre a “Política” que aparece no alto da página no mês de janeiro, para esconder sentido. Arquivo IEB/USP, Fundo Valdomiro Silveira, código de referência VS-DIA-MI-013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria Inês de (Org.). *Para que serve a escrita?* São Paulo: EDUC, 1997.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Uma forma de saudade: páginas de diário*. Organização de Pedro Augusto Graña Drummond. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. Tradução Dora Rocha. *Estudos históricos: Arquivos Pessoais*. Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, pp. 9-34, 1998. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>>. Acesso em 17 jul. 2021.
- BARBOSA, Alexandre de Oliveira. *Edição anotada de Mucufos, coletânea de contos inédita de Valdomiro Silveira*. 2007. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-03122007-100857/pt-br.php>> Acesso em 17 jul. 2021.
- BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. São Paulo: Obliq, 2018.
- BARTHES, Roland. Deliberação. In: *O rumor da língua*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BELLOTTO, Heloísa. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 4ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. In: *O livro por vir*. Tradução de Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BRANCO, Lúcia Castello. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BRASIL, Cecília Assis. *Diário de Cecília de Assis Brasil*. Organização de Carlos Reverbel. Porto Alegre: L&PM, 1983.
- BOSI, Alfredo. O cemitério dos vivos: testemunho e ficção. In: *Diário do hospício – O cemitério dos vivos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus: Diário 1*. 5ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- CARDOSO, Lúcio. *Diários*. Organização, apresentação, cronologia, estabelecimento de texto e notas Écio Macedo Ribeiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e artefato: O sistema doméstico na perspectiva da cultura material. São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: Edusp /Fapesp, 2008.
- CARVALHO, Maria Elizete Guimarães; MORAIS, Grinaura Medeiros de; CARVALHO, Bruna Katherine Guimarães. Dos castigos escolares à construção de sujeitos de direito: contribuições de políticas de direitos humanos para uma cultura da paz nas instituições educativas. *Ensaio: Avaliação e*

Políticas Públicas em Educação, [S.l.], v. 27, n. 102, pp. 24-46, jan. 2019. Disponível em: <<https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/ensaio/article/view/1366>>. Acesso em: 21 mai. 2021.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: *Histórias das mulheres no Brasil*. Organização de Mary Del Priore. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. “Mulheres sem história”. *Revista de História*, n. 114, pp. 31-45, 1983. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/62058>>. Acesso em 17 jul. 2021.

DIDIER, Béatrice. *Le journal intime*. Paris : Presses Universitaires de France, 1976.

DUARTE, Constância Lima. A história possível: imprensa e emancipação da mulher no Brasil no século XIX. In: *Imprensa feminina e feminista no Brasil – Século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DUARTE, Constância Lima. Arquivos de mulheres e mulheres anarquizadas: histórias de uma história mal contada. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 30, p. 63-70, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9136>>. Acesso em: 17 jul. 2021.

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. Tradução de Fátima Murad. São Paulo: Edusp, 2009.
FERREIRA, Celso Antonio; MAHL, Marcelo Lapuente (Orgs.). *Letras e identidades: S. Paulo no século XX, capital e interior*. São Paulo: Annablume, 2008.

FOUCAULT, Michel. “A escrita de si.” In: *O que é um autor?* Tradução de António Fernando Cascais. Lisboa: Passagens. 1992, pp. 129-160.

GALVÃO, Patrícia. *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

GOMES, Angela Maria de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil: e de uma estada nesse país durante parte dos anos 1821, 1822 e 1823*. São Paulo: Editora Nacional, 1956.

HEYMANN, Luciana. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o Caso Filinto Muller. In: *Revista estudos históricos*, n 19, pp. 41-66. 1997. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2041>. Acesso em: 17 jul. 2021.

IRMÃZINHAS DE JESUS. *O renascer do povo Tapirapé: diário das irmãs de Jesus de Charles de Foucauld – 1952-1954*. São Paulo: Salesianas, 2002.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo. Diário de uma favelada*. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2014..

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2014.

LACERDA, Lilian de. *Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo Machado. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. *Estudos Avançados (USP)*, v. 33, n. 96, pp. 93-108, 2019. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v33n96/0103-4014-ea-33-96-91.pdf>>. Acesso em 16 fev. 2020.

MACHADO, Maria Helena P. T. *O Brasil no olhar de William James: cartas, diários e desenhos – 1865 -1866*. São Paulo: São Paulo: Edusp, 2010.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *Diário íntimo*. Organização Maria Helena P. T. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MAGALHÃES, Bernardina Botelho de. *O diário de Bernardina: da monarquia à República pela filha de Benjamin Constant*. Organização, introdução e notas de Celso Castro e Renato Lemos. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Editora Siciliano, 1995.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. *História da vida privada no Brasil*, v. 3. Organização: Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890 – 1922)*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MIRANDA, Wander Melo. SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MOFFAT, Mary Jane; PAINTER, Charlotte (Orgs.). *Revelations Diaries of Women*. New York: Vintage Books Edition, 1975.

MONTERO, Rosa. *Histórias de mulheres*. Porto: Edições Asa, 1997.

MONTEIRO, John Manuel. Caçando com gato: Raça, mestiçagem e Identidade Paulista Na Obra de Alfredo Ellis Jr. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 38, p. 79-88, 1994.

MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2001.

MORAES, Maria da Glória Quartim de. *Reminiscências de uma velha: compilado por Yone Quartim*. s. l. s. n. [1981]. 219 p. O exemplar pode ser encontrado na biblioteca da FFLCH pelo número de localização: 929.2 Q27r.

- MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NABUCO, Joaquim. *Diários: 1873-1910*. Edição e notas de Evaldo Cabral de Mello. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2006.
- PAULS, Alan. *Cómo se escribe el diario íntimo*. Buenos Aires: El Ateneo, 1996.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução: Angela M. S. Corrêa. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Ufanismo paulista: vicissitudes de um imaginário”. *Revista USP*, n. 13, pp. 78-87, 1992. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25601>>. Acesso em 16 fev. 2020.
- RIBAS, Elisabete Marin. “Várias histórias para uma: o arquivo do IEB e seus fundos pessoais.” In: *Arquivos pessoais: experiências, reflexões, perspectivas*. Organização: José Francisco Guelfi CAMPOS; Associação de Arquivistas de São Paulo. São Paulo: ARQ – SP, 2017. Disponível em: <http://arqsp.org.br/wp-content/uploads/2016/11/Arquivos-pessoais_experiencias_reflexoes-perspectivas_1_e-book.pdf>. Acesso em 27 mar. 2018.
- RUIZA, M.; FERNÁNDEZ, T; TAMARO, E. (2004). Biografia de Alberto Insúa. En *Biografías y Vidas. La enciclopedia biográfica en línea*. Barcelona (Espana). Disponível em <<https://www.biografiasyvidas.com/biografia/i/insua.html>>. Acesso em 29 jun. 2021.
- SALIBA, Elias Thomé. Histórias, memórias, tramas e dramas da identidade paulistana. *História da cidade de São Paulo*, v. 3: a cidade na primeira metade do século XX. Organização de Paula Porta. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Quase diário: 1980-1999*. Porto Alegre: L&PM, 2017.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. *História da vida privada no Brasil*, v. 3. Organização de Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lima Barreto e a escrita de si. *Estudos Avançados (USP)*, v. 33, n. 96, pp. 137-153, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/MqHwT936bYSrR4w5KKq6j/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 17 jul. 2021.
- SCOTT, Joan. História das mulheres. In: *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- SEVCENKO, Nicolau. Transformações da linguagem e advento da cultura modernista no Brasil. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, pp. 78-88, 1993. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1950/1089>>. Acesso em: 17 jul. 2021.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. *História da vida privada no Brasil*, v. 3. Organização de Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVEIRA, Helena. *Paisagem e memória*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

SILVEIRA, Maria Isabel. *Isabel quis Valdomiro* (memórias). São Paulo: Francisco Alves, 1962.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Mulheres, arquivos e memórias. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 71, p. 19-27, dez. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rieb/a/GNLNZdqgjysPsjz8XBSGk6D/?lang=pt>>. Acesso em: 17 jul. 2021.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2019.

SIMONET-TENANT, Françoise. *Le journal intime. Genre littéraire et écriture ordinaire*. Paris: Téraèdre, 2004.

SIMONET-TENANT, Françoise. Correspondances et journaux de femmes: une fonction mémorielle?. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 68, p. 84-100, dez. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rieb/a/hFzJzKRQrG7VZjQyVhwnCZP/?format=pdf&lang=fr>>. Acesso em 17 jul. 2021.

SOUZA, Eneida Maria de. *O futuro do presente – Arquivo, gênero e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: *Histórias das mulheres no Brasil*. Organização: Mary Del Priore. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A capital da vertigem: uma história de São Paulo de 1900 a 1954*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, pp. 89-112, 1993. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1952>>. Acesso em 17 jul. 2021.

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Faculdade de Letras da UFMG, 1995.

VIEIRA, Paulo R. Os diários de Max Martins. In: *Compêndio de crítica genética – América Latina*. Organização de Sérgio Romanelli. Vinhedo: Editora Horizonte, 2015.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Tordesilhas, 2014.